

UM AMOR E UMA NOITE

As Lágrimas da
Garota em Auschwitz

Jamila Mafra





**UM AMOR E UMA NOITE
AS LÁGRIMAS DA GAROTA EM AUSCHWITZ**

Jamila Mafra

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, nem a sua utilização, nem a sua transmissão em qualquer forma ou meio, sem autorização prévia da proprietária dos direitos autorais. A infração das condições pode constituir um crime contra a propriedade intelectual.

Esta é uma obra de ficção infanto-juvenil baseada na livre expressão artística e sem compromisso com a realidade. Voltada especialmente ao público pré-adolescente e adolescente, pretende proporcionar, além do entretenimento, o mínimo de reflexão aos leitores, e não retratar com fidelidade o contexto histórico da Segunda Guerra Mundial. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos ou são produto da imaginação da autora ou são usados ficcionalmente. Qualquer semelhança com acontecimentos, lugares ou pessoas reais, vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

FOGUEIRA



É impossível esquecer aquele início de noite em que o conhecimento começou a arder nas chamas do ódio. Eu era apenas uma criança que havia passado alguns dias internada no hospital e que ainda não entendia exatamente o que estava acontecendo na cidade de Berlim, mas me recordo de cada detalhe da cena que meus olhos são incapazes de esquecer.

Eu estava sentada no banco de trás do carro, meu pai dirigia enquanto minha mãe, que estava ao lado dele nos bancos dianteiros, mantinha olhares atentos para o lado de fora. Ainda me sentia fraca, apesar de estar quase totalmente recuperada.

Através do vidro entreaberto da janela pude ver jovens, estudantes, adultos e crianças nas ruas e esquinas, em volta das fogueiras, atirando nelas muitos livros, além de diversos outros materiais impressos.

Era início de maio quando foram organizadas manifestações nas praças principais, ruas e cidades universitárias, onde atearam fogo a enormes quantidades de livros de autores judeus, esquerdistas, comunistas e quaisquer outros considerados subversivos pelo regime de Hitler.

Hoje sei que os nazistas pretendiam uma suposta revolução com tudo aquilo. Através do que chamavam de revolução, as influências culturais estrangeiras ou contrárias aos propósitos do Terceiro Reich seriam eliminadas e o puro espírito alemão assim ressurgiria.

— Papai, por que as pessoas estão jogando aqueles livros na fogueira? – eu perguntei, ainda ingênua, em tom de voz baixo, quase sussurrando.

Meus pais entreolharam-se, pareciam constrangidos para me dar uma resposta.

— Isso faz parte da revolução cultural, minha filha – meu pai respondeu, como se naquela idade eu já compreendesse o profundo significado da palavra revolução.

— Revolução? –demonstrei estar confusa quanto ao significado da palavra.

— Sim, Lindie. Todos estão queimando aquilo que não é bom para nós alemães e preservando a nossa cultura – minha mãe tentou me explicar.

— Esses livros que estão sendo destruídos foram escritos por pessoas más e

propagam ideias que não são boas para nós – meu pai comentou mais uma vez.

— Querida, na escola sua professora vai explicar melhor tudo que está acontecendo. Logo você estará completamente recuperada e poderá voltar a frequentar as aulas – minha mãe preferiu encerrar o assunto.

Houve uns minutos de silêncio. As chamas ainda ardiam para todos os lados. Meu pai comentou com minha mãe:

— Os alemães não têm que apenas aprovar o Terceiro Reich, precisam apoiar nosso governo de corpo e alma.

— Sim, meu amor. Nada, nem mesmo crenças religiosas, nem escrúpulos éticos, falsos moralismos, nem mesmo nenhuma tradição impedirá nossa revolução de acontecer – minha concordou com ele.

Permitir que os livros ruins sejam queimados abre caminho para permitir que os livros bons também sejam. Tudo aquilo considerado um desvio dos padrões do nazismo foi destruído sem piedade. Milhares de livros foram tragados pelas chamas da ignorância.

Alguns intelectuais justificavam essa atitude dizendo que era necessária a purificação radical da literatura alemã em relação a fatores que poderiam contaminar a cultura ariana.

ANIVERSÁRIO DE DEZESSEIS ANOS



Eu ainda me lembro como se fosse ontem do dia em que aquele homem tomou o poder no meu país. E como eu poderia me esquecer, depois do medo que vi brotar dos olhos de algumas das minhas amigas judias?

No dia 2 de agosto de 1934 Adolf Hitler tornou-se o presidente da Alemanha, porém não pelo voto do povo, não pela vontade da maioria, e sim por um golpe do destino, por meio de ardis políticos que o levaram ao poder, um simples ex-cabo do exército alemão, um ex-aspirante a pintor de quadros.

Adolf era extremamente persuasivo, há anos já liderava o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou simplesmente Partido Nazista. Um ano antes, ainda como chanceler do país, Hitler começou a levar adiante seu plano de segregação racial. Baseado em ideologias eugênicas, ele prometeu ao povo um país sem pessoas doentes, loucas, imperfeitas, negras e judias.

Eu me perguntava: o que há de errado em existir um mundo com pessoas imperfeitas? O que há de errado em existir no mundo pessoas de etnias e raças diferentes? A diversidade e a imperfeição são fatos naturais da vida.

Nunca acreditei naquela história de que nós arianos éramos superiores às outras civilizações existentes na Terra. Ser humano é ser humano em qualquer lugar do planeta. Mas Hitler prometeu ao povo um país de pessoas perfeitas, semelhantes aos antigos deuses nórdicos. E, para dar a todos os seus cidadãos esse mundo maravilhoso, campos de concentração, ou, em outras palavras, presídios de assassinatos em massa, foram construídos em larga escala.

Nesses campos de concentração judeus, homossexuais, evangélicos, revoltosos e todos os considerados uma ameaça ao Estado alemão e à purificação e soberania da raça ariana eram presos, escravizados e mortos das maneiras mais cruéis possíveis.

O tempo passava de maneira veloz. As transformações sociais na Alemanha eram cada vez mais intensas e significativas. Tudo caminhava para o limite do absurdo.

Naquele verão de 1937, eu, Lindie Brückner, completava meus dezesseis anos de idade. Foi nessa época que meu pai Klaus, como forma de reforçar enlances políticos e promover sua boa reputação perante à sociedade, organizou uma festa magnífica no salão do Grande Hotel de Berlim para comemorar o meu aniversário. Eu era filha única. Minha mãe Ellen até engravidou mais duas vezes depois que eu nasci, mas perdeu todos os bebês devido a abortos espontâneos.

Eu quis muito que minha amiga Anne Marie estivesse lá na festa, no meu momento de alegria, mas isso não seria mais possível. Já há algum tempo a Anne vivia escondida com seus pais em um anexo secreto na casa da família Hoff. O senhor Ernest Hoff e a senhora Magda Hoff eram alemães arianos, funcionários do governo nazista e pais da Judite, também minha amiga de escola.

Ernest e Magda apoiavam secretamente movimentos subversivos à política de segregação racial do Terceiro Reich. Antes das campanhas massivas antissemitas, minha mãe, por um tempo, foi até amiga da senhora Ruth Stein, a mãe da Anne, que frequentou minha casa e minhas festas de aniversário quando criança, antes das ações de perseguição e segregação racial contra os judeus, entre o fim da década de 20 e início da década de 30. Foi por isso que a Anne e eu nunca perdemos contato. Eu ia visitar a Judite e conseqüentemente via Anne, que confiava muito em mim e nunca temeu que eu a delatasse ou a sua família.

Naquele momento eu era como Ernest e Magda: apenas fingia que concordava com todo aquele sistema político ideológico do qual eu e minha família fazíamos parte.

Até então eu ainda não pertencia a nenhum grupo de subversão, amava muito meu pai e não queria correr o menor risco de lhe causar algum dano moral, físico nem profissional.

Meu pai era um militar muito bem-conceituado, lutou anos para construir sua carreira no exército e isso muito antes de Adolf Hitler se tornar o presidente da Alemanha. Eu precisava acreditar que meu pai estava somente cumprindo ordens impostas pelo governo. Por isso eu apenas vivia a minha vida e às vezes visitava minha amiga escondida.

Confesso que tudo estava lindo naquela noite. O salão enfeitado com flores, os lustres dourados no teto e as mesas decoradas com finas toalhas brancas denotavam a nossa riqueza e poder econômico, um poder que existia talvez à custa de vidas inocentes.

Foram convidados para a minha festa os principais oficiais do exército

daquela região, suas esposas, filhos e publicitários importantes do Partido Nazista. Entre eles estava Steve Heinrich, um jovem jornalista de vinte e cinco anos de idade, também professor de História recém-contratado da Universidade de Berlim. Eu já havia escutado coisas sobre ele. Ouvi que era um professor dedicado e tinha acabado seu mestrado em História da Filosofia.

Trajada em meu longo vestido azul, me senti uma princesa, meu coração acelerou de emoção e ansiedade na presença de todas aquelas pessoas, principalmente porque meu primeiro namorado estava lá.

Posso recordar que a maioria dos rapazes queria dançar comigo. A primeira valsa da noite eu dancei com meu pai. Depois, sim, dancei com meu namorado Joseph. Na época ele tinha dezessete anos e, como eu, também fazia parte da juventude nazista.

— Meu amor, eu sei que pra você é uma frase tão repetitiva, mas você está linda de verdade, uma verdadeira princesa – ele disse, enquanto dançávamos no centro do salão.

— Você também está maravilhoso, meu príncipe – retribuí a gentileza do meu primeiro amor com um sorriso.

Dancei também com os outros rapazes, os filhos jovens dos oficiais. Steve passou o tempo todo me observando. Notei isso desde o começo da festa. Ele até tirou outras garotas para dançar, mas queria mesmo era valsar comigo. Eu estava do outro lado do salão e vez ou outra lançávamos olhares e sorrisos um para o outro. Confesso que o achei lindo desde o primeiro momento, sem contar que ele aparentava ser bem mais jovem.

Eu estava sentada à mesa com minhas amigas, uma delas a Judite, e conversávamos sobre nossos sonhos quando Steve se aproximou e me convidou para dançar:

— A senhorita me daria a honra de ter uma dança? – ele me perguntou, sorrindo.

A Judite se mostrou mais empolgada do que eu quando viu um homem mais velho me convidando para dançar. Steve era mesmo corajoso.

Joseph observava a situação e eu tive a impressão de que ele não estava à vontade me vendo dançar com todos aqueles rapazes. Sim, eu era muito assediada, não sei se por me acharem bonita ou pelo fato do meu pai ser um líder influente no exército.

Não queria causar mal-estar no rapaz por quem eu era apaixonada, mas eu também não poderia ser grosseira com os convidados que desejavam ter comigo um momento para dançar. Além do mais, eu não gostava de me sentir presa, eu não me sentia bem com a ideia de que eu tinha que ser de uma pessoa só. Eu queria me sentir livre, eu ainda era tão jovem, não podia me prender a ninguém.

Prestei atenção no sorriso do Steve, no seu olhar. Ele estava com as mãos estendidas, pronto para me conduzir ao centro do salão.

— Claro que sim, senhor – respondi com delicadeza.

— Senhor não, por favor! Meu nome é Steve Heinrich. Sou publicitário do Partido Nazista e professor na Universidade de Berlim.

— Sim, eu sei. Meu pai às vezes fala de você e elogia o seu trabalho. O seu jornal é muito bom.

— Fico feliz em saber, senhorita Lindie.

— Então, vamos à valsa! – eu sorri para ele.

Fomos para o centro do salão. A valsa escolhida para o grande momento foi “Danúbio Azul”, de Johann Strauss.

Steve e eu suavemente deslizamos nossos pés no salão. Ele me girava ao som da melodia encantadora. Todos consideraram aquele o melhor desempenho da noite. Empolgaram-se, a coreografia era única, estávamos com o olhar sintonizado.

Durante o tempo todo enquanto dançamos, quase não desviamos o olhar um do outro, sorrindo sem parar. Tempos depois eu soube pela minha mãe que, naquela hora em que dancei com Steve, dominado pelo ciúme, Joseph observava a cena e mal podia acreditar que eu brilhava em uma valsa com um homem mais velho.

Os nove minutos da valsa bailada por Steve e eu deixaram todos impressionados, a ponto de formarem um círculo ao nosso redor no salão e pararem para nos apreciar. Minha mãe comentou que Steve e eu representamos a leveza de dois pássaros no céu.

Segundo minha mãe, meu pai percebeu o que já estava para acontecer e comentou com ela:

— Meu amor, nossa filha está maravilhosa nessa valsa. Sinto que não será a primeira nem a última.

— Sim, está sendo mais emocionante do que foi com você e do que foi com o Joseph. Pobre rapaz...

— Concordo, mas o mais emocionante é ver a cara do Joseph de indignação e ciúme! Sabe, apesar de ele ser um bom rapaz, eu sinto que não combina com a nossa filha, que é tão delicada. A Lindie deveria mesmo era estar noiva de um intelectual, um médico ou engenheiro, ou mesmo um jornalista como o Steve – meu pai dizia enquanto me observava dançando.

— Nossa filha vai se casar com quem ela quiser e quando quiser. Já conversamos sobre isso. Se ela prefere o soldado, é assim que deve ser. – Minha mãe sempre me defendia.

— O problema é que as mulheres escolhem mais pelo sentimento do que pela

razão. Parece que a paixão as impede de ver o que é o melhor para si. Eu vejo claramente o que é melhor para Lindie. Steve é um homem mais culto, mais calmo. Sei bem o quanto Joseph é grosseiro quando está irritado.

— Klaus, vamos deixar que as coisas aconteçam naturalmente.

— Sim, claro, está acontecendo agora.

Ao fim da valsa todos aplaudiram com entusiasmo a mim, a aniversariante, e meu par. Steve me cumprimentou gentilmente depois que a dança terminou. Aquele foi um momento mais que especial, foi inesquecível.

CRISTAIS



Novamente vi as chamas arderem diante dos meus pobres olhos. Berlim foi incendiada na noite de 9 de novembro de 1938. O brilho das labaredas era o sinal das atitudes de ódio que viriam dali por diante por parte do governo nazista.

Em todo o país iniciou-se uma onda de violência contra os judeus, influenciada pelo governo alemão, mas fizeram com que tudo isso parecesse uma manifestação natural de revolta da população alemã contra o assassinato de um oficial alemão por um adolescente judeu em Paris.

Na época, o ministro alemão da propaganda, Joseph Goebbels, e outros líderes nazistas haviam organizado as chacinas contra os judeus muito tempo antes destas acontecerem, de modo cuidadoso e muito bem planejado. Tudo tinha que parecer uma reação natural do povo alemão, uma espécie de revolta popular contra aqueles que, segundo o Reich, deveriam ser eliminados.

A partir daquela noite, em questão de dois dias, cerca de duzentos e cinquenta sinagogas foram queimadas, em torno de sete mil estabelecimentos comerciais judaicos foram depredados, e não é preciso nem dizer que dezenas de judeus foram mortos, sem contar que cemitérios, hospitais, escolas e casas judias foram saqueados.

O que mais me chocou foi que tudo isso aconteceu diante da polícia e dos bombeiros, que nada fizeram para socorrer as pessoas, nada fizeram para apagar o fogo que consumia a cidade em labaredas de ódio.

Estou apenas contando o que eu vi acontecer. Não sei dizer se poderia existir um motivo que justificasse tanta morte e destruição, um motivo que justificasse as atitudes do governo alemão diante dos judeus. Muitos diziam que eles estavam roubando nosso país, dominando nossa economia, tomando conta de tudo o que pertencia aos alemães. Mas, se era assim, por que não apenas exilá-los? Por que não apenas expulsá-los da Alemanha em vez de causarem tanta morte e sofrimento?

O Terceiro Reich queria sangue, queria mesmo era despertar o ódio nos alemães. Aquela noite em que Berlim ardeu em chamas ficou conhecida como “Noite dos Cristais” ou ainda “Noite dos Vidros Quebrados”.

No dia seguinte, cerca de trinta mil judeus do sexo masculino foram presos em campos de concentração, onde muitos acabaram morrendo. As mulheres judias foram presas em delegacias locais. Comércio de judeus foram fechados e não puderam mais ser reabertos, passaram a existir toques de recolher restringindo as horas em que os judeus podiam circular nas ruas.

Depois da noite dos cristais, a vida dos jovens e crianças judias na Alemanha e na Áustria se tornava ainda mais complicada. Todos foram todos proibidos de entrar nos parques, museus e foram ainda expulsos de vez das escolas.

A segregação era para valer tanto na Alemanha quanto na Áustria. Foi naquele momento que muitas famílias judias entenderam que era hora de fugir para sempre ou se esconder. Muitos judeus cometeram suicídio. Eu temia pelo destino da minha amiga Anne. Seus pais já planejavam uma estratégia de fuga imediata e eu pretendia ajudá-la, mas ainda não sabia como faria isso.

FLORES



O fim de tarde ainda estava ensolarado, a brisa leve tocou suavemente a minha face, me convidando para celebrar o amor. Diante de mim havia um jardim enfeitado com rosas brancas e vermelhas que sorria com as cores da primavera, mesmo diante de tudo que acontecia lá fora.

Joseph Kaiser, um soldado berlinense, dezoito anos, cheio de vida, romântico e admirador incondicional de Adolf Hitler, rapidamente virou-se de costas para mim. Sem que eu percebesse, colheu uma flor e, com a rosa nas mãos, envolveu-me em seus braços dizendo:

— Uma linda rosa vermelha para a garota que eu mais amo nesse mundo! – Ele sorriu.

— Assim não vale! Essa rosa é do meu próprio jardim! – contestei de modo carinhoso, tocando o rosto dele.

— Só improvisei pra dizer o quanto você é bela! – ele justificou-se em tom de voz quase tímido.

— Tudo bem, eu te amo mesmo assim – confessei.

Eu e Joseph namorávamos há pouco mais de dois anos. No início, partilhávamos dos mesmos ideais, mas naquela altura dos acontecimentos meu pensamento já era totalmente contrário às ideologias nazistas, muito mais do que antes. Depois de presenciar tantos massacres contra os judeus e outras vítimas, eu já não enxergava mais as atitudes do meu pai como meros cumprimentos de ordens. Apesar disso, aqueles momentos de afeto que eu vivia com o Joseph, que muitas vezes se repetiam, me faziam sentir que ele era o amor da minha vida.

— A tarde foi maravilhosa, mas agora é melhor você ir pra casa. Preciso estudar. Meu pai já chegou e não quer que eu perca tanto tempo namorando. Tenho exames de matemática na próxima semana e o general exige que minhas notas sejam as melhores. Esse é meu último ano na escola, preciso ser uma das melhores – eu disse, com voz mansa, contrariando minha própria vontade.

— Estudar? Estando eu aqui você deveria pensar em outra coisa, em algo mais agradável para fazer – ele sugeriu.

— Em quê, por exemplo? – questionei, como se não tivesse entendido.

— Até parece que você não sabe. Sem mais conversas, me beije!

— Nada disso! – fingi não querer.

Ele me pegou pela cintura e começou a me beijar. Eu nunca resistia, era muito apaixonada por aquele rapaz. Como toda garota da minha idade, eu tinha muitos pretendentes, mas nenhum deles me encantava tanto quanto meu amado Joseph.

— Para conseguir mais um beijo meu terá que me alcançar! – eu o desafiei e saí correndo em direção à sala.

O corajoso soldado correu atrás de mim. Estava quase me alcançando quando tropecei no salto e, por sorte, caí no sofá. Rimos em voz alta. Naquele momento em que parecíamos felizes nos divertindo, o general Klaus Brückner ouviu perfeitamente nossos risos exagerados, não hesitou, dirigiu-se até a sala e nos surpreendeu. Com o olhar e tom de voz austero nos questionou:

— O que está acontecendo aqui?

— Heil Hitler, senhor Klaus! – Joseph prontamente fez a saudação, erguendo o braço direito.

— Heil Hitler, soldado Kaiser! O que ainda faz aqui em minha casa a essa hora? Sei que corteja a minha filha, mas tudo tem limite – censurou-o.

Meu pai não gostava muito de comportamentos modernos nem de risos e brincadeiras escandalosas dentro de casa. Para falar a verdade, eu nem sei como ele ainda não havia me obrigado a me casar com o Joseph ou com qualquer outro homem que fosse do interesse dele.

— Sim, senhor, tem razão. Eu estava apenas combinando com a Lindie de ajudá-la a estudar para os exames finais de matemática. Mas já estava de saída – Joseph disse, tentando se explicar.

— Assim espero. Lindie, avise a sua mãe que terei que voltar ao quartel agora mesmo. Só volto amanhã.

— Tudo bem, pai. Avisarei a mamãe – eu disse cabisbaixa.

Klaus se retirou da sala e eu não me contive ao ver a cara de medo que o Joseph fez depois de ter sido censurado pelo general e provável futuro sogro.

Depois que meu pai fechou a porta e saiu, comecei a rir de maneira incontrolável. Até aquele momento eu ainda não era capaz de imaginar todos os horrores que estavam para acontecer no meu país. Minha mente juvenil era inocente, incapaz de imaginar maldades maiores das que eu já tinha visto até aquele momento.

— Não vejo graça – Joseph disse, franzindo a testa em sinal de reprovação ao meu ataque de risos.

— Me ajudar a estudar para os exames finais de matemática foi péssimo! Você está sem criatividade pra inventar pretextos – afirmei, ainda rindo sentada no sofá.

— Seu pai é mesmo muito severo. Se você e eu não nos casarmos logo, nosso namoro não vai durar muito.

— Eu ainda estou prestes a completar dezoito anos. Eu quero estudar mais, me graduar na universidade. Não pretendo me casar tão cedo. Ainda sou muito jovem.

— Depois falamos sobre isso, Lindie. Eu acho desnecessário mulheres cursarem a faculdade. Pra quê, se depois terminam trancadas dentro de casa cuidando dos filhos?

— Então você acredita que a mulher só existe pra ter filhos e cuidar da casa?

— É assim que todas terminam.

— Pois comigo será diferente. Eu vou me graduar na universidade e ninguém vai me impedir disso. Quero seguir carreira. Ah! Aqui está meu exemplar de “Minha Luta”! – eu disse, me levantando do sofá, depois de perceber que havia caído sentada sobre o livro.

— Então está lendo “Minha Luta”! – Joseph demonstrou satisfação por ver que eu estava envolvida nos ideais nazistas.

— Sim, estou lendo-o pela segunda vez, mas é como se fosse a primeira. Li quando criança e não me lembro de quase nada. Também não era capaz de compreender a mente de um ditador como Adolf Hitler.

— É verdade. Quando somos crianças ainda não temos a plena capacidade de entender os motivos das ações realizadas pro nosso bem.

— Agora que já sou quase adulta e que tenho uma melhor capacidade de compreender, quero estudar com calma e atentamente as palavras do nosso presidente, o autor de toda essa loucura e destruição que se abate sobre esse país. – Sentei-me novamente no sofá.

— Eu já o li por várias vezes. Chama de loucura nosso querido Führer ter salvado nosso país da fome, do desemprego e da grande crise econômica?

— Eu acho uma loucura matar pessoas em nome de uma ideologia racista, eu acho uma loucura proibir crianças inocentes de irem pra escola. Eu acho uma loucura colocar fogo na cidade e em livros de autores cultos só porque são judeus – afirmei.

— Fala de Albert Einstein, seu cientista favorito? – ele indagou corretamente.

— Sim, falo dele e de tantos outros que abandonaram esse país ou que foram cruelmente banidos. Você sabe bem que eu adoro ciências, amo também filosofia, adquiri esse apreço pelo conhecimento porque sempre me dediquei ao máximo aos estudos. Tenho que falar baixo pra que ninguém escute. – Baixei meu tom de voz. – Leio bastante a respeito das teorias de Einstein, principalmente a Relatividade.

— Como conseguiu o exemplar desse livro? Manteve escondido?

— Consegui com uma amiga sueca que passou férias aqui em Berlim no verão passado. Outros conhecidos me trouxeram também artigos científicos, escritos na América, durante as olimpíadas de trinta e seis. Eu era uma adolescente empenhada em saber sobre as verdades da ciência, sempre me interessei principalmente pelos livros proibidos, porque se são proibidos é porque possuem informações importantes das quais não querem que nós saibamos.

— Lamento que pense assim. Eu mesmo queimei vários exemplares do professor Einstein e de outros intelectuais subversivos. Lindie, você não deveria ler esses livros. Você deveria apoiar o Terceiro Reich de corpo e alma. Você tem uma vida confortável graças ao emprego do seu pai como um militar respeitado.

— Sim, sei disso. Só não me envolvo em grupos de revoltosos pra não prejudicar o meu pai.

— Faz bem. Guarde suas ideias dentro de você. Será melhor assim.

— Sabe, eu era apenas uma criança, mas me lembro muito bem daquele dia, quando mais de vinte mil livros da biblioteca da Universidade de Berlim, escritos por judeus então considerados degenerados, foram destruídos, sem falar das fogueiras nas ruas e esquinas. Lembro-me bem de ver crianças, jovens e adultos jogando todos aqueles livros de autores diversos nas chamas que arderam por toda cidade.

— Foi necessário. Estávamos perdendo nossa cultura para os ideais comunistas e para tantas outras ideias que não faziam bem à mente.

— Na época fiquei muito impressionada com a cena que se repetiu por toda Berlim.

— Entenda, meu amor, foi preciso fazer isso para mantermos a ordem em nosso país. Ideias de degenerados não poderiam continuar disseminando-se para sempre entre nós.

— Se eu tenho certeza de algo, é de que nessa vida tudo passa, tudo acaba.

— Lindie, esqueça tudo isso e apenas apoie o nosso Führer. Como membro da juventude nazista, você deve ser leal ao nosso governo.

— E se eu não for leal, por acaso pretende me denunciar, me prender?

Houve silêncio por alguns instantes. Joseph se aproximou mais de mim.

— Você é mesmo uma garota de sorte, e apesar de ser tão subversiva, minha única intenção é mantê-la presa para sempre em minha vida. Meu amor, você só está um pouco confusa, mas logo se dará conta de que tudo isso é para o bem do povo alemão. — Ele se mostrou envolvido por mim.

— Ouvindo isso, tenho certeza que de fato sou afortunada. Quantos podem assumir para um soldado nazista mau que leem e apreciam a obra de um judeu banido? — Eu voltei a sorrir como no momento em que estávamos no jardim.

— Sim, você é uma garota de sorte. Perto de mim você pode dizer o que

quiser.

— Joseph, logo no início do próximo ano quero entrar logo na universidade.

— E o que quer estudar?

— Ainda estou em dúvida entre Física e Filosofia, duas áreas aparentemente opostas, mas totalmente interligadas. Gostaria tanto que o professor Albert Einstein ainda estivesse lecionando por lá. Ele é incrível! Nobel de Física em 1921! Seria uma honra conhecê-lo de perto e tê-lo como mestre – eu disse entusiasmada.

— E seu pai, disse o quê?

— Ele concordou, meio contrariado. Assim como você, ele acha que eu deveria pensar em me casar, mas minha mãe o convenceu a me deixar estudar primeiro e me casar depois.

— Tenho certeza que você é uma garota inteligente, não só porque me ama, mas também porque se interessa pela ciência, mesmo que goste de um sujeito banido da nossa sociedade. Se você quer entrar pra universidade, vá em frente.

— Achei que você seria contra e que teríamos que terminar nosso namoro.

— Se eu não te amasse do que jeito que eu te amo, já teria te deixado. Você está se tornando uma mulher moderna demais, subversiva, independente. Mas por você eu espero, por você eu tolero o doutor Albert Einstein.

— Sabe, uma vez, na infância, quando eu voltava da escola, passei em frente à Universidade de Berlim e vi de longe o professor Einstein chegando. Um aluno chamou por ele, que se virou, e então os dois começaram a conversar. Foi um momento muito especial tê-lo visto naquele minuto – eu disse risonha.

— Einstein deixou a Alemanha já há cinco anos. É judeu e contra o nosso governo. Estabeleceu-se nos Estados Unidos. Você nunca mais o verá de novo, Lindie. Conforme-se – Joseph enfatizou.

— Às vezes ainda penso que seria melhor eu estudar em uma universidade americana, principalmente se for na área da ciência. Meus avós maternos moram no Canadá. Eu poderia ir embora pra lá e viver com eles. Mas meu pai jamais aceitaria que eu fosse embora daqui pra viver tão perto da cultura dos inimigos. O jeito é continuar em Berlim e admirar o professor Albert à distância – resignou-se.

— E você seria mesmo capaz de me abandonar aqui por causa de Albert Einstein? – ele me questionou, franzindo a testa, quase decepcionado.

— Não foi isso que eu disse. Jamais te abandonaria. Por mais que duvide, eu amo você, talvez não da maneira como você gostaria, mas amo. A única coisa que eu não faço é abandonar meus planos de vida por um homem, mesmo que esse homem seja aquele que eu amo.

— Tudo bem, Lindie, eu aceito dividir você com os seus planos, com a

ciência. Mas Einstein só não pode ser mais importante do que eu em sua vida – ele disse, me beijando mais uma vez.

— Você sempre será mais importante do que qualquer outro homem na minha vida – afirmei, com a imaturidade de quem ainda não conhecia a realidade sobre as coisas do amor. Inteligência acadêmica e conhecimento filosófico não são sinônimos de sabedoria de vida. Durante a minha juventude prometi tantas coisas que nunca fui capaz de cumprir. Por muitas vezes jurei amor quando na verdade era só apego, afeto, paixão, medo de ficar sozinha.

DESCOBERTAS



Junto a toda a política de extermínio e segregação racial, havia ainda o plano de esterilização em massa de todos os homens e mulheres com deficiência mental ou qualquer outra deficiência considerada pelos nazistas uma ameaça à perfeição da raça ariana. Segundo a ideologia nazifascista, essas pessoas não deveriam se reproduzir para que, segundo eles, o mundo não fosse contaminado ainda mais pela imperfeição.

Há um tempo eu já havia finalizado minha leitura de “Mein Kampf”. Pensei em queimar o livro, mas não encontrei um meio de fazer isso sem chamar a atenção da minha família e dos empregados. Logo eu, que era contra a destruição de qualquer tipo de livro, senti vontade de fazer algo que eu mesmo repudiava. Então deixei o exemplar guardado na gaveta da minha mesa de cabeceira até 1º de setembro de 1939.

Eu ouvia o rádio quando a programação foi interrompida para que fosse transmitido mais um discurso do presidente. Aquele não foi um discurso qualquer, não haviam palavras triviais como as de outrora. Era o discurso que anunciava o início das dores mais cruéis que a Alemanha experimentaria dali em diante.

A notícia do rádio anunciou que o exército alemão havia invadido a Polônia durante a madrugada. Hitler disse, gritando e impondo suas ideias da maneira repugnante como todos os ditadores faziam:

“Os poloneses nasceram especialmente para o trabalho pesado. Não é preciso pensar em melhorias para eles. Cumpre manter, na Polônia, um padrão de vida baixo, não se permitindo que progridam. Os poloneses são preguiçosos e é necessário usar a força para obrigá-los a trabalhar. Devemos utilizar-nos do governo geral (da Polônia) simplesmente como fonte de mão-de-obra não especializada. Poder-se-ia conseguir ali, todos os anos, os trabalhadores de que o Reich possa necessitar. Quanto aos líderes religiosos poloneses, eles pregarão o que mandarmos. Se qualquer líder religioso agir diferentemente, daremos cabo dele. Sua tarefa é manter os poloneses tranquilos, rudes e fracos de espírito. Indispensável ter em mente que a pequena nobreza polonesa não deve mais

existir; por mais cruel que isso possa ser, ela deve ser exterminada onde quer que se encontre. Deve haver apenas um senhor para os poloneses: o alemão. Dois senhores, lado a lado, não podem e não devem existir. Todos os representantes da classe culta polonesa, portanto, têm de ser exterminados. Isso parece crueldade, mas é a lei da vida”.

Aos poucos meus olhos se abriam ainda mais. Eu estava certa de que os líderes alemães estavam mesmo enlouquecendo. Eu sentia um aperto no meu coração, desejando que aquilo não estivesse acontecendo. Na verdade, eu desejava que aquilo não acontecesse nunca. O cheiro da morte era ainda mais forte a partir daquele dia.

Furiosa, abri a gaveta da mesa de cabeceira, peguei o livro “Minha Luta” e o rasguei no maior número de pedaços possível. Fiquei mesmo indignada com as palavras que eu havia acabado de escutar.

Minha mãe, Evelyn Brückner, era mulher elegante e muito cortejada, mesmo depois de casada. Era jovem, tinha apenas trinta e cinco anos de idade. Casou-se muito cedo, aos dezesseis anos, e apesar de viver sempre rodeada de empregados, cuidava de seu lar com toda dedicação. Eu sei que o amor que ela sentia por mim era incondicional.

No fim daquela manhã em que eu terminava de rasgar em pedaços um dos livros mais absurdos que eu havia lido em toda a minha vida, Evelyn entrou no meu quarto.

— Mas o que está acontecendo aqui? Por que está rasgando o livro? Acalme-se, Lindie! – Ela me colocou sentada na beira da cama e retirou das minhas mãos o que havia sobrado do livro.

— Mãe, o presidente desse país é um louco, um maníaco, um lunático! E esse livro aqui que ele escreveu, estou rasgando sim. Se você ao menos lesse as palavras desse tal Adolf Hitler entenderia o que eu estou sentindo agora. Esse homem simplesmente perdeu a razão! Mãe, ele quer matar todo mundo que não concorda com suas ideologias, com seu governo.

— Não diga essas coisas, minha filha. Se o seu pai escuta, nem sei o que pode acontecer. Ele é um general respeitado e você faz parte da juventude nazista, não pode ser contra o nosso presidente. Esqueceu-se disso? Você sempre foi tão condescendente com tudo, militante exemplar do Partido Nazi, sem reclamar. Por que essa revolta agora? O que está se passando na sua cabeça, Lindie? Por que tanta raiva daquilo que não podemos mudar?

— Eu não sou contra o nosso governo. Muito pelo contrário, eu apoiaria tudo o que fizessem e que fosse bom para o povo.

— E então?

— Só não posso concordar e achar boas as atitudes insanas de um maníaco no

poder.

— Já disse pra não falar assim do nosso presidente.

— Antes eu ficava quieta e era totalmente alheia a tudo, mas agora, diante dos novos acontecimentos e possíveis consequências, diga-se de passagem, terríveis, é impossível eu não me manifestar contra todo esse absurdo.

— Do que está falando, minha filha?

— Eu faço parte de algo que eu repudio, e só por obrigação. Sabe o que o exército do excelentíssimo senhor presidente fez nessa madrugada?

— O quê?

— Invadiu a Polônia. Sabe o que isso significa?

— A nossa vitória?

— Nada de vitória! Significa que estamos iniciando uma guerra terrível contra todos os outros países europeus, e também contra os americanos. A Alemanha será destruída. – Meus olhos já lacrimejavam de angústia.

— Não se preocupe. Somos uma nação poderosa, a mais forte do mundo – ela tentou me tranquilizar.

— Não, não somos, nem a maior nem a mais forte. Não acredite nos discursos falaciosos desse ditador doente! Estamos arruinados, arruinados! – eu a contradisse, levantando-me da cama.

— Basta! Pare de dizer essas coisas agora mesmo! – ela advertiu, quase gritando.

— Se você, meu pai e o senhor Hitler não queriam que eu pensasse, então não deviam ter me colocado na escola, nem me alfabetizado, e muito pior, me dado livros pra ler, porque até hoje não fiz outra coisa na minha vida a não ser estudar.

— Seu pai e eu não te demos estudo pra você se revoltar contra o governo, nós te demos estudo pra que você se tornasse uma mulher culta e instruída. Eu sempre apoiei seus planos de entrar pra faculdade, de ser uma mulher moderna, mas, se continuar rebelde desse jeito, não sei até quando poderei te ajudar. Lindie, na sua idade eu já estava casada e era dona de casa.

— Mãe, me diz uma coisa: como a senhora pode apoiar um governo que promove o assassinato de tantos judeus e de deficientes físicos? Por que temos então uma Bíblia em casa? Me responda, mãe, você acredita na Bíblia?

— Minha, filha, só o que eu sei é que eu cuido dessa casa, cuido de você e do seu pai. Essas suas ideias podem prejudicá-lo, a você e à nossa família. Eu sou católica, acredito sim na Bíblia e nunca peguei em uma arma, eu nunca matei ninguém. E ao contrário do que você pensa, eu não concordo e nem discordo de nada. Apenas procuro viver a minha vida.

— As práticas desse governo nazista vão contra tudo o que nós, cristãos católicos, acreditamos! É impossível concordar com o senhor Adolf e com Deus

ao mesmo tempo.

— Lindie, será que você não enxerga que não vale a pena nos revoltarmos contra aquilo que não podemos mudar?

— Quem disse que não podemos mudar?

— Filha, eu não quero mais discutir isso com você.

— Eu me lembro muito bem de quando as sinagogas foram incendiadas e as cruzes das igrejas católicas trocadas por bandeiras do partido nazista.

— Eu também me lembro.

— Nunca me esqueço daqueles dias cruéis. Quem é o nosso deus agora? Adolf Hitler? – eu perguntei, com tom de voz angustiado.

— Tudo bem, pense o que quiser, mas guarde suas ideias pra você, Lindie.

— Talvez seja só isso que me resta. Guardar minhas ideias pra mim.

— Olhe ao seu redor! Está vendo a casa em que você mora e o luxo em que vive? Lindie, percebe as roupas caras que você veste e a boa comida que todo dia te alimenta?

— Sim, eu vejo isso, percebo que temos uma boa vida.

— Seu pai paga tudo isso com o dinheiro do trabalho dele, como um militar de carreira. E sabe quem paga o salário dele? É o governo do Führer, esse mesmo governo que agora você tanto odeia. O governo nos salvou do desemprego, da fome, da crise financeira.

— A senhora não imagina o quanto essa verdade me magoa.

— Essa realidade te magoa, mas também te mantém viva e alimentada. Portanto, não cuspa no prato em que você está comendo. Quer mudar a mente de toda uma sociedade acostumada a obedecer a regras? Quer lutar contra tudo e contra todos? Então abra mão do luxo e de sua própria vida, porque as consequências dessa sua revolta podem ser muito graves.

— Nem você nem ninguém serão capazes de me entender.

— Minha filha, não é rasgando um livro que se faz justiça nem se muda o mundo – ela me disse, demonstrando certa razão em suas palavras.

Meus olhos já estavam marejados. Minha mãe jogou toda a verdade diante de mim. Eu nada poderia fazer nada para mudar a mente de todos aqueles que acreditavam nas ideologias nazistas. Eu era filha de um militar importante, eu mal poderia expor minhas opiniões em público. Isso colocaria a minha vida e a vida dos meus pais em risco.

— Agora enxugue essas lágrimas, minha filha, erga a cabeça e vá até a sala. O Joseph te espera lá. Pediu permissão pra te levar ao cinema – ela me avisou.

— Joseph! Ele é outro hipnotizado pelas ideias e falsas promessas do Führer. Diga a ele que eu não tenho vontade de sair hoje. Eu vou continuar aqui no quarto.

— Lindie, não é assim que se deve agir. Não é menosprezando o rapaz que te ama tanto que fará com que os ideais nazistas sejam derrubados. Vá até a sala ao menos para cumprimentá-lo! Ele está tão lindo. Dessa vez veio sem uniforme.

— Já disse que eu não quero ir, e nem o ver! Diga que estou com muita dor de cabeça, mal-estar, sei lá, invente alguma coisa, mãe. Hoje eu não saio mais desse quarto.

— Tudo bem, mas não vá se arrepender depois. E saiba que não é trancada dentro do quarto que se muda o mundo – minha mãe disse e saiu batendo a porta.

Hoje percebo que minha mãe tinha razão. Trancada naquele quarto eu jamais mudaria o mundo, mundo que aliás estava cada vez mais confuso e triste.

Minutos depois alguém abriu a porta do meu quarto. Era o Joseph. Ele entrou enquanto eu estava deitada na cama, pensando em tudo o que havia acabado de conversar com a minha mãe e ao mesmo tempo querendo pensar em nada.

— Meu amor! – ele disse, entregando-me um buquê de flores.

— Joseph! Que surpresa.

— O que aconteceu, Lindie? Estou aqui todo arrumado, peguei o carro do meu pai emprestado pra te levar ao cinema, e você nem desce pra falar comigo.

— Desculpe, eu acabei de ter uma discussão com a minha mãe. Não tenho vontade de sair.

— Ultimamente você tem me tratado como se eu não fizesse mais diferença em sua vida.

— Meu amor, me desculpe.

— Antigamente você descia correndo as escadas, louca pra me ver, pra me abraçar. Estava sempre entusiasmada, até brincávamos de correr feito duas crianças pelo jardim, eu pegava você pela cintura e te beijava. Mas agora você só quer saber de ficar trancada dentro desse quarto, se tornou desanimada, amarga. O que há de errado?

Joseph tinha toda a razão. Eu não era mais a mesma moça alegre e sonhadora de antes. Aquele namoro já não me trazia mais empolgação. Para falar a verdade, nem mesmo eu entendia ao certo o que estava acontecendo comigo.

Eu ainda gostava muito dele, mas já não era mais capaz de enxergar a vida colorida, como antes dos conflitos no meu país se iniciarem. Foi como se eu começasse a notar a verdadeira face do mal existente no mundo.

Minha alma já não sentia paz sabendo que minha boa vida era custeada por um governo que já havia matado milhares de pessoas. Minha alma já não sentia

mais paz sabendo que eu fazia parte de tudo aquilo, da juventude nazista, era filha de um homem responsável por matar pessoas inocentes, crianças que mal podiam entender tudo o que estava acontecendo.

Talvez fôssemos todos vítimas do sistema, vítimas das circunstâncias. Senti piedade do Joseph. Ele me amava tanto, mas eu já não era mais capaz de corresponder a esse amor.

— Eu sei que não estou sendo a namorada que você merece, Joseph.

— O que você quer dizer com isso?

— Eu tenho passado momentos de desilusão, de tristeza. Estou deprimida.

— Deprimida? Triste? Mas por quê? Você tem tudo que quer, é rica, filha de um militar importante, tem saúde. Eu não consigo entender o que pode estar deixando você assim tão mal. — Ele se mostrou ainda incapaz de me compreender.

— Peço perdão por perceber que o nosso país será arruinado e destruído nessa guerra que se inicia.

— Tudo o que nosso governo está fazendo é para o bem do povo alemão.

— Você ainda está completamente cego. Infelizmente eu tenho a capacidade de enxergar que o pior está por vir.

— Do que você está falando? Nosso país nunca esteve tão bem. Estamos resgatando o poder sobre a nossa cultura, nossa economia, estamos conquistando novos territórios. Lindie, você está se preocupando com algo que não deveria. Por que não viajamos para a praia? Vamos passar uns três dias no litoral, ou viajarmos para aquele hotel com piscina que você adora. Se me disser que não, sou capaz de acreditar que não me ama mais.

Senti um nó na garganta. Ele havia me convidado pra viajar e ainda falado em amor! Eu já começava a achar injusta aquela situação. O Joseph merecia uma mulher que estivesse disposta a se casar com ele, a ser mãe de seus filhos, a ser uma dona de casa conformada com tudo que acontecia ao nosso redor.

Joseph estava sentado à beira da minha cama. Aproximei mais meu rosto do dele e disse:

— Eu te amo! Você é tão lindo, tão inteligente, é um guerreiro! Tenho muita sorte de te ter aqui comigo, mas isso não impede que eu me sinta triste com o mundo, com todas as coisas ruins que estão acontecendo. — Tentei fazer com que ele compreendesse meus sentimentos.

Joseph acariciou os meus cabelos. Reclinei minha cabeça no colo dele.

— Tudo bem, meu amor, eu entendo. Mas pelo menos tente se distrair, vamos ao cinema. Assistindo a um filme você vai se divertir, e assim se sentirá melhor. Aceite que não pode mudar o mundo, e nem as coisas como elas são. — Ele insistiu em me convencer de que tudo era um fato natural e inevitável.

— Não estão levando a sério o que eu digo, muito menos os meus sentimentos. Tenho uma forte sensação de que coisas muito ruins estão para acontecer.

— A vitória exige a luta. Pessoas irão morrer para o bem da maioria.

— Sei que eu deveria estar feliz, afinal, sou rica, filha de um homem poderoso, tenho um namorado especial, mas ainda assim me sinto triste. Por favor, me abrace, Joseph. Preciso me sentir protegida.

— Estou aqui com você, te abraçando e te protegendo. Nenhum mal poderá te afligir. – Ele me envolveu com força em seus braços.

NOVO SENTIMENTO



Durante toda a minha infância e adolescência fiz parte da juventude hitlerista, instituição obrigatória para moças e rapazes alemães, que visava treinar crianças e adolescentes entre 6 e 18 anos de ambos os sexos para os interesses nazistas.

Os jovens se organizavam em grupos e milícias paramilitares. Depois do início da guerra, eu, já adulta, quase não mais tolerava tudo o que via e presenciava em Berlim, nem no resto da Europa. Sabia que, muito embora fosse filha de um general influente, isso não era garantia de sobrevivência para ninguém, especialmente quando os ataques dos inimigos vinham do céu.

Hitler, constantemente em seus discursos, justificava sua invasão aos países europeus e seus objetivos escusos com ardis inaceitáveis para qualquer pessoa que ainda dispusesse de um pouco de razão e consciência.

— Esse homem é um louco e ninguém percebe! — eu comentei comigo mesma depois de ouvir, deitada na cama, mais um tedioso discurso do presidente alemão, que todos os dias e quase todas as noites eram veiculados nas rádios.

O céu estava limpo, completamente azul, naquela linda manhã primaveril. Parecia até que havia paz no mundo. Os pássaros, as flores, toda a natureza sorria como se o ódio não existisse.

Eu desci do carro em frente à Universidade Humboldt, de Berlim. Estava preparada para o primeiro dia de aula do segundo semestre naquele templo do saber, onde já há alguns meses eu cursava a faculdade de Filosofia.

A terceira aula do dia foi História da Filosofia Grega, e meu professor era ninguém menos que Steve Heinrich, o respeitado jornalista e publicitário do Partido Nazista, que também era mestre em História Antiga.

Logo que o vi entrar na sala de aula, fiquei encantada por saber que o homem com quem eu dancei a valsa mais especial, há mais de dois anos, seria meu professor a partir daquele momento.

A dança dos meus dezesseis anos foi um dos momentos mais inesquecíveis da minha juventude. Depois de nos reencontrarmos na universidade, descobri que

esse acontecimento foi importante para o Steve também.

Em poucos dias de aula Steve já me considerava uma de suas melhores alunas. Era notório que nutria uma simpatia por mim. O professor sempre me lançava olhares e sorrisos no decorrer das aulas. Eu correspondia com doçura sincera. Já éramos amigos.

Na verdade, Steve exercia sobre mim uma atração difícil de ocultar. Aquele foi o início de uma forte amizade entre a melhor aluna e o melhor mestre. A inteligência e sensibilidade dele me encantavam. Era quase como se o próprio Albert Einstein estivesse ali diante de mim, me mostrando o fascinante mundo do conhecimento.

— Professor Steve! – eu chamei por ele, tentando alcançá-lo a passos apressados, depois de sairmos da sala, ao fim de mais uma manhã de aula.

Steve virou-se em minha direção.

— Lindie!

— Professor.

— E então, gostou da aula de hoje? – Sorriu animado por me ver ali tão perto.

— Hoje sua aula foi maravilhosa! – eu disse entusiasmada.

— Fico feliz em saber que estou correspondendo às suas expectativas.

— E não é apenas isso. Eu me sinto tão honrada e emocionada por estar aqui, andando pelos mesmos corredores da universidade onde o professor Albert Einstein lecionou.

— Sei o quanto isso te fascina.

— Estou muito feliz, mesmo em meio a todo esse conflito que parece não ter fim em nosso país. Mesmo diante das ameaças de bombas caírem sobre as nossas cabeças, enfim eu encontrei algo que me dá um pouco de alegria.

— Lindie, os estudos e o conhecimento são um bálsamo para nossa alma.

— Agora todo dia aprendo mais e mais sobre um assunto tão intrigante quanto fascinante: a Filosofia! E é claro, ter um professor tão inteligente quanto o senhor torna tudo mais fácil e interessante! – eu disse suavemente, enquanto caminhávamos lado a lado em direção à saída da universidade.

— Por favor, não me chame de senhor. Tenho apenas vinte e oito anos de idade. Saiba que há pouco mais de seis anos eu ainda via o professor Albert Einstein passar por esses corredores todos os dias. Realmente era algo fascinante, tanto quanto você possa imaginar. Mas então veio a política nazista e

tudo mudou. Ele se foi.

— Pensa como eu, professor. Você teve sorte. Eu o vi de longe, apenas uma vez, quando ainda era uma criança. Naquele dia, eu voltava mais cedo da escola com a minha babá. É uma lembrança emocionante. O gênio da Física Moderna estava ali, diante de mim.

— Lindie, não podemos falar sobre ele, assim abertamente. E que ninguém nos escute. Eu fiz parte da Juventude Hitlerista como você e agora faço as campanhas para o Partido Nazista aqui em Berlim. Sou jornalista e professor contratado pelo Terceiro Reich, não podemos admirar um cientista “judeu degenerado”, muito menos criticar o regime assim em voz alta. Precisamos ter cuidado e falar em voz baixa.

— Tem razão. Sabe, estou surpresa que, mesmo sendo você funcionário desse governo, pensa como eu. Que bom que não estou sozinha no combate a esse absurdo em que vivemos.

— Temos que fingir que somos amigos dos nossos inimigos. Sabe, lembrei-me nesse instante da nossa valsa na sua festa de dezesesseis anos.

— Foi meu melhor aniversário. Foi a dança mais especial da minha vida. Depois que essa guerra começou, meu pai vive dentro de campos de batalha e não tivemos mais festas. — Senti meus olhos umedecerem naquele momento.

— Também foi algo muito especial para mim. Inesquecível — ele disse.

Algo diferente acontecia, eu estava conseguindo enxergar de novo um pouco mais de colorido na vida.

— Lindie, que tal almoçarmos juntos hoje? Conheço um restaurante ótimo aqui perto do campus — Steve me convidou. Ele sentia-se a vontade na minha presença.

Pensei por uns instantes.

— E por que não? Eu adoraria. Antes vou à cabine telefônica ligar pra casa e avisar minha mãe que não almoçarei com ela hoje. Já aproveito e volto depois pra cá. Quero passar a tarde na biblioteca estudando, tenho algumas pesquisas pra fazer. — Aceitei o convite.

No restaurante Gerichtslaube, um ambiente requintado e tradicional, o professor e eu conversamos enquanto almoçávamos.

— Então, Lindie, me esclareça uma coisa.

— Sim. O que quiser saber.

— Se ama tanto a ciência, por que optou pelo curso de Filosofia? — Mostrou-se curioso.

— A Filosofia foi o princípio de tudo. A própria Física surgiu da Filosofia Natural.

— Sim, foi como tudo começou.

— Primeiro eu quero ter a base para os questionamentos essenciais necessários para ser uma boa cientista no futuro.

— E para ter essa base nada mais prudente do que estudar Filosofia antes de estudar ciências.

— Sim, professor, é isso mesmo.

— Sua resposta é brilhante, Lindie. Não é à toa que você é a minha melhor aluna.

— Não exagere, há alunas melhores do que eu.

— Não em Filosofia. Qual é o seu filósofo preferido?

— Admiro vários, mas as ideias de Arthur Schopenhauer me atraem um pouco mais.

— E por quê? – Ele me encarou e sorriu.

— Porque ele diz exatamente o que nós seres humanos somos: escravos das nossas próprias vontades, do apego aos sonhos, escravos das falsas necessidades inventadas por nossa mente. A vontade é um impulso cego intrínseco a nós seres humanos, ela é a causa do nosso sofrimento.

— Sensata interpretação, senhorita Lindie. Somos movidos mais pelas falsas necessidades do que pelo que realmente precisamos.

Steve já nutria um sentimento especial por mim, mais do que palavras. Seus gestos me diziam isso. De pensar que foi com ele com quem há tempos atrás dancei a valsa mais linda da minha vida... Os momentos bons e verdadeiramente inesquecíveis quase nunca se repetem. É como a história de que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar.

Joseph ficou mais distante de mim. Passou meses em campanha de guerra com as tropas na Polônia. Às vezes eu recebia cartas dele me dizendo que estava com saudades. Eu retribuía, com as mesmas palavras de nostalgia, e não estava mentindo, sentia mesmo saudades do rapaz com quem por tantas vezes brinquei nos jardins de casa, do rapaz que foi meu primeiro namorado, do rapaz que demonstrou verdadeiro afeto por mim.

Apesar dessa saudade, confesso que os estudos e as novidades da faculdade ocupavam a minha mente como nunca antes.

MEDOS



O clima de guerra e o medo de que o pior pudesse acontecer atemorizavam a minha alma. Eu não conseguia entender a calma aparente das pessoas ao meu redor, eu não podia entender como os meus pais e colegas não temiam o que se aproximava.

Ainda assim, contrariando tudo o que eu sentia, encontrei forças, ânimo, fosse o que fosse, para acompanhar meu namorado ao cinema, para continuar meus estudos, para acreditar que tudo acabaria bem. Era só o que restava fazer.

Mas, conforme as coisas ficavam mais sérias, meu entusiasmo enfraquecia, todas as ilusões de antes pareciam morrer aos poucos com aquele vazio que dominava meu coração.

Por uma semana, Joseph esteve ausente nas batalhas fora da Alemanha. Passou alguns dias ajudando meu pai em Berlim. Por muitas vezes era o braço direito do General Brückner na organização das tropas que protegiam a cidade e arredores.

Certo sábado, na sala do cinema, no escuro, o clima era de romance. Joseph me pediu um beijo, ali mesmo, enquanto o filme era exibido. Naquele dia eu sorri constrangida, tentei evitar o seu pedido, não me sentia confortável em amar naqueles tempos de guerra. Casamento então estava completamente fora dos meus planos. Eu já via o mundo com hostilidade, e a simples ideia de ter filhos em meio àquele caos me apavorava.

— Um beijo? Aqui? – eu perguntei, enquanto tentava me esquivar.

— Por que não? Ninguém vai perceber.

— Você é louco mesmo! – eu disse, quase sussurrando.

— Sou louco de amor por você, que é a mulher da minha vida – ele sussurrou ao pé do meu ouvido.

Inclinei minha cabeça sobre os ombros dele e continuamos assistindo ao filme, que era até interessante, não fossem as pausas para a exibição exaustiva da propaganda nazista.

Depois do passeio, Joseph me levou para casa. O galante soldado teve comigo uma conversa não muito amigável para um casal que dizia se amar de verdade. Há muito tempo já havia sinais de que nosso relacionamento não ia bem. Ele ficava irritado e eu mais ainda.

— Obrigada pelo passeio. É sempre bom estar com você, Joseph.

— Tem certeza de que gostou do passeio? Gostou do filme?

— Gostei sim. Eu só acho enfadonha a exibição exaustiva da propaganda nazista antes e durante os intervalos do filme.

— Você me deixa tão feliz quando sorri, quando me beija. Mas percebo que nada é como antes – ele disse, decepcionado.

— E como poderia ser como antes? Nosso país, na realidade a Europa toda, está ardendo em chamas e você acha mesmo que no meio disso tudo ainda pode haver ganas pra romance? Nos campos de batalha você corre o risco de morrer.

— Vamos deixar um pouco a guerra de lado e falar de nós dois. Lindie, você anda triste como se estar comigo não fizesse mais diferença em sua vida. E, quanto ao risco que eu corro nos campos de batalha, vale a pena. Saiba que estou feliz por nossas tropas estarem ocupando os países europeus e conquistando nosso reino.

— Quer saber de uma coisa? A única coisa que fará diferença na minha vida é o fim dessa guerra maldita. Não acredito que você não tenha medo de morrer.

— Todos nós vamos morrer algum dia. Já sou considerado pelo seu pai um grande herói.

— Heróis mortos não servem pra nada, Joseph.

— Você acha que eu não me entristeço? Nada disso tem valor se eu não tiver o seu amor comigo. E pelo que percebo, estou perdendo a garota que tanto amo. Nessa guerra eu não sou herói se eu não tiver você – ele disse, desiludido.

— Eu sei, reconheço que mudei. Mas veja se você é capaz de me entender. Eu não posso esconder a tristeza que sinto por tudo que estamos vivendo. Isso tudo é uma grande loucura do Terceiro Reich. – Eu já estava no sofá.

— Acha a conquista de novos territórios uma loucura?

— Joseph, olhe pra mim. Acredita mesmo que o exército alemão será capaz de exterminar todos os negros, judeus e deficientes do mundo? Pensa mesmo que Adolf Hitler é capaz de tamanho feito? Pensa que o governo americano

permitiria isso sem manifestar a fúria do seu poder bélico? Sinto muito em lhe dizer, mas seu amado Führer é um maníaco e lunático.

— Lindie, que absurdo é esse que está me dizendo? Está desrespeitando nosso presidente!

— Não percebe que a Alemanha será destruída pelos países inimigos? Não continue iludido por ideais impossíveis. Quando os inimigos chegarem, nós seremos arruinados.

— Acha mesmo que é justo deixarmos os judeus e outros degenerados dominarem nossa economia, nossas riquezas e nossa cultura? Eles são maus, são a escória! O governo nazista nos livrou da miséria, da fome, do desemprego! – ele disse quase gritando, com um olhar furioso.

— E pra livrar nosso país da miséria, do desemprego e da fome é preciso cometer assassinatos em massa de crianças e pessoas inocentes que nada tem a ver com as artimanhas políticas?

— Essas pessoas que você diz serem inocentes estavam acabando com nossa cultura, com nossas riquezas, com o nosso país.

— Pelo que vejo, você também não é mais o mesmo. Percebe como fala comigo, com um olhar furioso como qualquer outro nazista cruel e sanguinário?

— Eu não posso aceitar essa sua revolta contra um governo que nos ampara, meu amor.

— Minha melhor amiga é judia. Éramos colegas na escola, até o momento em que ela ainda pôde frequentá-la! A pobrezinha teve os bens da família confiscados pelo governo, foi tratada de forma pior que um animal de rua.

— Deveria escolher melhor suas amizades. Essa amiga de que fala é a Anne Marie?

— Sim, é ela mesma. Ela vinha aqui em casa brincar comigo, sempre estava nas minhas festas de aniversário.

— Eu me lembro dela. Brincávamos juntos os três.

— Minha amiga Anne Marie não é má e nem escória, ela é uma das garotas mais incríveis que eu conheci. Pessoas gananciosas e malvadas que ambicionam o poder existem em todas as religiões e etnias, não somente entre os judeus – eu levantei a voz.

— E onde ela está? O nome da sua amiga consta na lista de procurados.

— E como eu posso saber? Certamente ela fugiu pra bem longe daqui. Não é isso que muitos judeus perseguidos estão fazendo?

— Sinceramente, eu não sei como você pode ficar do lado dessa gente! Quer saber de uma coisa? Eu e você já deveríamos ter nos casado há tempos, desde que você completou dezesseis anos! Assim você não teria entrado pra universidade, estaria em casa, cuidando do nosso lar, como tem quer ser –

desabafou, quase gritando.

— Casar? Você só pode estar ficando louco! Por nada desse mundo eu deixaria de estudar pra me tornar uma simples dona de casa, muito menos ao lado de alguém que defende o assassinato em massa de pessoas inocentes! Quem você pensa que é pra querer se casar comigo?

— Eu sou o homem que te ama. Mas, pelo que vejo agora, você não me ama, e talvez nunca tenha me amado.

— Você acha que pode tudo, mas duvido que teria dinheiro pra pagar todos os meus luxos. Por acaso tem dinheiro pra me dar uma mansão como essa? Ou acredita mesmo que eu me casaria com você pra sair da casa dos meus pais e morar em um apartamento qualquer?

— Como se atreve a falar comigo dessa maneira, Lindie? Eu faço de tudo pra te agradar, mas você nunca apoia as minhas ideias, nunca apoia o meu trabalho. Nem parece que me ama.

— Quer saber de uma coisa também? Se antes eu não queria me casar com você, agora quero menos ainda! Eu vou repetir: não tenho certeza se quero ser esposa de um homem que concorda em matar pessoas inocentes.

— Saiba você que eu nunca matei ninguém, apenas me defendo dos ataques inimigos. Eu só cumprio o meu papel prendendo aqueles que se voltam contra o nosso governo e defendo nosso povo dos inimigos – ele tentou se explicar, já baixando o tom de voz.

— E eu não sei como você pode ser tão cego, Joseph!

— Eu? Cego? Você é que deveria ter a consciência de que não pode lutar sozinha contra o governo alemão.

— Se eu tivesse pessoas ao meu lado não estaria sozinha.

— Você não tem o poder de mudar a decisão das pessoas, muito menos das pessoas que governam esse país!

— Não posso mudar, mas não vou concordar com todo esse sangue que vocês nazistas estão derramando.

— Aceite a realidade e apoie quem te sustenta, quem te oportuniza estudar e saber tudo que você sabe!

Eu fiquei nervosa, respirei fundo, o encarei com olhar mais penetrante e continuei minha argumentação com a certeza de que as minhas palavras eram as mais sensatas naquele momento.

— Ainda hoje lembrei-me da grande queima de livros. Naquele dia eu voltava do hospital e mal pude entender o que aquilo tudo significava. Vi pela janela do carro um grupo grande de estudantes queimando uma pilha de livros proibidos por terem sido escritos por judeus ou por escritores inconvenientes ao nazismo.

— Eu também me lembro, inclusive eu mesmo joguei na fogueira várias

obras. Eu tinha doze anos e já entendia a importância daquele ato.

— Aquela cena impactou tanto meu coração que depois de anos desejei jamais ter nascido na Alemanha, desejei que tudo aquilo acabasse de uma vez, que todos pudessem ter paz. Durante todo esse tempo eu só fingi que concordava com tudo que nosso governo faz.

— Pois continue fingindo para o seu bem e para o bem dos seus pais. Ainda guarda com você o livro escrito por Einstein?

— Sim, guardo com carinho.

— Se o seu pai descobre que você é subversiva, não será bom pra você.

— Eu gostaria que me respondesse como um gênio que ganhou o Nobel e fez tantas descobertas importantes para a ciência pode ser um degenerado só porque é judeu? Você tem ideia do que Einstein descobriu?

— Faço uma vaga ideia do que tratam suas teorias. Mas não me interessam em nada.

— Einstein diz em sua Teoria da Relatividade que o tempo é relativo, que o tempo não passa da mesma maneira para todos nós, nem aqui na Terra nem no espaço.

— E o que isso me importa?

— Espere eu terminar de explicar. Ele disse que a velocidade da luz, de trezentos mil quilômetros por segundo, é a velocidade máxima que algo pode alcançar. Disse que se uma nave espacial pudesse atravessar o espaço nessa velocidade, o tempo não passaria para o viajante e o mesmo envelheceria muito lentamente. Seria quase eternamente jovem.

Joseph fez feição de quem achava tudo aquilo uma ridícula bobagem.

— E como tudo isso que me disse pode fazer a Alemanha vencer a guerra? Para que serve toda essa bobagem em meio à batalha que enfrentamos?

— Como assim? As descobertas dele promovem o avanço das nossas tecnologias. Agora sei que você pensa como qualquer outro ignorante!

Joseph engasgou quando o chamei de ignorante. Eu nunca havia lhe chamado por um adjetivo negativo antes.

De repente, ficou retraído, mudou suas feições, sua face de raiva se transformou em face de medo. Seus olhos lacrimejantes denunciavam seus sentimentos.

— Meu amor, peço desculpas se estou sendo rude ou grosseiro – ele me disse.

— Não há porque se desculpar.

— Eu admiro muito você por ser tão inteligente, independente, moderna.

— Também admiro você.

— Mas, pensando melhor, eu gostaria mesmo é que você fosse também minha esposa e não só a minha namorada.

— Isso não é possível neste momento – eu disse mais uma vez.

— Você não me ama de verdade?

— Nós já conversamos sobre isso. Ainda não estou preparada pra me casar. Joseph, pelo amor de Deus! O mundo está desabando sobre nossas cabeças, você quase não sai dos campos de batalha. Como pode pensar em casamento diante da situação perigosa em que estamos vivendo?

Ele virou-se de costas.

— Eu sei de tudo isso, mas é que já namoramos há mais de três anos e...

— E o quê, Joseph?

— Eu preciso de uma esposa, eu não me importo com a guerra.

Eu entendi que naquele instante tudo estava desmoronando entre nós dois. Eu não poderia fazer mais nada, não queria casamento, não queria filhos, nem sabia se viveríamos pra ver o fim daquela guerra.

— Se você não está satisfeito em apenas namorar comigo, vamos acabar tudo agora mesmo. Estávamos falando sobre Einstein e não sobre casamento! Mas já que insistiu tanto no assunto, já sabe a minha resposta. Não vai ter casamento.

— É assim que você prefere?

— É assim que as coisas são. Procure uma mulher que possa satisfazer seus desejos. Eu sou a mulher errada pra você, Joseph.

— Mas, Lindie, me escuta.

— Não, Joseph! Já basta! Eu não quero mais falar sobre esse assunto. Vá cuidar da sua vida. Com licença, eu vou pro meu quarto descansar a minha cabeça – eu disse nervosa. Subi as escadas em seguida, entrei no meu quarto e me tranquei por lá. Deitei na cama e chorei.

Minha mãe observou toda a cena por trás da porta que dava para o jardim. Ouviu a minha discussão com o Joseph e minutos depois apareceu no meu quarto para conversar.

GUERRA



Orador magnífico que era e muito astucioso, Hitler atraía sempre um grande número de seguidores que ansiavam por mudanças no país. Não à toa, convenceu a maior parte da população alemã de que tudo que estava acontecendo era pura e simplesmente em benefício de todos. De acordo com a ideologia nazista, a guerra, as bombas, o extermínio de inocentes, representavam a vitória e a supremacia do Estado Alemão.

Joseph era um dos soldados responsáveis por capturar os judeus listados e encaminhá-los até os campos de concentração. Ele até me disse que muitas vezes, ao realizar seu trabalho, lembrava-se da repulsa que eu sentia ao saber que ele fazia parte daquilo que eu tanto odiava.

Levantei-me de madrugada, estava a caminho da cozinha, pretendia tomar um copo de leite. Despertei com fome naquele horário; não era comum isso acontecer.

Quando passei em frente ao escritório de meu pai, que costumava estar sempre trancado, naquele momento, para a minha surpresa, notei que a porta estava entreaberta. Por ordem expressa de Klaus, os membros da família e os empregados só podiam entrar lá quando ele estivesse presente, caso contrário, a entrada era proibida. As regras rígidas de comportamento existiam até mesmo dentro da minha casa.

Em passos lentos, adentrei o escritório. Quis ter certeza de que não havia ninguém ali. Estava diante da oportunidade perfeita para vasculhar os documentos de meu pai e descobrir tudo que podia sobre os planos do Reich, funcionamento dos campos e planos de extermínio.

Sem pensar duas vezes, imediatamente abri as gavetas, armários, recolhi tudo que pude e analisei cada documento que estava diante de meus olhos.

A chave do escritório estava em cima da mesinha ao lado da poltrona. Prontamente peguei-a e guardei-a no bolsinho de minha camisola. Havia nas gavetas rolos de filmes; as etiquetas indicavam imagens gravadas dos campos de

concentração. Encontrei também listagens de judeus a serem caçados e presos. Como o Joseph havia me dito, os nomes de Anne Marie e deus pais constavam em uma daquelas listas. O destino deles seria Auschwitz.

Eu, uma jovem alemã que um dia fizera parte da juventude hitlerista, estava chocada com tudo o que via e lia naquele instante. As provas de toda a maldade estavam em minhas mãos, mas até então eu nada poderia fazer contra tudo aquilo.

Guardei os papéis novamente nas gavetas, tranquei a porta do escritório e levei a chave comigo. Ainda pretendia assistir aos filmes que permaneciam ali guardados, mas, para isso, precisaria de mais tempo, tinha que preparar o projetor. Prefiro fazê-lo no momento em que meu pai não estivesse em casa.

Naquela manhã fria de inverno, levantei-me bem cedo. Na verdade, nem conseguira dormir depois de tudo que havia visto no escritório de meu pai. Fui direto à casa da família Hoff para visitar Judite e a minha melhor amiga Anne Marie, para tentar convencê-la a ir embora da Alemanha de qualquer maneira. Temia que logo fossem capturados pelas tropas encarregadas de eliminarem os judeus.

Soldados armados com metralhadoras vigiavam a mansão da minha família. A privacidade estava quase acabada. Eu precisava ser discreta e ter cuidado com tudo o que fizesse.

No quarto secreto da minha amiga Anne, tivemos uma conversa sincera entre duas pessoas que se importavam uma com a outra.

— Por que você e seus pais insistem em continuar aqui? Vocês têm que ir embora da Alemanha. As coisas estão ficando cada vez mais perigosas. Eu posso ajudar a conseguir documentos falsos – tentei convencê-la.

— Fugir agora é muito arriscado, e também não temos pra onde ir.

— O que acha de se esconderem lá em casa?

— Na sua casa? Somos inimigos do seu pai. Lembre-se disso!

— Sim, por isso mesmo. No ninho da cobra, nos olhos do inimigo, ninguém vai desconfiar. Lá é mais seguro. Minha família está acima de qualquer suspeita. Tem o porão do meu quarto. Anne, sua família está em uma lista de judeus procurados e, depois de encontrados, serão levados para um campo de extermínio em massa na Polônia.

— Lindie, como você sabe disso?

— Eu vi tudo nos documentos do meu pai, que estão no escritório dele lá em casa.

— Está vendo por que não é uma boa ideia nos escondermos em sua casa?

— Justamente por isso é que tem que vir comigo. Acaso existe lugar mais seguro pra se esconder do que a casa do próprio inimigo?

— Eu te agradeço muito, mas isso não faz sentido, Lindie. Olha, já temos uns documentos falsos para o caso de nos encontrarem aqui. Meu novo nome é Alisa Weiss. Nunca irão nos pegar. Meus pais gastaram tudo o que tínhamos comprando esses documentos falsificados. Nos manterão vivos caso apareçam por aqui os policiais nazistas. Às vezes meus pais saem pelas ruas disfarçados. Eu já saí algumas vezes. — Anne Marie resistia.

— Amiga, se eu fosse você não confiaria nesses tais documentos, a não ser pra fugir daqui. Deveriam aproveitar pra sair do país. Por favor, me escute, saia daqui. A polícia pode estar de olho no senhor e na senhora Hoff. Os investigadores são ardilosos para rastrear os fugitivos. A situação está cada vez pior aqui em Berlim. Eu sei o que estou falando. Meu pai é um dos responsáveis por capturar e encher os vagões de trem com prisioneiros judeus. Todos são levados diretamente para campos de trabalhos forçados, e tão logo muitos são assassinados. Eu lamento que meu próprio pai seja um monstro. Nessa madrugada eu consegui entrar em seu escritório, eu vi os papéis, eu vi as listas de judeus a serem capturados. O seu nome e de seus pais estão lá, pretendem te levar para Auschwitz, como eu já disse. Seus pais ficarão em outro campo, irão separá-los e a única coisa que eu posso fazer pra te salvar é implorar que venha comigo ou que vá embora desse país o quanto antes.

— Eu prometo que vou pensar e falar com meus pais sobre isso. Lindie, me diga uma coisa: por que Adolf odeia tanto os judeus?

— Não só os judeus, mas também os negros, evangélicos, deficientes. Argumenta que estavam degenerando a raça ariana, diz que os judeus queriam dominar o mundo, e antes que isso acontecesse decidiu dominar tudo primeiro — eu disse.

— E se os judeus ricos e banqueiros de fato estivessem dominando a Alemanha e o mundo, nós, inocentes, temos que morrer por causa disso? Eu sou judia e nunca quis dominar o mundo. Por que querem me matar? E as crianças inocentes? — Anne me perguntou com olhos lacrimejantes.

— Isso tudo é tão cruel. O Führer ainda diz que a Alemanha será vitoriosa. Palavras de um louco, minha amiga. Em uma guerra não existem vencedores, todos perdem. O único resultado óbvio para a guerra é a destruição total. Venha comigo!

— Lindie, eu não posso permitir que você corra o risco de ser surpreendida pelo seu próprio pai, que por sinal é um general sanguinário e agressivo! Digo isso porque eu o conheci. Não se esqueça de que eu frequentei sua casa durante

toda a minha infância. O senhor general gritou comigo várias vezes. Seu pai me assustava. Eu via ódio nos olhos dele.

— Lamento pelo general. O pior é que o presidente do nosso país e seus aliados são todos maníacos. E tem mais: o general ainda quer que eu sirva como soldada nas alas femininas dos campos de concentração.

— E você pretende ir?

— Não sei ainda. Talvez eu possa servir e ajudar pessoas a escaparem da morte. Filmes falsos sobre os campos de concentração estão sendo propagados para o povo alemão acreditar que os prisioneiros lá estão sendo bem tratados. No entanto, na verdade, estão sendo todos mortos. Escuto meu pai contar tudo pra minha mãe. E mais do que isso: eu vi os documentos.

— Que horror! Por que os inocentes têm que pagar por brigas políticas?

— Eu me faço a mesma pergunta. Os governantes deveriam fazer guerras apenas entre eles, como nos antigos duelos. Deveriam se matar entre si – ressaltei, sentindo a razão em minha consciência.

— Concordo plenamente. Como esse homem pôde ter chegado ao poder sem uma eleição?

— Sim, amiga. É inacreditável.

— Existirá uma história pior do que essa que estamos vivendo?

— Eu não sei, Anne Marie. Querem que sejamos burros, mas eu não sou. Sei de tudo que está acontecendo. Usam os prisioneiros como cobaias em experiências médicas e científicas dolorosas. De maneira sigilosa, desenvolvem tecnologias secretas de guerra, discos que voam no céu, entre outras coisas estranhas.

— Isso tudo me dá muito medo. Quando essa loucura vai terminar?

— Eu gostaria que fosse logo. – Suspirei, demonstrando cansaço.

O PROFESSOR



Alice Schneider, estudante de Filosofia, era completamente apaixonada pelo professor Steve. Ela sabia muito bem que eu estava envolvida afetivamente com o professor ao mesmo tempo em que mantinha um flerte com Joseph. Certa tarde, na biblioteca da universidade, ela me abordou:

— Lindie – chamou-me com voz firme.

— Oi, Alice, como vai? Estou aqui tentando decifrar Aristóteles – respondi, sentada à mesa da biblioteca, tranquilamente virando as páginas de um livro.

— E eu estou há tempos tentando decifrar o seu jogo duplo, Lindie.

— Jogo duplo? Do que está falando? – questionei-a sem entender.

— Não se faça de boba. Sei muito bem que você namora o soldadinho nazista e ao mesmo tempo flerta com o professor Steve. Nem tente mentir pra mim. Eu já vi você almoçando com o professor várias vezes, lançando sorrisos e olhares apaixonados.

Ao ouvir tudo aquilo, fiquei furiosa, larguei o livro sobre a mesa, levantei-me e encarei Alice.

— Está entendendo tudo errado! Cale a sua boca! Eu e o professor Steve somos apenas bons amigos. E, como você mesmo disse, eu já tenho namorado; o soldadinho nazista se chama Joseph. Aliás, nem tenho certeza se ainda estamos namorando. Acredito que já esteja tudo acabado.

— Você é tão hipócrita! Escute o que eu te digo: alguma hora você vai acabar perdendo os dois e vai ficar sozinha – Alice advertiu-me, apontando o dedo na minha cara. Retirou-se em seguida.

No fim de mais uma manhã de aulas na Universidade de Berlim, o professor Steve me convidou para almoçar. Ele parecia ansiar pela minha companhia, e eu cada vez mais desejava tê-lo por perto.

— Professor Steve, não será um inconveniente eu ir até sua casa? – perguntei.

— Mas é claro que não! Há tanta coisa que eu quero te mostrar. Além do mais, você tem sido uma companhia tão agradável. Minha empregada Bella, uma

senhora muito talentosa na cozinha, já está preparando o nosso almoço.

— Então vamos. Estou curiosa pra conhecer sua casa. – Eu sorri, segurando o professor pelo braço.

Quando chegamos ao apartamento, a mesa do almoço já estava preparada. Bella trabalhava para o professor Steve já há algum tempo; era uma senhora de sessenta anos de idade, madura e experiente.

— Dona Bella, essa é minha amiga e minha melhor aluna Lindie Brückner – Steve apresentou-me.

— Muito prazer, Lindie. O professor Steve fala muito bem de você. Até demais.

— O prazer é meu, dona Bella. Soube que a senhora cozinha maravilhosamente – eu a elogiei.

— Hoje você descobrirá, querida. Agora vou deixá-los a sós. Tenho que visitar meus netos. O almoço já está servido. Mais tarde eu volto. – Bella despediu-se, saindo em seguida.

— Muito simpática sua empregada, Steve.

— Ela é praticamente uma mãe pra mim.

— Professor, é lindo o seu apartamento. E esse gramofone então, muito legal! – Eu o encarei por um momento, depois de admirar o gramofone.

— Mais lindo ainda é você estar aqui comigo, Lindie – ele afirmou, com os olhos fixos em minha face. Sorriu delicadamente, aproximando ainda mais seu rosto dos meus olhos.

Lentamente nossas faces se encontraram, nossos lábios se tocaram e assim o primeiro beijo aconteceu.

— Professor, me desculpe! – exclamei desconsertada, ao me dar conta do que se sucedera.

— Desculpar? Por quê? Foi muito bom. Nós estamos inegavelmente apaixonados um pelo outro, e eu não vejo problema nisso. Você já é adulta e eu também.

— Steve, vamos almoçar. Conversamos sobre isso depois.

— Está certo. Estou mesmo com fome.

Nós nos sentamos à mesa.

Aquela tarde foi inesquecível para nós dois. Foi o instante em que me descobri apaixonada, da maneira mais esperada. Pouco depois do almoço fomos até a praça central de Berlim, passeamos, conversamos, voltamos ao apartamento e trocamos muito carinho. Passamos a tarde estudando juntos, discutindo os perigos do Terceiro Reich e acabei ficando para o jantar.

Com o Steve era diferente, pois ele era mesmo um homem mais sensível e delicado, muito distante da brutalidade do Joseph, que na maioria das vezes

apenas se esforçava para não ser rude.

O relógio marcava vinte e duas horas quando eu peguei no sono, lá mesmo no sofá da sala do professor Steve. Antes que eu adormecesse, ouvimos música no gramofone.

O Steve me disse depois que me achou linda ali dormindo, com olhos serenamente cerrados. Ele, por sua vez, não pôde se conter, me levou até seu quarto, me colocou em sua cama, tirou os meus sapatos e o tailleur, para que eu ficasse mais relaxada.

O professor apaixonado acabou dormindo ali mesmo, ao meu lado. Passou quase toda a noite me observando adormecida, segundo ele, um anjo que aparecera de modo envolvente e intrigante em sua vida.

Na manhã seguinte, Bella adentrou o quarto de Steve para servir-lhe o café da manhã e se deparou com ele deitado ao meu lado. Não se importou, deu um sorriso e voltou para a cozinha.

Ao acordar, fiquei desesperada. Olhei para o lado e vi Steve ali, dormindo, vestido com a mesma roupa do dia anterior. Havia retirado somente a gravata, o terno e os sapatos.

— Meu Deus! Que horas são? Onde eu estou? – interroguei a mim mesma, já atordoada. – Nossa! Peguei no sono. Steve, Steve! – Eu o sacudi pelo ombro; estava desesperada, precisava acordá-lo.

— Lindie. Que horas são? – ele despertou assustado.

— Hora de ir embora daqui! Minha mãe deve estar furiosa. Ainda bem que meu pai se encontra em batalha. Eu tenho que ir pra casa agora mesmo! – me levantei da cama apressadamente, arrumei meu cabelo e procurei meus sapatos. Foi tudo muito rápido.

— Tudo bem, eu te levo até lá no meu carro, te deixo na esquina da mansão. Perdi a hora, meu despertador não tocou. Hoje a manhã já é perdida. Vou telefonar para a universidade e dizer que só poderei ir à tarde.

— Como queira. Vamos logo. Onde estão meus sapatos? – perguntei atônita, procurando os sapatos por todos os cantos.

— Estão ali no canto. Tenha calma. Não aconteceu nada, apenas dormimos lado a lado. Você adormeceu no sofá e eu te trouxe até aqui, pra dormir mais confortavelmente.

— Eu sei! Jamais teria acontecido alguma coisa que fosse contra os meus

bons costumes. Vamos, Steve!

Corremos até a garagem do edifício.

— Lindie, só mais uma coisa – Steve pediu.

— O quê?

— Eu te amo – ele se declarou.

— Eu também! – eu afirmei, com um sorriso sincero.

Ao entrar em casa, tive uma surpresa. Sim, ele estava lá! Joseph me esperava sentado no sofá, ao lado de minha mãe.

— Lindie, onde você esteve, minha filha? Fiquei preocupada. Onde passou a noite? – questionou-me, demonstrando a preocupação que toda boa mãe tem por uma filha.

— Mãe, me desculpe. Fiquei até tarde estudando na casa da Judite, ficamos sentadas no sofá ouvindo música no gramofone e então peguei no sono. Nem liguei pra avisar. O pai dela comprou um aparelho novo belíssimo. Nem se compara com a nossa vitrola antiga – justifiquei-me, alegando a mentira.

— Viu só, dona Evelyn? Eu não disse que ela estaria na casa de uma amiga? – Joseph comentou inocentemente.

— Sim. Está certo, minha filha. Depois conversamos melhor. Vou deixá-los a sós. – Evelyn retirou-se da sala.

— Acabo de voltar de Auschwitz e vim direito aqui, especialmente pra te ver – Joseph esclareceu, com olhar de quem pretendia o perdão.

— Serei franca e direta com você, Joseph. É melhor terminarmos o nosso namoro de uma vez por todas. Eu não quero casar agora. Não o manterei preso a esse relacionamento sem futuro. Podemos ser apenas bons amigos. Desejo-lhe sorte em suas batalhas de guerra. Até logo. Vou para o quarto, quero organizar minhas coisas.

— É só isso que tem a me dizer, Lindie?

— Sim. É apenas isso.

— Já faz um tempo que você vem me desprezando. Quem é o seu novo amor? Algum colega da faculdade?

— Não, não há ninguém. Eu apenas decidi que não quero mais você. Já é adulto o suficiente para entender quando uma mulher não te ama mais – eu disse com certa aspereza.

— Está certo. Se é assim que prefere, a partir de agora você não é mais minha namorada. Terá todo o meu desprezo, Lindie. Até logo – ele despediu-se decepcionado.

Uma lágrima de tristeza correu pelo rosto do soldado, que saiu dali de cabeça baixa.

CORAÇÃO DIVIDIDO



Minha mãe entrou no meu quarto, sem bater à porta.

— Mãe? – demonstrei surpresa.

— Filha, precisamos conversar.

— Diga. Estou ouvindo.

— Lindie, não estou nem um pouco satisfeita com o seu comportamento.

— Desculpe, eu deveria ter telefonado, mas acabei dormindo no sofá. O gramofone da Judite é lindo. Precisamos comprar um igual.

— Pare de mentir! Eu telefonei ainda ontem para a Judite e ela me disse que você não estava lá. Diga a verdade. Onde passou a noite e com quem?

— Não me interprete mal, mãe.

— Sem mais delongas, diga logo onde esteve e com quem.

— Eu estava na casa do professor Steve.

— Na casa do professor?! – ela demonstrou espanto.

— Sim! Mas não aconteceu nada demais. Eu acabei dormindo no sofá. E não voltei pra casa. Foi só isso.

— Não respeita seu namorado? Como acha que o Joseph se sente? – questionou-me em tom de censura.

— Namorado? Já faz tempo que o Joseph não é mais meu namorado. Rompemos nosso relacionamento, é definitivo. Não tem mais volta. Ele é agressivo, só quer me controlar. Sei que você casou com meu pai por obrigação, mas comigo será diferente. Eu não quero me casar com ele. Deixei isso bem claro – esclareci enfaticamente.

— Eu só espero que não se arrependa das suas atitudes. Tudo bem que não queira ficar com o Joseph, mas nem por isso tem que sair por aí dormindo na casa do primeiro homem bonito que te conquista. Cuidado.

— Tudo bem, mãe. Prometo ser cautelosa.

— Está certo. Com licença. – Ela retirou-se do quarto, reprovando minhas atitudes.

Na biblioteca da Universidade de Berlim, quase vazia naquela tarde, Steve discretamente se aproximou de mim. Trazia uma linda rosa vermelha.

— Para o amor da minha vida! – Com um sorriso radiante, entregou-me a flor.

Eu peguei a rosa e sorri. Sei que meus olhos brilharam naquele momento em que ouvi a declaração de amor dele pra mim. Eu tive certeza naquele momento que o professor me amava de verdade. Não era uma paixão passageira.

— Steve, obrigada. É uma rosa linda. Eu também amo você, meu professor e meu grande amor. – Eu o agarrei pelo pescoço e o abracei forte. Em seguida ele me beijou.

Segundos depois, continuamos a conversa.

— Steve, que bom que está aqui. Tenho novidades.

— Então diga-me o que é! Não me deixe curioso.

— Meu pai dará um jantar na semana que vem. É um evento para amigos, uns poucos oficiais e alguns soldados. Quero que vá à comemoração. Vamos nos divertir observando a falsa alegria daqueles loucos. – Convidei-o animada.

— Vejo que está entusiasmada para a festa. Já que me convidou, eu irei.

— Será muito divertido.

— Também tenho novidades. Os folhetins antifascistas já estão prontos. Coloquei exatamente o que você e eu escrevemos. Ficaram ótimos. – Ele me avisou sobre os nossos planos de propaganda contra o nazismo. Usaríamos a força das palavras para combater aquele mal.

Logo no início do namoro passamos a nos reunir com pessoas membros de grupos subversivos em uma sala secreta no escritório do jornal dele. Lá planejamos e escrevemos os folhetins contra o nazismo.

— Enfim vamos participar da campanha contra o Terceiro Reich! – eu disse, sussurrando ao pé do ouvido dele.

— Sim, meu amor.

— Meu pai perguntou por telefone por que eu terminei meu namoro com o Joseph. Certamente ele foi até o general fazer intrigas a meu respeito. Mas nem me importo, quero esquecê-lo.

— E o que respondeu ao seu pai?

— Eu disse que depois desse jantar eu explicarei tudo a ele.

— O que pensa em dizer?

— Direi que eu decidi que te amo, Steve.

— Achei que o amor não fosse uma escolha e sim um fato natural. Mas é uma boa justificativa. Acredito que ele me aceitará como genro sem maiores problemas.

— O general Klaus pode ser duro com seus soldados na guerra, pode ser cruel com seus prisioneiros, mas aceita facilmente minhas escolhas amorosas. Comigo

até que ele dócil. Ele jamais reclamaria, afinal, você é um dos melhores publicitários do Partido Nazi em Berlim, além de ser um professor universitário respeitadíssimo.

— Em sua festa de aniversário de dezesseis anos eu conversei com seu pai. E sabe o que ele me disse?

— O quê? – me mostrei curiosa.

— Lindie, seu pai afirmou claramente que o Joseph não era o homem certo pra você. Disse que o homem certo pra você deveria ser um intelectual como eu. No entanto, garantiu que você era tão apaixonada pelo soldado que talvez nunca o deixasse.

— Então isso quer dizer que há tempos ele já te aceitou. Só que o general estava enganado em um ponto: não só deixei o soldado, como agora estou com você, Steve.

— Espero que, se não pra sempre, pelo menos por muitos anos.

— O pra sempre é hoje, ainda mais em meio a essa guerra que estamos enfrentando.

— O mundo precisa de mulheres e homens corajosos como você, Lindie. Só uma dúvida: o Joseph estará no jantar?

— Provavelmente sim. Mas não se preocupe com isso, meu pai estará lá e o Joseph não poderá fazer nada para nos incomodar.

— Não quero ser a causa de confusão na sua casa. Talvez seja melhor que eu não vá.

— Isso não vai acontecer, fique tranquilo. Eu quero você comigo lá.

— Conversarei formalmente com o senhor Klaus sobre nosso relacionamento.

— Tenho certeza de que ele ficará feliz – afirmei, convencida de que minha decisão era correta.

A mansão da minha família estava repleta de oficiais e de alguns soldados naquela noite. Por querer se vestir como uma verdadeira princesa para o jantar especial, fiz questão de trajar meu melhor vestido, cravejado com pedras de cristais, e a tiara de brilhantes na cabeça.

Ao descer as escadas, observei que Joseph estava sentado no sofá esperando-me, como sempre, louco para me ver. Sim, outrora ele havia me jurado desprezo, mas um amor verdadeiro não se esquece do dia para a noite. Logo notei que a intenção dele era reconquistar meu coração. Para não ser mal-educada, fui até o soldado e cumprimentei-o:

— Boa noite, Joseph. Você fica muito bem vestido nesse terno. Por muito

tempo sempre te vi vestindo apenas aquele uniforme de soldado.

— Obrigado. Você também está muito linda. Ainda vou ter você de volta.

— Se me terá novamente ainda não sei. É cedo para esse tipo de afirmação, jovem soldado.

— Está esperando alguém? – ele me perguntou, demonstrando preocupação com a resposta.

— Sim, estou esperando o Steve.

— O seu professor?

— Sim, ele mesmo, o meu professor. Mas não se esqueça de que ele também é jornalista, e faz as melhores propagandas para o Partido Nazi aqui em Berlim.

— Estou surpreso, Lindie. Você havia dito que não gostava de nazistas.

— Ele é um nazista diferente. É especial – eu disse, com um risinho um tanto irônico.

— Steve é um nazista como você?

— Por quê? Acha que eu não sou boa o suficiente para convencer todos ao meu redor de que eu apoio o Terceiro Reich?

— Tenho minhas dúvidas – ele disse, já com olhar ardendo de desilusão.

— Com licença. Fique à vontade, Joseph. Meu pai está à minha espera no escritório. Desde que chegou da Polônia ainda não conversamos. Quer saber se estou disposta a servir em Auschwitz. – Encerrei a conversa, beijando o rosto do soldado. Saí da sala em seguida.

No escritório, o general Brückner me esperava para tomar explicações.

— Pai, é bom vê-lo de novo em casa. A festa está linda. Será um jantar maravilhoso. Vejo que seus amigos oficiais estão todos felizes por estarem em nossa casa – eu disse, dando-lhe um abraço e um beijo no rosto.

— Minha filha, você está muito linda.

— Obrigada, pai.

— Sente-se, vamos conversar um pouco antes do jantar.

— Claro.

Eu me sentei.

— Quero que me diga por que rompeu seu relacionamento com Joseph.

— Ora, eu rompi porque não o amo o suficiente pra me casar com ele neste momento. Quero estudar, ter uma carreira universitária no futuro.

— Entendo. Mas não quero que trate relacionamentos amorosos de maneira banal. Você é uma donzela, uma moça pura e não é correto ter muitos relacionamentos antes de se casar. Joseph é um soldado exemplar, tem

trabalhado comigo e avançado em suas patentes. Você teria um futuro brilhante ao lado dele.

— Pai, até então ele foi meu único namorado. Por favor, não me critique. Eu não estava mais me sentindo bem com ele. Me entenda: eu não tenho vocação para suportar um homem possessivo. O Joseph me tinha como propriedade. Tornou-se agressivo, rude. Eu sou extremamente delicada e intelectual, preciso de alguém como eu.

— Entendo perfeitamente. Aliás, eu já sabia disso. Por acaso o seu novo namorado é o professor Steve?

— Sim, senhor. Como sabe? É ele mesmo. Logo estará aqui. Eu o convidei para o jantar. Ele quer pedir oficialmente permissão para me cortejar.

— O nosso publicitário é um homem de confiança e sei que seria o marido certo pra você.

— Marido?

— Sim! Lidie, até quando pretende continuar solteira, apenas namorando?

— Até o momento em que eu estiver preparada para esse compromisso. Por favor, pai, não me obrigue a casar agora!

— Depois falaremos sobre isso. Conversarei com o Steve mais tarde. Porte-se bem durante a festa, não quero confusão com o Joseph.

— Como quiser. Agora vou recepcionar o restante dos convidados. Com licença. — Levantei-me e saí. Meu pai fechou a porta do escritório.

A maioria dos oficiais na festa estava fardada. Era conveniente, diante das circunstâncias, circularem em seus trajes militares.

Steve chegou ao evento por volta das vinte horas. Corri em sua direção e o abracei com força.

— Meu amor! — exclamei, com a emoção da novidade da paixão.

— Você está linda! — Steve retribuiu o abraço me apertando ainda mais forte.

— E você também! Está lindo. Sempre está! — afirmei.

Joseph viu a cena e não gostou nada. Notei que seus olhos estavam lacrimejando. Era assim que ele ficava quando estava decepcionado.

— Vamos dançar? O jantar será servido mais tarde — eu disse baixinho ao pé do ouvido de Steve. — Os oficiais estão bebendo, fumando e dançando feito loucos. Venha ver! — convidei-o empolgada.

— É engraçado como tudo está prestes a desmoronar e eles ainda fazem festa. — Steve me pegou pelo braço.

— São todos loucos — sussurrei.

Seguimos de mãos dadas para a sala de jantar da mansão, onde acontecia a comemoração. Ficava próxima à grande porta de vidro que dava acesso ao jardim.

Diante de todos, Klaus nos chamou:

— Lindie, Steve, venham até aqui. Vamos brindar a futura vitória da Alemanha!

Aproximamo-nos do grande grupo de convidados, pegamos as taças de champanhe, e eu, muito irônica e sarcástica, propus o brinde:

— Um brinde à vitória do Terceiro Reich! A nossa Alemanha será livre das impurezas e imperfeições das raças inferiores, mesmo que para isso vidas do povo alemão tenham que ser sacrificadas. A vida da minoria pelo bem da maioria! Viva ao Terceiro Reich!

— Viva! – todos comemoraram, brindando.

— Venha, Steve, vamos fugir daqui. – Peguei-o pelo braço e fomos para o jardim.

— Lindie, por que me trouxe aqui no jardim? – Steve perguntou.

— Não desconfia? Quero ficar um pouco sozinha com você – respondi quase abraçada a ele.

— E o que foi aquilo que disse, “a vida da minoria pelo bem da maioria”?

— Sei lá, eu inventei na hora. Nunca imaginei que eu iria brindar o Terceiro Reich.

— Meus parabéns! Você fingiu muito bem, meu amor. Ninguém desconfiará de que você detesta o nazismo.

— Isso mostra perfeitamente que eles podem controlar tudo, menos os meus pensamentos e os meus sentimentos. Com palavras, brindei esse governo de maníacos, mas com a minha mente eu amaldiçoei-o sem que ninguém soubesse. O ser humano é tão mínimo, incapaz de saber a verdade.

— Está certa no que diz. O que está em sua mente e em seu coração só pertence a você, e ninguém pode te tirar isso.

— Eu já te amo muito e, quando essa guerra acabar, quero ficar com você em paz, para sempre, Steve.

— Não quero esperar a guerra acabar. Eu quero te amar agora, minha princesa – ele disse, me beijando em seguida.

O beijo foi longo. Exatamente naquele instante, em que o jovem professor e jornalista Steve demonstrava carinho por mim, sua amada, com a mais doce ternura, Joseph apareceu no jardim.

O soldado ficou furioso ao ver aquela cena. Não conseguia suportar saber que eu estava nos braços de outro homem.

— Lindie! – Joseph gritou, enfurecido.

— Joseph! – eu exclamei, surpresa ao vê-lo.

— O que está acontecendo aqui? Então você me deixou pra ficar com esse homem? Eu não posso acreditar nisso! – Joseph perguntou em tom de voz alterado.

— Joseph, pare de gritar! Quer chamar a atenção de todos? – Eu estava nervosa.

— Deixe a Lindie em paz. Ela não é mais sua namorada! Ainda não aceitou isso, soldadinho irritante? – Steve gritou, quase partindo pra cima do soldado.

O general Brückner, Evelyn e os convidados, depois de ouvirem os gritos, foram até o jardim. Queriam saber o que se passava.

— Mas o que está acontecendo aqui? – Klaus perguntou, já irritado com a gritaria.

— Então era com ele que você se divertia durante os dias em que eu estava no campo de batalha? General Brückner, sua filha estava aos beijos aqui no jardim com esse jornalista, sem o menor respeito pelos convidados – Joseph me denunciou. Estava dominado pela raiva e pelo ciúme.

— Joseph, cale a boca! Você não é mais meu namorado e por isso eu não lhe devo explicações. Se eu estivesse aqui com você, garanto que não se importaria! – eu o repreendi, tentando defender-me.

O soldado estava ferido, naquele momento não por uma arma de guerra, mas sim pelas atitudes insensíveis e palavras amargas da garota que ele mais amava no mundo. Sim, reconheço que fui um pouco rude em demonstrar afeto por um homem perto de outro homem que ainda me amava. Joseph se aproximou e lamentou:

— Eu te dei todo o meu amor, mas pelo que vejo não foi suficiente.

— Acalme-se! Vamos ter uma conversa de homem pra homem longe daqui – Steve sugeriu, impedindo que o outro se aproximasse mais de mim.

— Eu não tenho nada pra falar com você, jornalista engomadinho! Essa moça é uma ingrata. Vai se arrepender de ter me trocado por você! – O soldado traído rogou seus maus desejos.

— Dois homens brigando por uma mulher! Que lindo! – comentou uma convidada, esposa de um dos oficiais.

— Eu vou embora daqui sem a minha namorada, mas não saio daqui sem antes arrebentar essa sua cara falsa de intelectual sabe-tudo! Roubou a garota que eu amo! – Joseph partiu pra cima de Steve e, com a mão esquerda, pronta para atacar, deu-lhe um soco.

Foi tudo muito rápido. Klaus e outros convidados tentaram apartá-los, mas não conseguiram. Steve retribuiu a agressão dando mais dois socos no rosto de Joseph, que caiu de costas no chão.

Joseph levantou-se e mexeu no queixo manchado com o sangue que escorrera de sua boca. O professor Steve também tinha o nariz manchado de sangue.

Klaus aproximou-se do soldado revoltado e questionou-o com veemência, em tom severo de advertência:

— Soldado Kaiser, quem você pensa que é para desrespeitar minha família e fazer escândalo diante de meus convidados? Saia já daqui! Não pise mais seus pés na minha casa! – o general gritou.

— É melhor você ir embora. Eu o acompanho até a porta. Venha, Joseph – Evelyn chamou-o, cumprindo seu papel de dona de casa zelosa.

— Eu saio sim, não fico aqui nem mais um minuto. Nunca fui tão desrespeitado em toda a minha vida! – Joseph concordou em retirar-se, cuspidando no chão em seguida.

Evelyn segurou Joseph pelo braço direito e acompanhou-o até a saída.

— Lindie, vá para o seu quarto e não saia mais de lá até segunda ordem. Depois conversaremos – Klaus ordenou com voz e olhar furiosos diante de meu mau comportamento.

Depois minha mãe contou-me o que disse ao Joseph quando o acompanhou até a porta.

— A Lindie não é mais sua namorada, Joseph, ela está flertando com outro homem, conforme-se e controle-se. Vá para casa e reflita. É melhor você procurar outra garota pra namorar. Escute o que eu te digo: a Lindie não sabe o que quer. É sonhadora e busca novidades. Eu sinto muito.

— Dona Evelyn, eu vou embora, mas digo à senhora que sou eu quem sua filha ama de verdade.

— Isso é o que veremos. Por ora, vá para casa e procure não vir mais aqui. – Ela sorriu sem graça.

Eu me tranquei no quarto. O que aconteceu depois o Steve me contou. No jardim, as ordens de Klaus continuavam. De fato, o vexame causado pelos jovens o incomodara, apesar de quase todos os convidados terem entendido que se tratava de uma intriga passionai.

— Steve, venha comigo. Você me deve explicações. E a vocês, meus convidados, eu peço desculpas pelo ocorrido, mas voltem para a festa. O jantar será servido. – Mantinha a voz firme habitual.

— Não se preocupe, meu amigo general. São apenas dois jovens apaixonados disputando o coração da mesma donzela, algo muito natural na idade deles. Mas, enfim, vamos jantar, porque a festa continua! – comentou um dos oficiais presentes, tentando amenizar a situação.

Os convidados dirigiram-se de volta à sala de jantar. No meu quarto minha mãe teve uma conversa séria comigo.

— Minha filha, você pode me explicar o que acabou de acontecer lá fora?

— Mãe, o Joseph fez escândalo por nada. Ele me viu com o Steve e sentiu ciúmes.

— Não fica bem o que está fazendo. Acabou de terminar o namoro com ele e já está aos beijos com outro.

— Outro não! Ele se chama Steve e é o melhor publicitário que o partido nazista já teve.

— O partido tem vários publicitários, ele não é o único!

— Não é o único, mas é o melhor.

— Sabe de uma coisa, Lindie? Eu e seu pai não deveríamos ter dado a você tanta liberdade para namorar! Depois que a guerra começou e você entrou pra universidade, tem tido comportamentos subversivos.

— Subversivos? Quer dizer que agora conversar com um homem no jardim é comportamento subversivo?

— Ao que tudo indica, não estavam apenas conversando.

— Mãe, agora já me ensinaram a ser uma mulher livre, moderna, sonhadora. Agora eu sou adulta, posso muito bem escolher os homens com que eu quero me relacionar. Por acaso sou obrigada a continuar namorando aquele insuportável do Joseph?

— Não, não é! Mas nem por isso tem que sair por aí beijando outro homem pelos cantos da casa. Por que não deixou pra namorar em outra ocasião?

— É tudo culpa daquele soldado, foi ele quem fez escândalo. Eu não quero mais esse rapaz aqui! Eu sou capaz de cuspir na cara dele. Adorei os socos que ele recebeu do Steve! Foram merecidos. Quem aquele soldadinho de nada pensa que é pra fazer confusão na festa da minha família?

— Aprenda de uma vez por todas: um homem que se sente traído e rejeitado se torna uma fera indomável. Por isso tenha cuidado. Ele até acredita que você ainda o ama.

— Pois eu juro que se ele se aproximar de mim novamente eu mando meu pai trancá-lo em um campo de trabalhos forçados! – eu disse, quase gritando.

— Não é você que é contra a violência nazista, minha filha?

— Sim, é claro que sou, mas dessa vez o Joseph foi longe demais! Ele me envergonhou diante de todos os convidados! – Eu estava nervosa.

A conversa do meu pai com o Steve foi pacífica.

— General, peço desculpas pela confusão, eu não quis estragar a sua festa. No entanto, o Joseph é quem fez escândalo, apenas porque me viu junto com sua filha. Ele está morrendo de ciúmes, não aceita que Lindie e eu estejamos juntos – justificou-se, sentado na poltrona macia, encarando o general.

— Intrigas de amor! Já vivi várias quando eu era jovem como você. Eu sei muito bem qual foi o motivo da briga. E, pra falar a verdade, prefiro ter como genro você àquele soldado. Já lhe disse isso antes, lembra-se?

— Sim, lembro-me muito bem. O momento em que eu dancei com sua filha foi inesquecível.

— Então é bom que pense em uma data para se casar com ela. Não quero mais vê-la solteira, sem destino. O melhor é que aconteça logo.

— Estou surpreso. Pensei que fosse brigar comigo.

— Brigar não, apenas peço mais cautela até a data do casamento. Evite esse tipo de escândalo.

— Sim, senhor. Mas sua filha é moderna demais, não quer se casar agora. Se dependesse de mim, casaria amanhã mesmo. Eu a amo, senhor Klaus.

— Então lute para conquistá-la até convencê-la de que o casamento é a melhor escolha para duas pessoas que se amam.

— Farei todo o possível para que isso se concretize.

— Mudando de assunto, quero falar agora sobre as campanhas que estão sendo feitas contra o Reich aqui em Berlim.

— Que tipo de campanha?

— Existem traidores, militantes ferozes espalhando folhetins antifascistas por toda a cidade. Você poderia participar das investigações? Publique em seu jornal que os traidores serão presos e executados. Ninguém pode se atrever a desafiar o Terceiro Reich dessa maneira.

— Sim, certamente o farei.

— Aqui tem uma carta pessoal escrita pelo nosso querido Führer. Ele ordenou que você a publique em seu jornal. Na verdade, será publicada em todos os jornais do país.

— Sim, senhor. Garanto que a carta será publicada ainda na edição de amanhã. Trabalharei a noite inteira para que logo cedo a carta circule no jornal.

— Que ótimo!

— Eu faço questão de trazer um exemplar para que o senhor seja o primeiro a lê-lo.

— Obrigado, Steve. E, a propósito, tome cuidado com o Joseph. Um homem rejeitado pela mulher que ama não é de confiança. Minha filha ainda é imatura e não sabe o que quer. Mas logo tudo isso acaba, quando ela estiver casada com você.

— Joseph é um homem muito agressivo, rude, grosseiro. Lindie não pode mesmo ficar com ele. Eu a amo muito e com certeza ela será minha esposa – garantiu convicto do que sentia.

Steve saiu dali apreensivo, afinal, fazia parte do grupo de traidores do Terceiro Reich. Klaus sequer imaginava que sua própria filha era autora de textos antifascistas.

Nos dias seguintes Joseph telefonou para mim, insistentemente, mas eu não atendia, simplesmente ignorava as chamadas. Em dado momento, já cansada pela persistência, decidi falar com ele.

— Joseph, quantas vezes eu vou ter que te dizer que eu não quero mais falar com você?

— Quero uma chance de conversar. É só o que eu te peço. Voltarei ao campo de batalha amanhã, correrei riscos em meio aos bombardeios. Preciso te dizer muitas coisas.

Eu me calei por uns segundos. Não sabia o que responder. Naquele minuto pensei nas palavras dele. Risco e bombardeios representavam tudo de ruim que acontecia.

— Tudo bem. Venha hoje à minha casa, agora mesmo se quiser. Conversaremos –consenti.

— Sim, chego aí em poucos minutos – ele disse aliviado.

Eu o esperava na sala, sentada no sofá. Minutos depois ele entrou.

— Joseph – eu o encarei.

— Meu amor. Ainda bem que aceitou falar comigo. Não sabe o quanto estou arrependido por ter feito o que fiz – ele disse, agachando-se diante de mim, à beira do sofá.

— Não exagere, eu não sou mais o seu amor. Desde a ascensão do nazismo o seu amor é o Terceiro Reich.

— Todas as lembranças que eu tinha de você eu joguei fora. Cartas, fotos, bilhetes. Tentei esquecer tudo o que vivemos juntos, mas não consegui. Eu estava enganado. Descobri que eu te amo cada vez mais. Você tem toda a razão:

essa guerra é uma insanidade de líderes políticos malucos e ambiciosos – ele reconheceu, segurando as minhas mãos.

— Fale baixo. Há soldados lá fora que podem nos ouvir. Eu sinto muito que você me ame, porém já tenho outro amor. O Steve é meu namorado. Ele me ama muito.

— Olhe nos meus olhos e jure que você me esqueceu – Joseph pediu, quase, na verdade, implorando.

— Eu não tenho que jurar nada. Mas eu gosto de você, eu não te odeio. Prometa que vai voltar. Não permita que essa guerra tire a sua vida. Promete que volta? – eu pedi, aproximando meu rosto do rosto dele com um olhar de amor contido.

— Eu prometo que volto, Lindie, minha donzela. Por você eu volto.

— Eu não aceito que você esteja arriscando a sua vida por um ideal perdido. Se ao menos fosse possível você deixar o exército...

— Não quero ser considerado um traidor ou um fraco. Isso tudo é uma loucura, mas minha honra está acima de tudo. Tenho que lutar nessa guerra até o fim.

— Quando você voltar, estarei te esperando aqui ou abrigada em um bunker qualquer. Os bombardeios sobre Berlim não tardarão a começar, eu sinto isso. As notícias são cada vez piores. – Naquele momento senti meus olhos lacrimejarem de compaixão pelo Joseph.

— Gostaria que nada disso fosse verdade.

— Eu também. Já não enxergo mais o mundo colorido como quando namorávamos no jardim e você me entregava uma rosa.

— Sim, você tem razão. O mundo se afunda em cinzas de dor.

— Vá em paz, meu soldado, e volte logo – eu disse, mais uma vez desejando-lhe sorte.

— Eu voltarei, meu amor. Voltarei para ficarmos juntos. – Uma lágrima caiu de seus olhos.

Ele me deu um beijo no rosto e eu senti naquele instante que ele me amava mesmo. Pela primeira vez eu enxerguei de verdade que aquele soldado era sensível, amoroso, carinhoso. Enxuguei as lágrimas que ele derramou. Nos abraçamos.

PRISIONEIRO



Tanques de guerra e carros do exército tomavam as ruas de Berlim. A paz já havia sido substituída pelo medo dos bombardeios e dos tiros que a todo tempo atravessavam os corpos inocentes. Com olhares atentos a todos os lados, fui até a casa da família Hoff. Eu precisava falar com minhas amigas Judite e Anne Marie. Aquele local já não era mais seguro. Eu percebi que logo todas as casas seriam vasculhadas, cada canto. Talvez a minha fosse a única acima de qualquer suspeita.

Mas cheguei tarde demais. Ao me aproximar da casa da família Hoff, pude ver a cena que fez meu corpo tremer todo por dentro e por fora. Enfileirados, sendo tratados aos tapas e puxões de cabelos, minhas amigas e seus pais eram conduzidos para dentro de um caminhão já lotado de prisioneiros. A Judite, a Anne e seus pais me olharam de longe. Notei neles um pedido de socorro. Mais cedo ou mais tarde aquilo acabaria acontecendo. A família Hoff foi descoberta como traidora. Eu fiz sinal com a cabeça. Eu sabia pra onde eles estavam sendo levados.

Em passos apressados e nervosos, segui o caminho de volta para minha casa. Sentia-me tonta, sem fôlego. Toda aquela loucura da guerra fazia com que o sentido da vida se perdesse. Eu já não via mais razão nas atitudes humanas, e eu tinha que agir, eu tinha que fazer de tudo para livrar minhas amigas e seus pais de um fim cruel e torturante.

Cabisbaixa, adentrei a sala. Joseph me esperava.

— Joseph! Você por aqui? Achei que estivesse na Polônia, servindo nos campos.

— Cheguei há dois dias, uma visita rápida aos meus pais. Amanhã mesmo voltarei à Auschwitz.

— Auschwitz? – perguntei, arregalando os olhos.

— Sim.

— Eu também tenho que ir pra lá o quanto antes. Decidi servir como soldada

no campo.

— Decidiu? Assim, de uma hora pra outra? – ele se mostrou surpreso.

— Não foi de uma hora pra outra! Pensei bastante sobre o assunto durante esses meses.

— Fico feliz. Serviremos juntos.

— Joseph, eu posso ir com você pra Auschwitz?

— Sim, será muito bom. Você será minha melhor companhia.

— Joseph, venha comigo. Quero que me diga se fico bonita vestida em meu novo uniforme nazista. – Eu o peguei pela mão.

— Estou louco pra ver – disse ele animado.

Em meu quarto vesti meu uniforme de soldada que há tempos mantinha guardado em uma gaveta do guarda-roupas. Joseph esperou do lado de fora enquanto eu trocava de roupa. Abri a porta e pedi que entrasse.

— Pode entrar! Estou pronta.

Joseph entrou e, assim me viu vestida como uma legítima nazista, exclamou:

— Você está ótima! Mas sinto que algo não está certo, você é contra tudo isso. Eu sirvo porque não posso voltar atrás, mas você não precisa fazer isso. O que está acontecendo?

— Obrigada pelo elogio. Estou certa de que o general sentirá orgulho de mim.

— Lindie, me diga o que está havendo, sei bem que você não aceita o nazismo como a salvação da Alemanha.

— E você tem toda a razão. Eu nunca vou aceitar o regime nazista.

— Então por que decidiu servir como soldada?

— Irei para Auschwitz salvar da morte minha amiga Anne Marie, e você vai ter que me ajudar. A essa hora ela já deve estar em um vagão de trem, sufocada entre outros prisioneiros, a caminho do extermínio.

— Você enlouqueceu? Não sabe o que está dizendo! O que aconteceu? Você havia me dito que não teve mais notícias da sua amiga depois da proibição dos judeus de frequentarem as escolas e universidades. Os campos de concentração são um ambiente hostil.

— Eu menti pra você. Durante muito tempo minha amiga Anne e seus pais permaneceram escondidos na casa da família Hoff.

— Hoff? Os traidores?

— Sim, foram todos capturados hoje, há minutos atrás. Eu me aproximava da casa deles. Eu queria visitar minhas amigas, quando fui surpreendida pela triste cena de todos sendo presos e jogados dentro daquele caminhão lotado de

vítimas.

— Meu Deus! Lindie! Você um correu o grande risco de estar lá no momento em que os soldados chegassem. Você poderia ter sido presa como cúmplice. Isso arruinaria a vida da sua família!

— Eu sei disso, por isso naquela hora meu corpo todo tremeu de medo. O pior foi o jeito que a Anne e a Judite me olharam. Derramavam lágrimas e lançaram pra mim um olhar que exprimia um pedido de socorro. Eu já havia visto nos documentos do meu pai que a Anne seria levada para Auschwitz. Quanto aos outros, não tenho certeza. Mas preciso fazer alguma coisa.

— Escute o que te digo. Entendo que queira salvá-las, mas isso é muito arriscado.

— Esse governo está destruindo a Alemanha e ninguém faz nada. São todos maníacos!

— Não há nada que possamos fazer para impedir os fatos. Só nos resta esperar o fim da guerra.

— Hoje minha melhor amiga foi levada para um campo de concentração bem longe daqui, sozinha, separada dos pais. Eu quis escondê-la no porão, mas ela recusou-se várias vezes por acreditar que um documento falso a protegeria. Seus pais foram levados direto para Chelmo. Lá não há chances de sobrevivência. Irei até Auschwitz para tirá-la de lá. E você vai me ajudar. Ainda tenho que descobrir para onde levaram a Judite e seus pais.

— Lindie, eu entendo que queira salvar suas amigas, mas isso é loucura. Quanto à Judite e seus pais, acredito que foram detidos em prisões comuns, mas com certeza serão sentenciados à morte. Foi o que ouvi dizer. E o seu namorado Steve, aceita essa sua decisão?

— Ele nem sabe de nada ainda. Olhe ao seu redor. Realmente acha que eu tenho ânimo e forças para me preocupar com namoro em meio a tanta dor? Eu odeio tudo isso.

— Se você continuar com essas ideias insurgentes, vai acabar perdendo o seu namorado. Existem várias mulheres que o desejam na universidade.

Quando eu ouvi essas palavras saírem da boca do jovem soldado, fiquei furiosa. Entendi a insinuação de que eu era participante de uma disputa e que o professor poderia me deixar a qualquer momento.

— Se ele quiser, que fique com elas. Mas não se engane, o Steve não é tão radical nem tão infiel como você, Joseph.

— Infiel? O que quer dizer com isso?

— Garanto que o Steve vai apoiar minha ida à Auschwitz. Joseph, você não me engana; tenho certeza de que você já frequentou tranquilamente os bordéis dos campos de concentração e das cidades por onde você passou em todas as

vezes que rompíamos o namoro e ficávamos separados. Ou mesmo quando estávamos juntos. Você não é o tipo de homem que espera pela donzela.

— Lindie, você está me magoando com essas suas palavras.

— Você sempre ficou com todas as mulheres que quis. Um homem como você não merece o meu amor. Saia daqui! Saia daqui antes que eu quebre todos os vasos da casa na sua cabeça. Pegarei o primeiro trem para Auschwitz amanhã mesmo. Vou falar com meu pai hoje à noite.

— Você está errada. Sempre te amei, nunca existiu outra mulher em minha vida que tenha amado assim como eu te amo. Eu fiquei sim com outras mulheres nas vezes em que brigávamos e ficávamos longe, mas eu sou um homem como qualquer outro.

— Eu tenho certeza de que é igual a todos os outros.

— Não entendo por que está sendo tão grosseira. Mas se quer mesmo ir para Auschwitz, então vá. Só não garanto que poderei te ajudar completamente nesse seu plano, não posso me arriscar tanto assim. Mas se está mesmo disposta a fazer tudo por sua conta e risco, eu posso até te dar cobertura de longe, sem me comprometer muito. Por mais que eu te ame, não posso arruinar a minha vida nem a vida dos meus pais.

— Está bem, não se preocupe. Eu farei praticamente tudo sozinha. Agradeço a sua modesta generosidade – eu agradei sem olhar diretamente nos olhos dele.

Ainda naquela tarde eu me encontrei com o Steve no apartamento dele, no centro de Berlim. Pedi a ajuda e o apoio do meu namorado para realizar minha missão em Auschwitz.

— Lindie, que bom que veio, meu amor. Alguma novidade? – ele se mostrou surpreso, levantou-se, me beijou e voltou para a mesa onde estava lendo e fazendo anotações no momento em que cheguei.

— Sim, tenho novidades. Preciso de sua ajuda e apoio. Preparando as aulas?

— Sim. Estou mergulhado no trabalho. Ainda estou organizando aquela propaganda nova para o partido Nazi. Mas me diga do que precisa. Estou surpreso com a sua visita.

— É um assunto delicado. – Sorri singelamente e entreguei-lhe alguns papéis. – Aqui estão os textos. Eu escrevi mais algumas coisas para nossos folhetins. Pensei em espalhá-los nos banheiros públicos das estações de trem, a caminho de Auschwitz.

— Que bom que fez os textos contra esse governo que está afundando a Europa. Mas você disse Auschwitz?

— Sim. É isso mesmo.

— Não estou entendendo, Lindie.

— Aquela minha amiga, a Anne Marie, foi levada para Auschwitz hoje, e eu não pude fazer nada pra impedir. Quando cheguei perto da casa da família Hoff, todos estavam sendo presos e conduzidos para a prisão.

— Meu amor, você correu um grande risco. Eu lamento muito por isso.

— Os pais da Anne foram levados para Chelmo, não terão chances de sobrevivência. Não tenho muito tempo, por isso decidi que irei amanhã para Auschwitz servir como soldada e tentar livrar minha amiga da morte. Penso em ficar apenas uma semana por lá, só o tempo para a resgatar.

— Estou surpreso com a notícia. É arriscado. Aliás, é algo que tem grandes chances de dar errado.

— Mas eu tenho que tentar. A Anne é quase que uma irmã pra mim.

— Entendo. É uma loucura, mas eu te apoio. Você tem a proteção do seu pai como soldado. Sentirei sua falta. Mas tenha cuidado. A guerra é um ambiente hostil. Não seja ingênua.

— Obrigada por me apoiar! – eu o abracei com força. Pendurada em seu pescoço, enchi suas bochechas de beijinhos. Como eu amava o Steve!

— Se é pra salvar a vida de uma pessoa que você ama, só me resta te apoiar. – Ele beijou meu pescoço depois de afastar meus cabelos compridos.

— Sabe, no fim das contas eu ainda acho que Hitler não tem culpa de nada. Ele é apenas um doente mental, um maníaco obedecido por pessoas cegas, iludidas por instintos cruéis.

— Nunca imaginei ouvir tais palavras saírem da boca de uma jovem nazista, filha de um general importante – Steve sorriu.

— Eu sou uma nazista hipócrita – eu disse verdadeiramente.

— Meu amor, sente-se preparada pra fazer isso?

Em silêncio, eu pensei na resposta por alguns segundos.

— Sinceramente, eu não queria participar dessa loucura. Não sei se estou preparada, mas tenho que fazer isso, pela minha grande amiga. Há tempos meu pai insiste pra que eu me torne militar. Agora é o momento.

— Nunca vi tamanha coragem.

— Será que você conseguiria imprimir os folhetins agora de tarde para eu levá-los comigo amanhã?

— Consigo sim. De fato, não haverá vitória para a Alemanha, nem pra ninguém.

— Sempre quis ter um namorado assim como você, Steve, um homem amável, gentil, intelectual e principalmente antifascista como eu. O Joseph é nazista demais pra mim.

— Jura?

— Juro! Steve, eu te amo. Como eu não percebi antes que você é um homem maravilhoso? Desde a nossa dança eu nunca mais te esqueci. – Eu o abracei mais uma vez.

— Estou surpreso por ouvir isso. Eu amo muito você também.

— Prometo que ficarei só o tempo de tirar minha amiga de lá. Em uma semana pretendo estar de volta. Vi algumas filmagens nos rolos de filmes que meu pai mantém guardados em seu escritório lá em casa. É assustador. Começo a ficar tonta só de pensar que estarei naquele lugar horrível. Pelos documentos que li, tudo de ruim acontece por lá. Mas devo ir para salvar a Anne Marie. Infelizmente não poderei salvar seus pais. E ainda tenho que descobrir para onde foram levados a Judite e seus pais. O Joseph acha que a família Hoff está em uma prisão comum e será condenada à morte.

— Eu não tenho dúvidas.

— A Anne sofrerá muito quando souber o destino de seus pais.

— Ela ainda é nova. Vai superar. Como pretende tirá-la de lá?

— Primeiramente irei selecioná-la para serviços especiais na cozinha. Vou monitorá-la para que não seja executada.

— Parece um bom plano.

— Levarei uniformes femininos a mais comigo. Ela vai se fantasiar de soldada e sairemos juntas pela porta da frente, sem que ninguém desconfie de nada. Antes da fuga terei que xingá-la, maltratá-la e até fingir matá-la. Aprendi muito bem a usar os rifles e metralhadoras. Meu pai me ensinou. Também aprendi nos treinamentos da minha época de Juventude Hitlerista.

— Imagino o quanto você ficará abalada em ter que viver tais experiências.

— Não poderei demonstrar fraqueza. Melhor eu treinar agora o olhar sanguinário e assassino dos soldados do Reich. Tive uma ideia! Mostrarei a você como atuarei a partir de amanhã. Preciso aparentar maldade, impiedade e ódio.

— Posso ajudá-la a ensaiar. Direi se convencerá a todos em Auschwitz.

Eu comecei a atuação diante de Steve.

— Steve, agora você é o judeu e eu a soldada nazista.

— Sim – ele concordou com a simulação.

Iniciou-se a encenação.

— Judeu imundo e pestilento! – Cuspi na cara dele. – Ajoelhe-se e confesse que Hitler é o salvador da Alemanha.

Ele se ajoelhou e me disse:

— Eu posso até me ajoelhar, mas jamais direi tamanha mentira.

— Já sei do que você precisa! Precisa de umas chicotadas pra aprender que vocês judeus não são seres humanos! São capitalistas sanguinários que

pretendiam dominar o mundo. Mas o nosso querido Führer não vai deixar isso acontecer.

Eu fingi dar-lhe uma chicotada.

— Vocês são a escória e toda a imperfeição será eliminada. Sinta a dor do chicote pra aprender o seu lugar miserável nesse mundo. – Mais uma vez eu lancei mão do cinto e bati em Steve, sem força.

Cansei de encenar. Ele se levantou.

— Então, Steve, eu convenço como uma legítima nazista?

— Totalmente! É perfeita a sua atuação. Enquanto você estiver em Auschwitz eu vou procurar saber para onde foram levados a Judite e seus pais. – Ele aproximou seu rosto do meu.

— Obrigada – agradei.

Face a face, nós nos olhamos por uns instantes. Steve estava mais apaixonado do que antes. Seus lábios tocaram os meus mais suaves do que antes e nos beijamos de maneira doce e amável.

— Lindie – ele chamou meu nome.

— Steve, eu amo você. Sentirei a sua falta.

— Não sabe como estou feliz agora por ouvir isso de você. Eu te amo muito. – Ele me abraçou.

A CHEGADA



Às seis horas da manhã eu parti com meu pai para Auschwitz. O general me alistou para servir no pavilhão de triagem.

Todos os recém-chegados a Auschwitz passavam por uma minuciosa seleção. A equipe das SS determinava quem estaria apto a realizar trabalhos forçados. Outros tantos eram enviados diretamente para as câmaras de gás, onde covardemente eram assassinados. As câmaras eram similares a banheiros com chuveiros, tudo feito para enganar as vítimas, que inocentemente acreditavam que estavam a caminho de um simples banho.

Os objetos das vítimas das câmaras de gás eram todos confiscados, em seguida encaminhados para o depósito Canadá, e posteriormente eram enviados à Alemanha. A palavra “Canadá” significava riqueza para os prisioneiros.

Todos os judeus selecionados para o trabalho forçado recebiam um registro e uma tatuagem no braço esquerdo com um número. Servia como um código de identificação.

Anne Marie teve sua cabeça raspada, e em seguida seu braço esquerdo foi tatuado com um número. Ela deveria ter ficado escondida em minha casa. Lá poderia estar mais protegida. Pressenti que coisas ruins aconteceriam.

Tudo naquele campo de concentração era horrível. Meu primeiro fim de tarde estava cinza. Tudo era triste e tenebroso naquele ambiente de escravidão e tortura.

Depois de algumas horas de viagem de trem, meu pai pediu para que um soldado nos buscasse de carro na estação civil para que fizéssemos o restante do curto trajeto até o campo. Finalmente lá estava eu, em Auschwitz.

Assim que cheguei, desci do carro e já pude sentir o cheiro de fumaça dos corpos carbonizados que dominava o ar. Uma rápida vertigem acometeu-me de maneira súbita. A sensação que aquele lugar me transmitia era de tristeza e pesar.

Acomodei minhas roupas e objetos pessoais em meu novo dormitório. Meu pai conseguiu um quarto mais confortável para mim no prédio do alojamento dos

oficiais. Havia até uma pequena vitrola.

O campo de concentração era enorme, quase uma pequena cidade. Visitei alguns pavilhões por dentro e constatei que aquilo tudo era uma grande loucura de extermínio em massa. Já caracterizada como militar, eu recebi do meu pai todas as instruções e coloquei em prática meu olhar sanguinário, aquele que havia ensaiado com Steve.

Caminhei em direção à ala feminina. Por acaso, encontrei Joseph no meio do trajeto. Ele havia chegado na madrugada anterior. Imediatamente abordou-me:

— Lindie, você veio!

— Sim, estou aqui!

— Como é bom te ver de novo. Sinto a sua falta. Lamento que tenhamos brigado e terminado tudo. Decidi voltar ontem mesmo no trem de prisioneiros.

— Agora não é hora e aqui não é lugar para falar sobre os nossos sentimentos. Estou em Auschwitz para executar meu plano de salvar minha amiga.

— Eu sei.

— Se estiver disposto a me ajudar, serei eternamente grata. Preciso que você nos dê guarda na saída e nos leve para a estação de trem civil. Pretendo realizar a fuga daqui a uma semana. Prefiro embarcar de volta à Alemanha em um trem popular para que ninguém desconfie da Anne Marie.

— Eu vou te ajudar sim. Farei tudo o que me pedir, Lindie, meu amor. — Joseph acariciou meu rosto.

— Desde já, odeio este lugar. Sinto pena das pessoas que pagam com suas vidas as intrigas políticas e ideológicas que elas não criaram.

— Sim, concordo plenamente. Daqui a uma semana, quando estiverem prontas pra partirem, me avise. Eu te ajudarei a livrar sua amiga desse pesadelo.

— Eu agradeço muito a sua ajuda. Agora preciso encontrar minha amiga.

Encontrei Anne Marie no pavilhão 12. Ela havia chegado algumas horas antes de mim.

Com meu olhar sanguinário, muito bem ensaiado, entrei naquele alojamento, onde as mulheres dormiam amontoadas, e gritei:

— Atenção. Estou aqui para selecionar três mulheres que passarão a trabalhar na cozinha. Quero que se apresente agora a prisioneira Anne Marie. E também Lucy Springstron e Adele Krurtz. Acompanhem-me em silêncio, judias imundas, caso contrário, sentirão a força do meu chicote — pronunciei impiedosa.

Anne Marie ficou sensibilizada e ao mesmo tempo triste. Sensibilizada por descobrir que eu estava ali para resgatá-la e triste por eu ter que enfrentar o medo e arriscar a minha vida e da minha família.

Ordenei que as outras duas mulheres entrassem na cozinha, onde eram preparadas as refeições dos oficiais e demais militares. Coloquei minha amiga

contra o canto da parede, no corredor, e disse em baixo tom de voz:

— Estou aqui pra te ajudar a fugir desse lugar horrível. Fique calma e só faça o que eu disser. Para o nosso bem e para que tudo dê certo, nada de sorrisos nem expressões de alívio. Mantenha seu semblante amargurado e eu mantereí meu olhar sanguinário e cheio de ódio.

— Sim, entendi. Obrigada – ela respondeu com a face pálida de angústia. Poucas horas naquele lugar já era tempo suficiente para perceber a grande maldade que acontecia ali.

— Agora vamos para a cozinha. Hoje será preparado o primeiro jantar da semana para meu pai e seu grupo de oficiais – expliquei-lhe.

Em Auschwitz a rotina era a mesma. Por volta das quatro horas da manhã os prisioneiros eram despertados aos gritos, respondiam à chamada, e em seguida eram servidos a eles uma caneca de café e um pedaço de pão.

O trabalho forçado durava cerca de doze horas por dia. Em seguida, voltavam para os alojamentos, onde às vinte horas era servido um prato de sopa. Por fim, dormiam.

Eram diversos os casos de crueldade que constantemente ali aconteciam. Na maior parte das vezes permaneciam mantidos em silêncio. Algumas mulheres eram deixadas quase nuas na neve até morrerem de frio e outras tinham germes de sífilis injetados na medula espinhal em experiências médicas cruéis, onde prisioneiros eram feitos de cobaias.

Tudo não poderia ser mais cruel. Logo nas primeiras horas em que estava lá, já podia me sentir torturada por não poder salvar todas as vítimas que ali permaneciam sofrendo. Mas eu continuava cumprindo meu papel.

Dois dias depois dirigi-me ao escritório do general Brückner e telefonei para Steve. Pedi a ele que esperasse por mim uma semana depois na estação ferroviária de Berlim.

— Steve, sou eu, Lindie!

— Meu amor, como vai? Estou surpreso com seu telefonema. Como estão as coisas em Auschwitz?

— Aqui está tudo bem. Estou telefonando para avisar você sobre meu retorno à Berlim. Quero que me espere na estação ferroviária na segunda-feira, no fim da tarde.

— Sim, meu amor. Será um prazer. Estarei lá te esperando. Volte logo. É

muito ruim ficar longe de você – ele disse.

— A recomendação geral é ir para Berlim em um trem civil por conta da superlotação dos trens de prisioneiros do campo.

— Ótimo, irei buscá-la então.

— Obrigada, meu amor. Eu te amo.

— Eu também. Até logo. – Steve desligou o telefone.

Steve mal podia esperar para me ter de volta em seus braços. Eu sentia isso. Ele me amava demais. Eu também sentia muitas saudades dele. Nunca imaginei que seria naquele ambiente hostil de guerra e dor que aquela saudade se manifestaria de maneira mais clara. Todas as noites meus sonhos eram com ele, todos os meus planos de vida eram com ele, e jamais poderia sequer imaginar meu futuro longe do homem que eu amava.

LÁGRIMAS DE UMA GAROTA EM AUSCHWITZ



Naquela noite fria e cinza, eu caminhava lentamente até a ala do meu alojamento. O dia em Auschwitz havia sido exaustivo e doloroso. Eu havia presenciado centenas de pessoas sendo levadas para as câmaras de gás. Eram por volta das vinte e duas horas. A noite estava sombria, como dias que vivíamos lá.

Por um acaso que não sei explicar, mudei meu trajeto até meu alojamento. Passei pelo outro lado dos pavilhões que eram próximos de onde eu estava hospedada.

De repente, ao virar em uma das esquinas de Auschwitz, eu pude ver pela primeira vez os valões de cadáveres cruelmente empilhados uns sobre os outros. Não havia mais ninguém ao meu redor. A escuridão era angustiante e silenciosa. Eu não queria ver aquilo. Senti o cheiro dos corpos carbonizados quando cheguei àquele lugar cruel, mas evitei o máximo que pude. O número de corpos aumentava e por isso eles tiveram que abrir novos valões, justamente ali, onde eu não imaginava.

Meu corpo todo tremeu quando me deparei com aquela imagem pavorosa que revelava toda a insanidade do governo de meu país. Eu não suportei de pé, caí de joelhos no chão, parecia ter perdido completamente minhas forças. Desabei em lágrimas ao testemunhar o que jamais seria apagado de minha memória.

Demorei mais de dez minutos para conseguir me levantar. Em passos arrastados e de cabeça baixa, voltei para o quarto onde eu estava alojada em um edifício construído especialmente para acomodar os oficiais e militares importantes, devido ao o luxo e ao privilégio de ser filha de um general. Tranquei a porta. O mais difícil era conseguir dormir naquele lugar onde a morte e a injustiça estavam presentes de modo constante.

Me atirei na cama e chorei ainda mais.

Confesso que eu já estava fraquejando, já não tinha certeza se seria capaz de permanecer ali por mais um dia ainda. Mas eu tinha que conseguir, pela minha amiga eu precisava ser forte.

Era por volta de meia-noite e meia quando a porta do meu quarto se abriu. No momento me assustei; não imaginava quem pudesse ser. Sabia que meu pai não tinha motivos para estar ali naquela hora.

Era o Joseph em busca de mim, sua ex-namorada. Naquele momento eu estava sentada à beira da cama, de cabeça baixa, pensando, não conseguindo dormir. O momento revelava a minha tristeza.

Joseph trancou a porta e se aproximou de mim.

— Não se sente bem? – ele me perguntou.

— Joseph? O que faz aqui? Como soube onde estou alojada? Como conseguiu a chave do meu quarto? – eu perguntei quase sem forças.

— Consigo tudo que eu quero. Estou aqui porque me preocupo com você. Percebo que não está bem. Eu notei o dia todo que você esteve mal por ter que fingir, notei sua angústia por ver todas as maldades que acontecem aqui.

— Percebeu tudo isso?

— É claro que percebi. Eu te amo, por isso conheço você mais do que qualquer pessoa nesse lugar.

Respirei fundo. Tentava recuperar minhas forças para falar.

— Estou aqui neste quarto confortável enquanto pessoas estão sendo cruelmente mortas lá fora. Como eu poderia me sentir bem? De que maneira?

Ele se agachou diante de mim, segurou minhas mãos e disse:

— Meu amor, estou aqui pra afastar teu momento de tristeza, pelo menos por um instante.

— Nunca vi tantas coisas cruéis e assombrosas como vi nesse lugar. Estão matando gratuitamente milhares de pessoas sem dizer nada ao mundo. Pela primeira vez vi os valões repletos de corpos empilhados. Essa tem sido a minha pior noite em Auschwitz. – Comecei a chorar sem parar enquanto explicava. – Hoje pela manhã levaram um grupo de crianças para a câmara de gás e eu não pude fazer nada pra impedir. Tive que me conter para não chorar. Como conseguem ser tão maus?

— Eu lamento tanto tudo isso. Mas, se formos contra, também morreremos, e mortos não podemos ajudar ninguém. Eu liberei algumas crianças da morte durante os dias em que servi nesse campo. Não é possível livrar a todos, mas pelo menos fazemos o que podemos para ajudar os inocentes. Fique calma, é por isso que eu estou aqui. Vou te dar carinho, não quero que você sofra. – Joseph demonstrou seu amor antes contido. Enxugou minhas lágrimas de maneira sensível e delicada.

— Por quê? Pra quê? – Eu soluçava de tanto chorar.

— Pra te fazer relaxar e esquecer essas coisas cruéis que te atormentam. Pelo menos por um momento, pelo menos por esta noite, sinta o amor que eu tenho

por você. – Ele tentou me fazer entender o que pretendia.

— E quem você pensa que é pra me fazer esquecer todo esse sofrimento? Um deus? – eu o desafiei. Já me sentia seduzida pela beleza de meu soldado de olhos azuis cristalinos.

— Um deus não, mas talvez seu anjo – ele respondeu com voz suave, acariciando o meu rosto.

Joseph ergueu-se, pegou um disco de música clássica que estava sobre a mesinha no canto da parede e colocou-o no gramofone. Ao iniciar a melodia, estendeu sua mão para mim, me convidando para a dança.

— Quero que essa dança seja mais especial do que a sua valsa de dezesseis anos.

Eu me levantei. Ele me segurou pela cintura e começamos a dançar.

A música era “Moonlight”, “Sonata de Beethoven”.

— Você é mesmo muito pretensioso – eu me manifestei de modo tenro.

— Eu sou o homem que você ama, Lindie. Essa é a única verdade nesse momento. – Joseph disse enquanto me conduzia na dança. Deslizávamos nossos pés pelo chão no curto espaço daquele quarto.

— Você é o homem que me ilude, que me prende, que me hipnotiza. Não confunda isso com amor.

— Então você admite ao menos que ainda é apaixonada por mim? Que não resiste aos meus encantos? – ele perguntou, seguro da minha resposta.

— Sim, admito – confessei, já perdendo a batalha.

— Então esqueça todos os horrores deste lugar e aproveite este momento. Eu estou aqui pra te fazer feliz. – Ele sorriu mais uma vez.

Ao som da doce melodia, delicadamente Joseph e eu dançamos com olhares fixos um no outro, como se o mundo ao redor não mais existisse. Deitamos na cama e ele me beijou com tanto afeto que foi impossível não me sentir protegida, acalentada, amada.

Naquele instante, experimentei alívio em minha alma. Eu senti que o amava de verdade. Parecia até que toda a maldade que eu havia presenciado naquele campo de concentração não existia mais. Pelo menos por aquele instante.

Eram por volta das três horas da manhã quando eu acordei, olhei para o lado e percebi que Joseph estava ali dormindo, tranquilo, sereno. Ao me dar conta do que havia acontecido, entrei em desespero. O arrependimento sobreveio à minha alma de mulher apaixonada.

Mal podia acreditar que eu havia acabado de trair meu namorado, que

ansiosamente me esperava em Berlim. Eu sabia que o que havia feito não era certo. Steve não merecia aquilo. Mas eu simplesmente estava transtornada com a situação, meu coração era um mar de sentimentos confusos, me sentia incapaz de negar que eu amava dois homens ao mesmo tempo.

Quando olhei para o rosto do soldado adormecido, senti repulsa, raiva e indignação dele e de mim, por não estar sendo honesta para com seus sentimentos. Era o sinal de que todos sairíamos machucados daquela história.

Eu me levantei da cama, me olhei no espelho e toquei o soldado tentando não falar muito alto.

— Joseph, Joseph! Acorde.

— Lindie! Meu amor, o que aconteceu? Já amanheceu?

— Não, ainda não amanheceu. Por isso mesmo, levante-se e vá para o seu alojamento! Ninguém pode saber que você esteve aqui. Se isso chegar aos ouvidos do meu pai, ele pode mandar te matar ou então me obrigar a casar com você, o que eu não quero!

Joseph sentou-se na beira da cama.

— Agora tem pressa para que eu saia? Tivemos uma noite maravilhosa juntos, de carinho, de afeto mútuo. Deveria estar feliz por ter descoberto que me ama e não ter medo de se casar comigo – ele disse, ainda meio zozinho de sono.

— Não seja hipócrita. Como acha que estou me sentindo agora que acabei de trair meu namorado? Saia daqui! Não quero ver seu rosto! Calce seus sapatos, pegue seu casaco e saia logo! Não era nem pra você ter ficado no meu quarto, poderia muito bem ter ido embora depois de ter me consolado! Depois da dança – eu disse, com meus olhos ardendo em fúria.

— É assim que você trata o homem que te ama? Ou, melhor dizendo, é assim que você trata o homem que você ama? O que acabou de acontecer aqui senão a demonstração inegável do amor que sentimos um pelo outro? Lindie, por que você não volta logo pra Berlim e diz para aquele jornalista idiota que eu sou o homem e o amor da sua vida?

— Eu amo o Steve. E o que aconteceu aqui não foi tão maravilhoso assim. Esse lugar continua sendo horrível.

— Ah, não? Tudo bem, você pode até fugir dos seus próprios sentimentos, mas não há problemas, eu serei sempre vencedor. Prova disso foi essa noite. Eu preciso mesmo ir para o meu alojamento. Às quatro da manhã tenho que conduzir os prisioneiros ao trabalho. Até mais tarde, meu amor – Joseph disse, beijando meu rosto em seguida. Recolheu seus pertences, saiu do quarto e bateu a porta.

Eu passei o resto daquela madrugada chorando, deitada no quarto do qual já sentia repúdio.

NOTÍCIA



Depois daqueles dias em Auschwitz, descobri que até outrora eu não sabia o que era sofrimento nem o que era a maldade. Eu pude ver a verdadeira face do horror e da impiedade que brota nos corações e mentes dos seres humanos.

Eu não tinha mais certeza se suportaria mais um dia naquele lugar. Logo eu, uma moça tão romântica, presenciando toda aquela violência de mãos atadas, sem poder impedir. Não é a morte que assusta, é como a morte acontece que assusta e causa pânico. A sede pela destruição é que faz o corpo estremecer.

Passava das dez horas da noite quando mais uma vez me recolhi em meu dormitório. Aquele havia sido mais um dia difícil. Cheguei ao ponto de pedir para ficar apenas monitorando os prisioneiros de trabalhos forçados, na fábrica ao lado do campo, para não ser responsável por conduzir crianças e idosos às câmaras de gás.

Respirei fundo tentando acalmar a minha mente, contava as horas pra ir embora daquele lugar. De repente, ouvi alguém bater à porta. Olhei para a maçaneta sem vontade de me levantar para abri-la. As batidas continuaram, então concluí que deveria ser algo importante.

Caminhei sem vontade até a porta e a abri. Para a minha não surpresa era o Joseph. Estava ali, ainda fardado, e me olhava com semblante preocupado, olhos lacrimejando.

— Joseph! Ah, não! Dessa vez você não entra nesse quarto.

— Lindie, não é nada disso que pensa. Estou aqui porque preciso te dar uma notícia.

O rosto dele estava sério. Ele não parecia mesmo querer qualquer coisa além de dar a notícia.

— Deve ser importante mesmo. Você até bateu a porta. Então diga: que notícia você tem pra mim? – perguntei, sem convidá-lo para entrar.

— Eu sinto muito, Lindie, mas a sua amiga Judite e os pais dela foram mortos hoje pela polícia na prisão civil, lá mesmo em Berlim – Joseph pronunciou as palavras que foram como facadas em meu coração.

Senti uma súbita vertigem, o ar pareceu faltar em meus pulmões, meu corpo

começou a tremer e meus olhos começaram a chorar.

— Eu não posso acreditar que esse pesadelo seja verdade. — Caí de joelhos no chão.

— Meu amor, tente se acalmar. — Joseph se agachou diante de mim, me segurou, me abraçou, me envolveu em seus braços demonstrando carinho, sensibilidade, amor genuíno. — Eu estou aqui com você pra te consolar, pra enxugar as suas lágrimas de dor. Sei o quanto você gostava da Judite. Mas amanhã cedo vamos tirar a Anne Marie daqui, vamos livrá-la desse martírio. Logo você estará de volta para casa e tudo voltará a ser como antes.

— Obrigada, Joseph. — Eu o abracei com mais força.

A FUGA



Enfim chegara o dia da encenação no campo de Auschwitz. Eu me sentia preparada para fingir que mataria minha melhor amiga. Em seguida partiríamos dali para nunca mais voltar.

Na cozinha, gritei o nome dela:

— Venha comigo, Anne Marie, judia imunda! – peguei Anne Marie pelos cabelos e simulei arrastá-la até o lado de fora daquele pavilhão, onde os oficiais do exército se divertiam e se banquetavam enquanto inocentes eram exterminados.

Sussurrei nos ouvidos da minha amiga:

— Vou fingir chicotear você, depois vamos para aquele canto mais escondido e vou atirar para baixo, para fingir que te matei. Em seguida entramos em um quartinho e você coloca o uniforme de soldado e a peruca.

— Sim. Tudo bem – Anne Marie sussurrou, mexendo a cabeça em sinal de concordância.

Eu joguei-a no chão, cuspi em seu rosto e comecei a chicoteá-la. Passados alguns minutos, levei-a para um canto escondido, disparei a arma por várias vezes e todos que ouviram acreditaram que eu havia matado a judia prisioneira.

— Amiga, agora vamos para o quartinho.

Entramos no quarto. Auschwitz era repleto de salinhas, quartos e galpões vazios.

— Agora vista o uniforme de soldada e essa peruca. Vamos embora daqui em seguida. Joseph nos espera mais adiante.

— Muito obrigada, Lindie! – ela me agradeceu. Ainda estava trêmula e com a face pálida de uma vítima maltratada e traumatizada. Poucos dias naquele lugar eram suficientes para destruir a alma de qualquer pessoa.

— Acham que eu te matei. Direi a todos que seu corpo foi jogado em uma das valas.

Anne Marie vestiu a peruca e o uniforme. Joseph estava em volta, vigiando tudo.

— Agora, como estou? Pareço uma soldada nazista? – Anne perguntou com

voz fraca.

— Sim, está perfeita! E a peruca também ficou ótima, mas tem que se maquiar um pouco. Aqui está o batom e o pó de arroz.

Ela se maquiou rapidamente.

— Agora vamos embora desse lugar. Depressa. — Seguimos com Joseph em direção à saída.

— O carro já está preparado? — perguntei a ele.

— Sim. Me acompanhem, vou levá-las à estação ferroviária civil — ele respondeu com feição séria.

— Ótimo. Depois invente um pretexto qualquer para justificar ao meu pai o motivo da minha partida.

— Não se preocupe com seu pai. Ele saiu do campo, foi acompanhar uma operação no gueto de Varsóvia. Mais judeus serão trazidos pra cá.

— Vamos então. Não suporto nem mais um minuto neste lugar — Anne Marie disse com voz abatida.

Entramos no carro que já nos esperava na saída do campo. Joseph levou-nos até a estação ferroviária civil.

— Eu sou muito grata pela sua ajuda, Joseph. Tem sido um verdadeiro amigo — Anne Marie agradeceu-lhe com um abraço.

— Não precisa me agradecer, Anne. Você merece, é uma garota especial e melhor amiga da mulher que eu amo, embora ela não admita isso. — Ele retribuiu com um sorriso.

— Obrigada pela ajuda, soldado. Boa sorte e sobreviva — eu o agradeci ainda desnorteada. Não o abracei, nem o beijei. Na verdade, estava transtornada porque minha chegada a Berlim significava revelar ao Steve toda a verdade sobre o que havia acontecido entre o Joseph e eu.

— Estarei sempre por perto, para o que precisar. — Ele se demonstrou prestativo e amoroso.

Durante as horas de viagem, não houve nenhuma conversa significativa entre Anne e eu, a não ser em uma parada para um café, em uma das estações de trem polonesas. De todo modo, mantivemos a máxima discrição, não podíamos de maneira alguma levantar suspeitas. Nossos semblantes deveriam estar sombrios, precisávamos manter os olhares frios entre os civis, e as conversas em público deveriam ter como tema principal as proezas e vitórias do Reich.

Na chegada a Berlim já pude avistar Steve esperando-nos na estação. O clima era de tensão. Houve um abraço tenro entre nós.

— Que bom que você voltou, Lindie, meu amor. E você Anne Marie, seja bem-vinda! É bom tê-la novamente entre nós. — Ele também a abraçou.

— Obrigada, Steve. Estou feliz por estar de volta entre vocês, meus amigos. — Anne agradeceu-lhe.

— Estou aliviada por encontrá-lo bem, meu amor! — afirmei, sem firmeza na fala.

— Tentaremos resgatar seus pais também — Steve tentou consolar Anne.

— Eu agradeço pelo o que estão fazendo por mim. Sei que meus pais foram levados para um campo de extermínio, sem chances de sobrevivência. Viverei por eles — ela afirmou com voz abatida, quase sussurrando.

— Tentaremos salvá-los. Em Auschwitz fiz contatos com pessoas de confiança que podem resgatá-los — expliquei.

Entramos no carro. Steve levou-nos até a minha casa. Logo que adentramos os portões, sugeri ansiosamente, com respiração quase ofegante:

— Vamos entrar logo. Quero sair das vistas desses soldados. Anne Marie, me acompanhe. Depressa!

Entramos na sala.

— Subiremos até meu quarto. Lá existe uma escada que dá acesso ao meu porão, onde vou escondê-la.

— Obrigada, amiga. Eu quase não acredito que conseguimos escapar daquele lugar horrível. E tudo por causa da minha teimosia. Estou tão triste e decepcionada que mal tenho forças pra chorar pelos meus pais. Você está correndo tanto risco por minha causa. Serei eternamente grata. — Nos abraçamos.

— Nem me lembre! Aqueles soldados são tão nojentos, esnobes, maldosos. Os olhares deles eram tão sedentos pela morte dos outros — recordei.

— Foram dias horríveis. As soldadas também eram muito maldosas. Sua atuação no campo foi perfeita, Lindie, mas seu olhar não era tão mal quanto o das outras — Anne me disse.

— Steve, muito obrigada por nos ajudar. Me espere aqui na sala, vou esconder a Anne e já volto para conversarmos. — Eu ainda estava séria.

— Sim. Vá logo acomodar sua amiga, eu espero. — Ele sentou-se no sofá.

Anne e eu subimos as escadas e entramos no quarto.

— Amiga, é maravilhoso estar aqui de novo, bem longe daquele lugar horrível – Anne me disse olhando no fundo dos meus olhos. – Graças a você, que arriscou a sua vida por causa da minha teimosia. Eu devia ter me escondido aqui com os meus pais.

— Não precisa me agradecer. As coisas foram como tinham que ser.

— Estou com essa tatuagem no braço que marcará para sempre a minha pele. Me deram um número, rasparam a minha cabeça. Tudo foi tão horrível – Anne Marie esticou o braço mostrando a marca tatuada. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Já tranquei a porta do meu quarto. Agora vamos descer até o porão. Lá tem um guarda-roupa chaveado. Se você ouvir qualquer barulho, esconda-se dentro dele. Somente você terá a chave. Toda vez que eu descer pra te ver direi a palavra “amiga”, assim você saberá que sou eu.

— Tudo bem.

— Eu sou a única pessoa que entra nesse porão, no entanto não podemos arriscar. Caso perceba qualquer presença suspeita, esconda-se. Aqui nessa casa há empregados que não são de confiança. Fuja deles. Toda vez que você for usar o banheiro do meu quarto, confira se a porta está trancada. Eu vou procurar mantê-la trancada. Só eu tenho a chave, mas pode acontecer de alguém abrir. Tenha muito cuidado – eu a alertei.

— Entendi. Vou procurar usar o banheiro só quando você estiver aqui. De madrugada ou início da noite. Não se preocupe.

— Sei que você compreende a gravidade da minha atitude.

— Sim. Então, desçamos até o porão. Anseio para que me conte tudo o que aconteceu em Auschwitz. Quero saber o que te deixou assim, tão estranha com o Steve!

— Não posso mesmo esconder nada de você. É uma longa história. Depois te conto tudo em detalhes. De noite, com calma, descerei ao porão para te levar o jantar e conversamos.

— Eu sempre soube, pelas coisas que você me contava, que tanto o Steve quanto o Joseph são muito apaixonados por você. Minha única dúvida sempre foi saber qual dos dois você realmente ama.

— Falaremos sobre isso depois. Agora temos que descer até o porão. É naquela porta. – Eu fiz sinal com a mão indicando a direção.

Descemos a escada de madeira empoeirada. Havia por todo lado teias de aranha. Como eu havia dito, somente eu entrava ali, e como fiquei fora pouco mais de uma semana, já estava tudo sujo. Guardava minhas coisas pessoais ali, porque não queria que nenhum empregado bisbilhoteiro invadisse a minha intimidade.

— Amiga, é aqui que vai ficar. Tem essa cama que eu preparei pra você e uns livros para se distrair. Ali tem uma janelinha por onde entra o ar e um pouco de luz. De noite eu desço aqui para conversarmos. Agora vou até a sala falar com o Steve.

— Vá. Eu vou ficar bem. Ele deve estar ansioso pra falar com você.

O professor continuava sentado no sofá me esperando. Algo não estava certo em seu semblante apreensivo.

— Muito obrigada por tudo! – Eu o abracei mais uma vez ali na sala.

— Senti muito a sua falta durante os dias em que ficou em Auschwitz. Fiquei preocupado. As coisas estão ficando cada vez piores aqui em Berlim, em toda a Europa. O Terceiro Reich mente dizendo que está tudo sob controle, mas a verdade é outra.

— Eu sei disso. Eu estou a salvo, pelo menos por agora. Acompanhe-me até a biblioteca para conversarmos a portas fechadas. Aqui não é seguro, podem nos ouvir.

— Sim, vamos.

Entramos na biblioteca e tranquei a porta. Os olhos de Steve não disfarçavam sua angústia, e a mim faltou coragem pra ser honesta sobre os meus sentimentos, que no momento eram confusos e perturbados.

— Steve, deixa eu te abraçar de novo, pra te agradecer por estar comigo nesse momento tão ruim que estamos vivendo. – Eu o abracei sem evitar as lágrimas, que já corriam pela minha face desiludida com a vida e com o mundo.

— Também ansiei pelo seu abraço e quero te dizer o quanto eu te amo. Me preocupei com você durante esses dias em que estive em Auschwitz – ele afirmou, envolvendo-me com mais carinho em seus braços.

— Eu espalhei os folhetins contra o nazismo durante toda a viagem. Ouvi dizer que policiais da GESTAPO procuravam pelos traidores. Se não há judeus soltos por aí, só podem ser alemães ou poloneses revoltados com o regime a espalharem ideias antifascistas – eu esclareci.

— Aviões ingleses já começaram a espalhar panfletos contando a verdade sobre o que está acontecendo tanto nos campos de concentração quanto em toda a Europa. Bombardeios contra a Alemanha já começaram – Steve me disse ainda enquanto me abraçava.

Encerramos o abraço e eu me sentei em uma das poltronas.

— Esse clima de guerra me apavora cada dia mais. Eu sei que logo Berlim será terrivelmente destruída. Teremos que fugir daqui para abrigos subterrâneos. Continuar a distribuir esses folhetins é uma loucura. Tentar abrir a mente das pessoas é uma causa perdida. Não farei mais isso. Não quero mais arriscar a minha vida nem a vida dos meus pais. Você pode continuar, eu não me importo. Mas minha contribuição para combater o Terceiro Reich termina agora. — Declarei minha desistência da causa, já acovardada.

— Eu entendo você, meu amor, mas nossos militantes não querem parar com os folhetins. Concordo que você deve se manter afastada de tudo a partir de agora. Eu mesmo continuarei escrevendo nossos folhetins. Há outros membros do movimento que também escrevem.

— Espero que você não seja traído por nenhum dos membros.

— São meus melhores amigos, não me delatarão. Pelo menos não a princípio. Sempre preservei sua identidade pra te proteger; eles nunca souberam que você é um dos autores dos textos. Não se preocupe, você não corre riscos quanto a isso.

— Assim espero. Eu sou filha do general e todos sabem que você é meu namorado. Se descobrem que você patrocina os movimentos subversivos, podem desconfiar de mim.

— Não se preocupe. Não permitirei que nada de mal te aconteça.

— Eu vi de perto o que eles fazem com todos aqueles considerados inimigos. Jamais esquecerei o momento em que pisei meus pés pela primeira em Auschwitz. — Comecei a chorar mais uma vez, não só por me lembrar dos horrores que vi, mas também por lembrar que eu havia traído o Steve naquela noite tão inexplicável.

— Imagino o quanto deve ter sido difícil pra você passar por tantos momentos ruins.

— É horrível aquele lugar! Aquele ambiente de sofrimento sufocou a minha alma. Os olhares sangüinários e maldosos daqueles soldados maltratando as pessoas, eu tendo que fazer parte de tudo aquilo... Mal pude dormir. A qualquer momento uma bomba pode explodir sobre nossas cabeças e ninguém faz nada pra conter toda essa barbaridade.

— Sim, é verdade, meu amor. Estou aqui, me abraçe, venha, me abraçe, chore. — Ele estendeu seus braços em minha direção. Eu o abracei novamente.

— Ainda recebi uma notícia horrível.

— Sim. Eu sei. Sua amiga Judite e os pais dela foram executados. Eu lamento muito. Infelizmente não pude fazer nada pra impedir.

— Por que tanto ódio? Por que tanta morte?

— Chore, coloque pra fora tudo que está sentindo. Não guarde a dor dentro de você.

— Logo seremos destruídos.

— Penso como você. Apesar das falsas promessas do governo de que Berlim não será bombardeada, eu não acredito nelas. É tudo um grande absurdo, nosso espaço aéreo não está protegido. Vários países estão contra nós. Apesar de tudo, estou feliz por estar aqui com você, te abraçando, te sentindo, te amando.

Por uns instantes apenas nos olhamos e, mais uma vez, depois de alguns dias afastados, Steve me beijou. Naquele instante descobri que eu estava mais apaixonada por Steve do que antes, mas o fato de eu estar apaixonada por dois homens ao mesmo tempo era um fato ainda não compreendido pelo meu coração. Meu afeto e carinho pelos dois homens era igual em intensidade e verdade.

— Steve, é melhor você ir agora. Eu tenho que organizar algumas coisas no porão. Qualquer novidade me avise.

— Então nos vemos de novo amanhã na universidade? Você tem que voltar às aulas.

— Sim, nos veremos amanhã cedo. Estou ansiosa para voltar aos estudos.

— Até amanhã.

— Até. Estou sempre com o rádio ligado para saber notícias. Qualquer coisa eu telefono.

— Faça isso. Com licença. — Steve retirou-se.

A VERDADE



No porão, frente a frente, Anne e eu tivemos uma conversa sincera sobre os meus sentimentos.

— Lindie, me conte a verdade. O que aconteceu? Você está estranha desde a volta de Auschwitz. Preocupada com os bombardeios? – Anne Marie perguntou, ansiosa pela resposta.

— No momento eu estou mais preocupada com a bomba que vai explodir sobre a minha cabeça se meu pai descobrir o que aconteceu naquele campo de concentração – respondi.

— Fala de ter me ajudado a escapar?

— Não! Quero dizer... também. Mas aconteceu algo realmente terrível lá. Amiga, eu estou sofrendo tanto. – Iniciei a confissão já com lágrimas nos olhos.

— Por quê? O que aconteceu em Auschwitz que te deixou assim? Tem a ver com o Joseph, não é mesmo? Por que está chorando desse jeito?

— Sim. Tem a ver com o Joseph e com o Steve.

— Então me diga logo, o que foi?

— Uma noite, antes de voltarmos pra cá, eu e o Joseph...

— Não! Não me diga que...

— Sim! Infelizmente, ele me procurou pra me consolar, dançamos e ficamos juntos naquela noite, como se não tivéssemos terminado nosso namoro.

Anne colocou as mãos na cabeça. Mal podia acreditar na confissão que acabara de ouvir.

— Não! Não pode ser! E o Steve?

— Amiga, entenda, não foi nada combinado. Eu nem ao menos fazia ideia de que o Joseph apareceria no meu quarto, que estava com a porta trancada, muito menos naquele horário. Eu estava muito abalada com os horrores que havia visto naquele campo, durante todo o dia e naquela noite.

— Disso eu não duvido. Vimos coisas horríveis mesmo.

— Eu chorava sem parar, não conseguia dormir. A imagem daqueles valões repletos de corpos amontoados não saía da minha cabeça. Foi quando, de repente, o Joseph entrou no meu quarto, foi carinhoso comigo, me convidou pra

dançar, me consolou, e enfim... Foi uma atitude errada, eu sei, eu deveria tê-lo expulsado de lá. Estou arrependida. Mas o pior não é isso.

— Ainda tem algo pior?

— Tem sim.

— O que é?

— Eu amo os dois, eu sou apaixonada pelo Steve e pelo Joseph. Meu carinho e afeto pelos dois é intenso e inegável.

— E me diga uma coisa: você gostou de ficar com o Joseph?

— É como eu digo, sou apaixonada por ele e pelo Steve também. Isso é o que me deixa com mais raiva. Estou me sentindo péssima. Eu traí meu namorado! Esqueceu que eu namoro o Steve?

— Não, não esqueci. Esse fato me deixa sem entender suas atitudes.

— O Steve me ama de verdade e me respeita. O Joseph sempre foi um abusado que nunca me honrou, sabe? Ele confessou que ficava com outras mulheres no campo de concentração, em suas missões em outros países. Mas, de um tempo pra cá, ele mudou muito, se tornou um homem mais sensível e delicado, compreensivo e contra as maldades do Terceiro Reich.

— Entendo. É difícil escolher apenas um.

— Eu sinto tanta vergonha de não o ter evitado, mas ao mesmo tempo não posso negar meus sentimentos.

— Ele é um soldado lindo demais pra você resistir, não é mesmo?

— Sim. Mas não é só isso. O Joseph desperta um afeto em mim intenso, que me atrai. Ao mesmo tempo, o Steve é tão envolvente, tão romântico, é intelectual, se parece muito comigo. Temos os mesmos ideais, ele me emociona, faz meu coração bater mais forte – confessei, com brilho nos olhos.

— Me diga uma coisa: qual deles você ama mesmo?

— Eu amo o Joseph... E o Steve. Eu amo os dois. Entenda!

— Você pode até amar os dois, mas terá que escolher apenas um deles.

— Não sou capaz de escolher apenas um deles. Pelo menos não agora, em meio a toda essa confusão. Mas no fim eu não tenho escolha, já perdi o Steve. Ele jamais me perdoaria por isso.

— Você pretende contar para ele o que aconteceu?

— Mas é claro que sim. Não posso enganá-lo. Amanhã mesmo na universidade vou contar tudo.

— Então sua única opção será voltar com o Joseph.

— Nunca. Depois do que ele fez comigo, eu não quero mais vê-lo diante de mim.

— Amiga, como você conseguiu passar uma noite tão agradável em um ambiente tão horroroso, naquele lugar de guerra e homicídios cruéis?

— Anne Marie, me entenda! Eu estava dentro de um quarto que era até bonito para a ocasião. Tinha discos, gramofone, ele colocou a música, fiquei hipnotizada, estava carente, precisando de um carinho pra me consolar.

— Carente. Sei bem o que é isso – ela sorriu, tentando aliviar a tensão. – Eu te desejo sorte para tomar a decisão correta, amiga, e serei eternamente grata pelo que fez por mim.

Nos abraçamos.

— Obrigada, minha amiga. Eu vou precisar mesmo de muita sorte – admiti, enquanto a abraçava.

Na manhã seguinte, logo que cheguei à universidade, senti de imediato um nó na garganta. E estava prestes a confessar minha traição ao homem que me amava.

Carregando meus livros e caderno nas mãos, entrei na sala de aula e me sentei em seu lugar de costume. As primeiras aulas foram tranquilas, mas a última foi a mais difícil.

Meu semblante era de tristeza e frieza para com o professor Steve. Tudo bem que nós sempre mantivemos certa discrição no ambiente universitário, mas nunca com tanta apatia como eu demonstrei naquela manhã.

Depois que a aula terminou eu me aproximei, quando ele ainda arrumava suas coisas sobre a mesa.

— Professor.

Ele me olhou de um jeito atípico, como se percebesse que eu tinha algo de importante a dizer.

— Sim, Lindie.

— Eu preciso ter uma conversa séria com você.

— Tudo bem. Me acompanhe até o estacionamento, estou indo pra casa agora. Quem sabe almoçamos juntos – ele disse, já me fazendo o convite.

Caminhamos em silêncio até o estacionamento. Eu estava mesmo nervosa, seria difícil contar a verdade.

— Meu amor, que bom que está aqui. Ainda não conversamos direito depois que voltou de Auschwitz. Entre no carro, vamos almoçar juntos em minha casa. Lá poderemos nos falar melhor – Steve disse, colocando as mãos em meus ombros.

— Professor Steve, eu tenho algo muito grave pra te dizer – iniciei a

confissão.

— Que rosto sério é esse? O que aconteceu? Já estamos sozinhos aqui! Por que continua a me chamar de professor?

— Porque a partir de agora é só o que você será para mim, apenas meu professor. O que eu tenho pra te dizer é algo imperdoável – eu disse, já me apiedando de seus olhos que lacrimejavam.

— Então diga logo. Estou te ouvindo – Steve afirmou, com semblante sério.

— Enquanto eu estive no campo de concentração... Você sabe, eu encontrei o Joseph lá, e tive a ajuda dele pra livrar a Anne.

— Eu sei. Até aí nenhuma novidade. Era previsto que você teria que falar com ele por lá.

— Sim.

— Espere... Lindie, não me diga que durante os dias em que estive em Auschwitz decidiu voltar a namorá-lo?!

— Não, eu não quero voltar a namorá-lo. É algo muito pior que isso.

— Sem mais delongas, me conte logo o que aconteceu entre você e aquele soldado descarado.

— Uma noite, antes de voltarmos para Berlim, como eu já havia te dito, fiquei muito abalada por ter visto os valões repletos de corpos empilhados, e todos aqueles horrores. O Joseph foi até o meu quarto, sem a minha autorização, pra me consolar e tentar aliviar a minha dor. A porta estava trancada, nem sei como ele conseguiu a chave. Mas a verdade é que ele enxugou minhas lágrimas, me abraçou, dançamos uma linda música, nos beijamos. Passamos juntos aquela noite.

Steve estava prestes a chorar, mas sua raiva foi maior. Com a face ruborizada, ele me disse furioso:

— Como tem coragem de me dizer tudo isso, assim, com tanta calma e tranquilidade? Eu me preocupei com você, com a sua integridade física. Mas, pelo o que vejo, se divertiu bastante em Auschwitz. Fez questão de me trair.

— Eu lamento muito pelo que fiz, estou arrependida. Foi um erro grave. Eu sei.

— Um erro que você não conseguiu evitar, não é mesmo? Você me traiu! Como pôde fazer isso? Logo comigo, que sempre te amei! – exclamou indignado, me sacudindo pelos braços.

— Me larga, Steve! Está me machucando. Tudo bem que o Joseph não me respeitava, andava com outras mulheres, mas de uns tempos pra cá ele mudou, se tornou um homem sensível. Eu estava transtornada, abalada, precisando de carinho. – Tentei em vão me justificar.

— Quer dizer que agora ele é um herói?

— Steve, eu amo você! Eu juro que eu te amo! Nunca se esqueça disso! Mas eu preciso te dizer, eu também sou apaixonada pelo Joseph. Eu peço o seu perdão por não ser capaz de escolher apenas um de vocês.

— Você me ama, mas é apaixonada por outro homem! Como pode isso? Não, você não me ama. O amor nos faz sentir vontade de estar apenas com uma pessoa – Steve gritou com mais raiva ainda.

— acredite em mim. Se eu não te amasse, não estaria aqui confessando tudo. Eu sei que não posso ter os dois, mas, mesmo assim, acredite: meu afeto por você e por ele é igual, com a mesma força e mesma intensidade.

— Você está aqui me confessando tudo porque quer que eu te deixe livre de uma vez pra ficar com aquele soldado, não é mesmo, senhorita Lindie?

— Não diga isso! Eu só quero que você me perdoe.

— Já basta dessa conversa! Eu não quero mais saber de nada. Está tudo acabado entre nós! Agora pode voltar para sua casa, eu voltarei pra minha. Não se preocupe. Está tudo bem, continuarei sendo seu professor – Steve declarou furioso. Entrou em seu carro e foi embora daquele lugar o mais rápido que pôde.

Eu saí dali chorando e minha colega Alice, que nunca aceitou meu relacionamento com o professor, me abordou e disse de um jeito irônico e debochado:

— Que feio hein, Lindie!

— Alice! – fiquei surpresa. Ela havia escutado escondida, toda a minha conversa com o professor Steve.

— Traiu o professor Steve em um campo de concentração. Desceu tão baixo. Eu sempre soube que você não é moça que se preze. Desde que descobri que você namorava o soldadinho nazista e ao mesmo tempo era apaixonada pelo professor, tive a certeza disso.

— Alice, pode ficar com o professor pra você! – exclamei soluçando, com voz trêmula.

Saí correndo dali. O motorista me esperava em frente à universidade.

Quando cheguei em casa, fui diretamente para o quarto. Me joguei na cama e não parei mais de chorar. Os dias seguintes na universidade foram terríveis para mim, que passei a sentar-se no fundo da classe, para evitar os olhares de raiva que o professor Steve lançava sobre mim. Ele andava muito mais sério e triste do que de costume.

Certa vez, quando eu saía da sala de aula, ele abordou-me friamente:

— Lindie.

— Sim, professor – respondi cabisbaixa, evitando encará-lo.

— Quero devolver seu livro. Pegue, vai precisar para os próximos trabalhos acadêmicos. E, a propósito, pode levantar a cabeça e me encarar. Aqui sou apenas seu professor e você é apenas minha aluna.

— Sim, é claro. Obrigada, professor – agradei, retirando-me em seguida.

Os olhos de Steve lacrimejaram também.

O professor começou a me torturar psicologicamente, ignorando-me quase que completamente, e ainda usando Alice para me causar ciúmes. Certo dia, após a aula, quando de braços dados com a outra, seguindo para almoçarem juntos, ele percebeu que eu me aproximava da calçada onde meu motorista me esperava todos os dias. Imediatamente, antes de entrarem no carro, ele segurou Alice pela cintura e beijou-a. Sua intenção era me magoar de todas as maneiras. O Steve começou a deixar o carro do lado de fora só para que eu o visse quase todos os dias chegando e saindo com a Alice.

Naquele dia, após chegar à minha casa, mais uma vez tranquei-me no quarto, onde chorei por muito tempo. Sentia-me perdida. Evelyn, a minha mãe, notando o comportamento atípico que eu havia adquirido depois que voltei de Auschwitz já há um tempo, foi conversar comigo. Pretendia entender o que se passava. Entrou no meu quarto e deixou a porta entreaberta.

— Lindie, minha filha, o que aconteceu dessa vez? Ando tão preocupada com você. Por que está sempre chorando pelos cantos? Há dias você tem estado cada vez pior. – Ela sentou-se ao meu lado na cama.

— Mãe, eu cometi um erro. O pior de todos. – Eu soluçava, enxugando as lágrimas.

— Reparei que não tem sido a mesma desde que chegou de Auschwitz. Não a vi mais com seu namorado. Como vai o Steve? – ela perguntou.

— Eu não disse nada ainda. Estava esperando ter coragem para confessar tudo.

— Confessar o quê, minha filha? Você está me deixando aflita.

— O Steve terminou o namoro comigo.

— Por quê? Ele parecia te amar tanto.

— Aconteceu algo em Auschwitz, em uma noite, antes da minha volta pra

casa – comecei a explicar.

— O que aconteceu lá? Me diga logo.

— Eu e o Joseph ficamos juntos, no quarto do alojamento.

— O que está me dizendo? Que absurdo é esse?

— Eu lamento muito, mãe. Mas naquela noite eu estava extremamente abalada com os horrores que vi lá. Mãe, você não imagina como aquele lugar é horrível. A imagem dos cadáveres empilhados naqueles valões não saía da minha cabeça. Eu estava frágil, fraca, chorando, sozinha. Eu não conseguia dormir. A porta estava trancada, e eu ainda não sei como, mas, de repente, o Joseph abriu a porta, entrou, e me consolou. Foi carinhoso comigo, tão doce, amável. Dançamos, ele me beijou. E, quando percebi, já tinha cometido o erro.

— Entendo que as coisas que você viu naquele campo de concentração não eram boas, mas ainda assim estou muito decepcionada com você. Não foi essa a educação que eu e seu pai te demos. Seu comportamento não foi correto. Se estava namorando o professor não podia ter ficado com o Joseph.

— Sei disso, e sinto muita vergonha.

— Então foi por esse motivo que o Steve terminou com você?

— Sim, foi por isso. Eu o traí e agora ele está se vingando de mim na universidade. Está usando uma colega pra me causar ciúmes, pra debochar de mim.

— É perfeitamente compreensível o comportamento dele. O que você fez é imperdoável – enfatizou firmemente.

— Mas o pior não é isso.

— O que é pior?

— O pior é que eu amo o Steve e também amo o Joseph. O afeto que eu sinto por eles é igual, é intenso. Sinto a falta dos dois e preciso do carinho dos dois. Eu não queria ter magoado o Steve, ele sempre me amou tanto. Eu não sei o que fazer, mãe.

— Minha querida, você está com os sentimentos confusos. Eu entendo que você sinta afeto pelos dois. Seu coração está dividido entre duas grandes paixões. Mas terá que escolher apenas uma delas para viver.

— Eu sei que não posso ficar com os dois ao mesmo tempo, mas eu não sou capaz de decidir. Agora o Steve me ignora e quando percebe que eu estou por perto começa a beijar a outra aluna. Tudo isso só pra me torturar.

— O Steve tem toda a razão em sentir raiva de você. Foi traído da maneira mais dolorosa e imperdoável. Esqueça esses homens e abandone essa faculdade. Você ainda é tão jovem, terá outros amores. Espere a guerra terminar e poderá continuar seus estudos, talvez até em outro país – Evelyn me aconselhou e me abraçou.

CASTIGO



Cabisbaixa, sentindo o cinza daqueles tempos assombrosos dominar minha alma, fui até a sala de estudos na biblioteca da universidade, onde eu costumava passar um tempo depois da aula. Lá comumente eu fazia minhas leituras e reflexões a respeito dos temas apresentados na classe, mas naquele dia minhas reflexões estavam voltadas para os rumos que minha vida e meus sentimentos tomavam. Eu só não imaginava que encontraria, no canto do corredor, entre as prateleiras dos livros, Steve e Alice juntos, se beijando.

— Professor! Me desculpe, eu não sabia que estariam aqui. Com licença. – Me virei depressa, me retirando dali. Eu queria estar longe.

— Lindie! – Alice foi atrás de mim.

— Alice.

— Não precisa fugir, pode ficar aqui, eu já estava de saída. Apenas fiquei mais um tempo porque o professor fez a gentileza de me explicar algumas coisas que eu não sabia sobre história antiga. Mas tenho mesmo que ir pra casa agora. Até logo, professor! Até logo, Lindie. – Ela saiu, convencida de que estava em vantagem. Lançou olhares esnobes sobre mim.

Virei-me novamente para sair dali o mais rápido possível; eu mal podia encarar o professor Steve, mas ele forçou um diálogo.

— Espere, Lindie.

Eu interrompi meus passos de fuga. Senti um forte arrepio em meu corpo.

— Sim, professor. – Fiquei de frente com quem tentei evitar.

— Percebo que te incomoda me ver com a Alice – ele vangloriou-se por saber que provocava ciúmes em mim.

— Está enganado, professor Steve! Pouco me importa com quem você anda ou se relaciona. Eu não tenho nada a ver com a sua vida. Embora eu saiba que você não goste da Alice, me impressiona a sua vontade de me torturar.

— E acha justo o que fez comigo?

— Sabe de uma coisa, querido mestre? Esta universidade está ficando pequena demais pra nós dois. Se não foi capaz de me perdoar, ao menos deveria ser capaz de me esquecer.

— Quer que eu vá embora? Deseja que eu desapareça? Fui apenas o seu brinquedo, não é mesmo?

— Pense o que quiser. Não vou perder nem mais um minuto da minha vida com você! E fique tranquilo, eu vou embora! – exclamei magoada, me retirando dali apressada.

Na manhã seguinte, nos jardins da universidade, presenciei uma conversa entre a Alice e o professor Steve. Dessa vez fui eu que ouvi escondida atrás de uma árvore. Ele se aproximou rápido dela, intencionando beijá-la, mas pela primeira vez Alice o recusou.

— Não precisa mentir pra mim, Steve. Seja sincero! Está apenas me usando pra fazer ciúmes para sua ex-namorada, não é mesmo?

— Não diga isso! Não é minha intenção. Eu gosto de você.

— Pode até não ser sua intenção, mas é exatamente isso que está fazendo comigo, apenas me usando pra se vingar da sua alunazinha traidora. Sinceramente, professor, eu não sei como você ainda consegue amar aquela mulher. Passe bem! – Ela saiu furiosa.

— Alice, volte aqui! Você tem que me escutar! – tentou em vão trazê-la de volta. O pior de tudo era que ela estava coberta de razão. Mesmo magoado, Steve me amava mais do que nunca, mal conseguia disfarçar.

Agora preciso dizer como foi que meu pai descobriu tudo que eu havia feito, tanto em relação a Auschwitz quanto em relação às campanhas contra o nazismo.

Sempre antes de dormir, meu pai escolhia alguns livros pra ler na nossa biblioteca. O general Brückner trancou a porta de seu escritório naquela noite. Depois de escolher os livros, caminhou para o andar de cima em direção ao seu quarto. Meu pai não costumava prestar atenção nos títulos dos livros até iniciar a leitura. Gostava de surpreender a si mesmo.

Como de costume, minha mãe já o esperava no quarto.

Ao subir o último degrau, tropeçou e caiu. Não se machucou. Os livros também caíram, e de dentro de um deles saiu uma folha; era um dos textos que eu havia escrito para os folhetins antifascistas.

Para agravar a situação, o autor do livro, de dentro do qual se encontrava o texto para os folhetins, era ninguém menos que Albert Einstein, o judeu banido. Foi um momento de azar para mim. Naquele instante tive um dos meus segredos

revelados.

Uma fúria absurda dominou a mente do meu pai, e não poderia ser diferente. Ele não poderia aceitar que sua própria filha fosse uma militante subversiva que disseminava ideias contra o Terceiro Reich. Logo eu, educada severamente dentro da ideologia nazista, era justamente autora de mensagens contra o regime do Führer. O texto não estava assinado, mas ele conhecia muito bem a minha letra. O texto dizia:

“Manifesto Contra o Nazifascismo. Caros cidadãos alemães, precisamos mudar! Estamos enfrentando uma guerra da qual não haverá vencedores, apenas milhares de vítimas e amontoados de corpos! As promessas do nazismo são falsas, a Alemanha será bombardeada e destruída pelas nações inimigas, que estão tentando salvar o mundo das insanidades do nefasto presidente Adolf Hitler. Somente cinzas nos restarão, pois apoiar o partido Nazista é levantar a bandeira do ódio, da destruição e do amor ao poder. Os mais fracos serão os primeiros a caírem. O Terceiro Reich é uma farsa, nenhuma raça é superior, somos todos seres mortais igualmente sujeitos às doenças e a todos os tipos de males. O ideal de um mundo e uma sociedade perfeitos é uma utopia. É preciso que nos revoltemos dentro de nossos corações. Todos os dias homens, mulheres e crianças estão sendo mortos covardemente dentro dos campos de prisão. Diariamente os caminhões e trens chegam cheios de prisioneiros inocentes que estão pagando com suas vidas por uma ideologia falsa, impraticável e insustentável. Parte do povo alemão e vários povos estrangeiros estão sendo exterminados cruelmente seres considerados "inferiores", como os judeus, homossexuais, ciganos, evangélicos, protestantes, além de qualquer outro opositor do regime nazista. Até quando permitiremos esse genocídio, esse crime contra a humanidade? Juntos poderemos vencer a insanidade do Terceiro Reich!”

Fui descuidada por ter deixado aquele livro na biblioteca. Com a face ardendo em fúria, livro e texto na mão, sem pensar mais sobre o que faria, o general entrou no meu quarto aos gritos, agressivo, exatamente como faziam os soldados ao invadirem as casas dos judeus.

— Lindie!

— Pai! O que aconteceu? Por que entrou gritando no meu quarto? – perguntei assustada, já trajada em minha camisola, pronta para deitar-me.

— Você pode me explicar o que significa isso? – ele mostrou-me a folha e o livro.

— Uma folha de papel e um livro, não é mesmo? – respondi inocentemente, sem reconhecer o exemplar que meu pai me mostrava.

— Não reconhece o seu próprio livro? Nem sua própria letra? – Entregou-me o papel e o exemplar.

— É meu exemplar de “A Teoria da Relatividade”, e meus escritos para os folhetins antifascistas.

— É melhor que tenha uma boa explicação pra isso! – ele gritou mais uma vez, completamente exaltado.

Eu respirei fundo, encarei meu pai, demonstrando uma coragem que na verdade eu não tinha.

— Quer saber mesmo, pai? Eu sou a autora de textos para os folhetins antifascistas! Uma colega me convidou para escrever, o senhor não a conhece. Por um tempo escrevi contra as loucuras e insanidades de Adolf Hitler. Sabe muito bem que a Alemanha será derrotada, essa guerra é uma causa perdida.

— Como tem coragem de dizer isso olhando nos meus olhos?

— O senhor é meu pai. Tem que me amar acima de tudo. Não temo em lhe dizer a verdade. Pai, me escute: logo seremos gravemente bombardeados e invadidos pelos exércitos inimigos. É o que eu escuto por todos os lados. As pessoas estão comentando.

— O que você entende de guerra? Mal saiu do seu mundo de fantasias amorosas.

— Pai, não precisa se preocupar com esses textos. Eu pensei no risco que eu corria, pensei no senhor. Eu não participo mais desses movimentos revoltosos. Não participo mais da militância antifascista. Na verdade, eu nunca participei de modo efetivo, nem os conheço pessoalmente, apenas escrevia os textos. Minha colega era quem fazia parte do movimento. E quanto ao livro... Eu amo a ciência e gosto das ideias de Einstein, e não me importo se ele é judeu, ateu, alemão, evangélico, ou seja lá o que for!

— Cale a sua boca, Lindie! Política é um assunto que não lhe diz respeito. Você não tem poder nenhum de salvar a Alemanha. Não teme pela sua vida? Acha que folhetins vão fazer com que a guerra acabe? Você é só uma garota imatura que não sabe o que faz. Só quer viver de aventuras sem pensar nas consequências!

— Do que está falando?

— Não tenho nada contra o seu amor pela ciência, contanto que o autor das teorias não seja um judeu banido da nossa nação. Sorte a sua que eu, seu próprio pai, foi quem descobriu suas traições. Ao menos me conforta saber que não participa de mais nada disso. Mas nem por isso vou deixar de te dar o castigo que você merece – ele gritou e deu uma bofetada no meu rosto.

— Pai, você me agrediu! – Arregalei os olhos de espanto.

— Isso não é tudo. Saiba que eu ouvi a conversa que você teve com sua mãe

uns dias atrás. Ouvi tudo através da porta entreaberta.

Àquela altura dos acontecimentos, minha mãe já estava ali na porta do quarto, presenciando tudo. Os empregados também acordaram assustados com os gritos, se aproximaram e acompanharam de perto o desenrolar daquele momento.

— O que você ouviu, pai? – perguntei chorando, com as mãos no rosto.

— Eu ouvi perfeitamente quando você confessou ter traído o Steve! Passou a noite com o Joseph em Auschwitz. Não sente vergonha de se comportar como uma garota sem princípios?

— As coisas não são do jeito que o senhor pensa.

— Quando eu ouvi isso, senti uma fúria terrível invadir minha mente e todo o meu corpo. Suas atitudes são inadmissíveis para uma descendente de um militar respeitado. Naquele mesmo instante eu quis entrar no quarto e dar-lhe uma lição chamada surra, mas me contive. Precisava saber mais. Decidi esperar o momento certo para aplicar o seu castigo.

— Está sendo injusto comigo.

— Eu não deveria ter te dado tanta liberdade pra namorar quem bem quisesse! Até agora só envergonhou seus pais com suas atitudes inconsequentes. Seu castigo seria a pena de morte por trair o governo de seu próprio país. Sabe disso, não?

— Sei, sei muito bem o que acontece aos inimigos do Reich. Por isso pedi pra sair de Auschwitz, não suportei ver toda aquela violência e assassinatos.

— Lindie, eu não serei envergonhado por sua causa, nem vou ter meu sobrenome manchado e desonrado pelos caprichos de uma garota que não sabe o que quer. Seu castigo será aquele que eu já deveria ter te dado há anos atrás – Klaus gritou mais uma vez e tirou o cinto das calças.

— Não, Klaus! Por favor, não faça isso! Ela é sua filha! – minha mãe Evelyn tentou impedi-lo.

— Pai, o que vai fazer comigo? – Eu estava apavorada, trêmula, ofegante.

— Vou te dar uma surra inesquecível, porque é exatamente isso que você merece. Deite-se de bruços na cama! – ele ordenou, gritando ainda mais alto.

— Klaus, eu insisto. Não precisa fazer isso! Podemos puni-la de outra maneira – minha mãe tentou mais uma vez.

— Não há outra maneira de educar uma garota mimada e infiel às pessoas que a amam de verdade – o general disse, já brando.

— Mas, pai... – sussurrei.

— Deite-se logo de bruços, Lindie! – ele ordenou pela última vez.

Eu obedeci, deitei-me de bruços. O general iniciou a surra. Em alguns segundos eu já sentia as dores em minhas costas e nádegas. O general gritou enquanto me surrava:

— Isso é pra você aprender a não ser traidora e parar de se comportar como se fosse uma garota qualquer! Acha certo ter traído seu namorado daquela maneira? Pensa que é louvável desonrar seus pais? Isso é pra você aprender a não brincar com os sentimentos dos outros! Ficou impressionada ao ver os corpos empilhados nos valões em Auschwitz? Espero que essa surra também te impressione – ele gritou ainda mais alto enquanto me batia.

Minutos depois de ser castigada, eu chorei como nunca, debruçada no colo da minha mãe, que afofava seus cabelos. Pouco tempo depois meu pai entrou no quarto novamente e continuou as advertências.

— Pode começar a juntar seus pertences, Lindie. Você vai embora da Alemanha. Você e sua mãe viverão no Canadá até essa guerra terminar. Ficarão na fazenda de seus avós, bem longe daqui. Não posso arriscar ter minha vida destruída por sua causa. Além do mais, você tem razão, minha filha: essa guerra está ficando perigosa, corremos mesmo o risco de bombardeios.

— Canadá? – minha mãe disse surpresa.

— Sim. E fique feliz por eu não ter te prendido, Lindie. Aliás, você está proibida de sair desse quarto até a sua partida. Esqueça suas paixões e a universidade. Será melhor assim – ele declarou, se retirando do quarto.

— Filha, agora descanse. Tente relaxar e dormir. Aos poucos sua dor vai passar. Amanhã cedo venho ver como você está.

— Tudo bem, mãe

Tranquei a porta do quarto e fui direto para o porão falar com a Anne Marie, que havia ouvido toda a gritaria.

— Anne Marie, você ouviu tudo? – perguntei.

— Ouvi sim. Lamento. Está doendo? – Ela me abraçou.

— Não mais que o meu coração.

— Sinto em dizer, mas seu pai tem razão a respeito de algumas coisas que ele disse. Não era certo o que você vinha fazendo com o Joseph e com Steve. Se tornar militante de um movimento inimigo, arriscando a vida da sua família e a carreira de seu pai também foi uma atitude muito errada da sua parte.

— Eu sei que eram atitudes perigosas. Talvez eu tenha merecido a surra que meu pai me deu. Só não esperava que as coisas acontecessem dessa forma. Eu não tive a intenção de prejudicar ninguém – admiti com voz soluçante.

— Não duvido disso. – Ela me abraçou.

Ficamos em silêncio por uns instantes. Eu ainda precisava dizer para a Anne o que havia acontecido durante os dias em que ficamos em Auschwitz.

— Anne, tem algo que preciso te dizer.

— Fale.

— Aconteceu tanta coisa que minha mente bloqueou essa verdade.

— Diga logo. O que é?

— Durante os dias em que estivemos em Auschwitz, nossa amiga Judite e seus pais foram mortos na prisão civil, aqui mesmo em Berlim.

— Eu desconfiei. Quando estávamos dentro daquele caminhão, no meio do trajeto, os soldados os deixaram na delegacia com outras pessoas detidas, e eu segui para a estação de trem de prisioneiros.

— Sinto muito por não ter conseguido salvar nossa amiga, sua família e seus pais, Anne.

— Todos nós estamos sofrendo. Eu choro quase todos os dias, mas sou grata por você ter me livrado daquele lugar horroroso. Obrigada, Lindie. – Ela me abraçou mais uma vez.

O clima de tensão e as ameaças de ataques aéreos iminentes aos poucos dominavam o coração de todos em Berlim. Dois dias depois do episódio da surra, minha mãe esteve no meu quarto; precisava conversar comigo sobre nossa mudança para o Canadá.

— Eu conversei com seu pai sobre a surra que ele te deu. Você fez por merecer, e eu concordo plenamente que o melhor mesmo é partirmos para o Canadá.

— Já não me resta dúvidas de que isso é o melhor que temos a fazer.

— A Alemanha já não é mais um lugar seguro. O que fez foi muito grave, minha filha. Foi infiel ao seu namorado, traiu o seu país e seu pai.

— Compreendo que pensem assim. É uma pena que sentir e errar seja trair. Porque mesmo que eu não tivesse feito o que eu fiz, aqui dentro do meu coração continuaria amando aqueles dois homens e continuaria odiando o Terceiro Reich.

— Deixe as suas malas prontas com seus pertences mais importantes.

— Tudo que eu mais quero agora é ir embora daqui. – Respirei fundo.

— Minha mãe já está bastante idosa, precisa de companhia, e seu avô sente saudades de você e de mim. Será melhor passarmos um tempo lá na fazenda, longe dessa guerra e de todos esses conflitos. – Ela sorriu de modo singelo.

— Sim, será. Escaparemos dos bombardeios que estão por vir sobre Berlim. Sinto saudades da fazenda do vovô. Mal posso esperar por nossa partida.

— Quanto aos bombardeios, está certa. Várias cidades alemãs já foram atingidas. Para Berlim sofrer um ataque é só uma questão de tempo. Mas não é somente por isso.

— E qual seria o outro motivo para irmos embora?

— O Canadá fica tão perto dos Estados Unidos, minha filha, e você sempre sonhou estudar em uma universidade americana. Terá grandes chances de ser aceita em Princeton, assim poderá até conhecer Einstein, o cientista que você tanto admira.

— Sim, essa pode ser minha grande oportunidade de fazer tudo o que eu sempre quis.

— Então fique feliz. Seus avós já nos esperam ansiosos em Toronto. Embarcaremos na próxima semana.

— E quanto a Anne Marie?

— Eu conversei com seu pai sobre ela. Não foi fácil pra ele aceitar isso. Klaus é um nazista fiel e está extremamente decepcionado com você, minha filha. No entanto, permitiu que Anne vá embora conosco para o Canadá. Ela poderá trabalhar na fazenda dos meus pais. As passagens já estão compradas e nossa documentação já está acertada.

— Mãe, eu sei que estou proibida de sair dessa casa até a nossa partida, mas preciso muito ir só mais uma vez à universidade, me despedir das minhas amigas.

— Fique tranquila, entendo perfeitamente. Pedirei ao motorista que te leve lá, amanhã cedo, só mais uma vez – ela consentiu.

— Obrigada, mãe. Sou grata por me proteger e me defender. – Beije o rosto dela.

Findava mais uma manhã de aulas na universidade de Berlim. Eu havia passado toda a manhã na biblioteca, onde conversei com minhas colegas e me despedi.

Era hora de voltar para casa. O professor Steve seguia em direção ao seu carro quando teve a infelicidade de cruzar comigo, sua ex-aluna e ex-namorada.

Meus olhos, já desacostumados a ver o homem que amava, ficaram chocados ao ver de perto a figura do professor.

— Lindie! – ele chamou meu nome.

— Professor! – exclamei.

— Estou surpreso em vê-la aqui. Gostaria de conversar com você.

— E o que teríamos pra conversar? Deixe-me ver se adivinho. Ah! Você vai

continuar me torturando, usando suas alunas pra tentar me causar ciúmes – eu disse.

— Se você não me conhece até agora, você nunca vai me conhecer. Será que não percebe que eu te amo, mas não consigo te perdoar? E o que é essa marca em seu rosto? Você se machucou?

— E por acaso eu estou pedindo o seu perdão? Não quero mais saber de você, professor. E a propósito, essa marca no meu rosto é o resultado da surra que meu pai me deu.

— Surra?

— Sim, meu pai descobriu o que eu fiz em Auschwitz, descobriu meu texto antifascista, descobriu meu exemplar de Albert Einstein, e então me bateu, me deu uma surra de cinto, me proibiu de sair do quarto. Essa é a última vez que piso meus pés nesta universidade. Estou indo embora para o Canadá, embarcarei com minha mãe e com a Anne na próxima semana.

— Canadá?

— Sim. Como bem sabe, meus avós maternos moram lá. Viverei na fazenda deles. Enfim vou para a América! Meus pais decidiram que assim deve ser. Não que eu lhe deva satisfações da minha vida, mas é só pra você saber que a partir de agora não precisa mais fingir nem encenar falsos amores pra tentar me machucar. Você nunca mais me verá. Adeus! – eu me despedi, entrando no carro.

— Lindie, espere – Steve pediu em vão.

DESPREZO



Joseph entrou desesperado no meu quarto. Eu estava deitada, lendo um livro. Havia acabado de arrumar minhas malas com objetos e roupas que ainda faltava guardar. Em três dias eu partiria rumo à América. A marca da surra que levara de meu pai ainda estava em meu rosto.

— O que faz aqui? – Fiquei surpresa ao vê-lo.

— Meu amor, estou aqui para fazer o que é certo!

— Do que está falando, Joseph? Como entrou na minha casa? Meu pai o proibiu de se aproximar de mim.

— Case-se comigo! Estou aqui pra te pedir em casamento. Essa é a maneira que eu encontrei pra me redimir daquela noite em Auschwitz.

— É muito nobre a sua atitude de me pedir em casamento. Eu confesso que aquela noite em Auschwitz é inesquecível, marcou minha vida. Mas eu não posso e nem quero me casar com você agora.

— Duras as suas palavras.

— Estou indo embora da Alemanha. Logo Berlim será bombardeada. Diante dessas circunstâncias, meu pai decidiu que é melhor eu e minha mãe nos refugiarmos bem longe daqui. Partiremos em breve.

— Partir? Pra onde?

— Vamos para o Canadá. Meus avós maternos moram em Toronto, você sabe. Sinto falta da fazenda deles. Faz tempo que não vou à América. Estando lá será muito mais fácil eu estudar na universidade de Princeton, nos Estados Unidos.

— Canadá? Lindie, que marca é essa em seu rosto?

— Não ficou sabendo? Essa marca no meu rosto é o resultado das minhas más escolhas. Meu pai descobriu as coisas que eu fiz em Auschwitz e aqui em Berlim. Ele descobriu meus textos antifascistas, meu livro escrito por Albert Einstein, descobriu que Anne Marie está aqui! Apanhei do senhor Klaus. Ele me deu a maior surra da minha vida.

— Eu lamento muito, e me sinto extremamente culpado. Jamais imaginei que seu pai fosse agir assim, te machucando tanto. O general tem me tratado normalmente; não veio conversar comigo, a não ser por um recado me proibindo

de aparecer aqui. Sua mãe, que é uma mulher doce e generosa, me deixou entrar.

— Meu pai quer evitar mais confusão. Me proibiu de sair desta casa até o dia da minha partida.

— Eu não esperava que isso acontecesse. Estou surpreso. E o Steve?

— Não sei do Steve, não sou mais namorada dele, não estudo mais na universidade. Esqueceu-se de que eu o traí com você? Ele me odeia amargamente.

— Não, meu amor, ele não te odeia. A raiva aflorada é na verdade o avesso de um grande amor ferido. Bom, eu preciso ficar na Alemanha até a guerra acabar. Mas prometo te encontrar no Canadá. – Joseph se aproximou mais de mim, fez carinho no meu rosto. Meu coração acelerou quando as mãos dele tocaram a minha pele.

— Estou muito pesaroso por você ter apanhado de seu pai. Você não merecia. Tudo o que fizemos foi o que achamos ser correto no momento.

— Agradeço suas lamentações. Parte de mim acredita que eu mereci a surra. Eu não tenho o direito de brincar com os sentimentos das pessoas. Mas eu amo o Steve e também amo você. Todos duvidam, mas é verdade. O afeto aqui dentro do meu coração é intenso, eu não quero fazê-los sofrer. O pior é que estou sofrendo porque sou incapaz de escolher, sei que não posso ter os dois.

— Lindie, não precisa se explicar. Eu não quero que chore mais do que já chorou. Venha, me abrace, estou aqui pra me despedir e te consolar. Eu amo você, e não se escolhe quem se ama, apenas amamos. – Ele estendeu seus braços em minha direção e me abraçou forte, como sempre fazia quando ainda éramos namorados. – De qualquer maneira, irei te encontrar na América.

— Adeus, Joseph! – Minha lágrima caiu nos ombros dele.

Joseph se retirou do quarto. Permaneci sentada na cama, cabisbaixa, relembrando suas palavras.

DOIS AMORES



Era quase meia-noite. Eu ainda estava no porão, o sono não vinha e a conversa com Anne Marie se prolongara.

— Preocupada com os iminentes bombardeios? – Anne perguntou, notando meu nervosismo.

— Não. Depois da bomba que já explodiu sobre a minha cabeça, nada mais me assusta.

— Ah, agora virou uma poeta sofredora!

— Eu estou sozinha, Anne. Perdi os dois homens que me amam. Antes de partir para o campo de batalha, o Joseph esteve aqui, me pediu em casamento, e eu recusei, afinal, irei embora para o Canadá.

— Você ainda o ama? Quem você realmente ama? O Joseph ou o Steve?

— O pior é que... Eu amo os dois. Acredite em mim. Ter que escolher apenas um deles é como arrancar um pedaço do meu coração.

— Ninguém pode amar duas pessoas ao mesmo tempo.

— Eu posso!

— Isso não é amor.

— Por que está me dizendo isso, Anne?

— Você quer mesmo saber?

— Sim, eu quero.

— Eu digo porque eu sempre amei o Joseph, sempre fui apaixonada por ele e somente por ele. Eu nunca mais amei homem nenhum em todo esse tempo, desde os nove anos de idade, quando nós três éramos amigos e brincávamos felizes nesta casa.

— Amiga, por que não me disse isso antes?

— Dizer pra quê? Ele sempre teve olhos só pra você. Confesso que eu até tive esperança durante a nossa adolescência, mas ele nunca me viu nem mesmo como uma amiga. E depois começaram as propagandas contra nós, judeus. Começamos a ser tratados como ratos, o Joseph se tornou um nazista e tudo se tornou ainda mais impossível. Eu passei a viver escondida como um animal.

Meu corpo começou a tremer, meus lábios balbuciaram. Eu jamais havia

desconfiado do que ela acabava de me confessar.

— Amiga, estou surpresa com a sua confissão. Jamais imaginei que fosse apaixonada por ele. Mas como você pode gostar de alguém que nunca te deu carinho?

— Como você sabe que ele nunca me deu carinho? A paixão nos deixa cegas. Quando o Joseph sorria pra mim, conversava comigo, isso já era muita coisa pra mim. Quando éramos crianças ele me abraçava, era sim carinhoso, e é desse Joseph que eu sinto falta. Tudo mudou na adolescência, quando ele se apaixonou por você. Ele te ama cegamente.

— Eu sinto muito. Eu peço seu perdão, Anne.

— Você não tem que me perdoar. Não temos culpa do que sentimos. Se eu pudesse escolher, deixaria de amá-lo.

— Pelo menos você me entende. Se eu pudesse deixar de amá-lo eu faria isso. Quem sabe um dia eu seja capaz de escolher, depois que a guerra acabar. Talvez na América eu encontre um novo amor.

— Nós ainda temos paz, minha amiga. Eu sou grata pelo o que fez por mim. Eu sei que você me ama.

— Sim, Anne, eu te amo como se você fosse minha irmã. – Nos abraçamos.

Ao fim daquele abraço, a sirene de alerta tocou indicando bombardeio. O relógio marcava 00:20. Berlim sofreu seu primeiro ataque aéreo. A mais violenta resposta da artilharia antiaérea aos bombardeiros ocorreu por volta das 02:15, momento em que vários aviões britânicos voaram diretamente sobre o centro da cidade, exatamente por cima da chancelaria do Reich.

— Anne Marie, fique aqui. Eu irei até o quarto de minha mãe saber se ela está bem. Ficarei com ela no outro porão – eu a adverti, assustada com o barulho perturbador da sirene de alerta. Em seguida ouvimos os barulhos das explosões.

— Sim. Se as coisas piorarem eu saio da casa – Anne respondeu.

Eu corri até o outro quarto. Minha mãe estava bem. Fomos para o porão e ficamos lá até que os bombardeios terminassem.

O sinal sonoro assinalou o fim dos bombardeios por volta das 03:20 da madrugada. Nos mantivemos encolhidas no chão, choramos de medo. O barulho das bombas explodindo foi assustador.

Outrora o governo garantira que a capital do Reich nunca seria bombardeada pelos aviões inimigos; todavia, era mentira. O temor e a desconfiança

dominaram os corações dos alemães depois daqueles primeiros ataques.

Naquela madrugada de ataques vindo do céu, Steve foi correndo até minha casa para constatar se tudo ainda estava de pé por lá. Entrou desesperado na mansão para ver de perto se eu estava bem.

Algumas casas haviam sido destruídas. O pânico tomou conta de todos.

— Lindie, meu amor! – ele disse.

— Steve! – eu exclamei, aliviada ao vê-lo entrar pela porta da sala. Nos abraçamos.

— Graças a Deus você está bem! Eu precisava vir. Eu precisava te ver. A universidade foi bombardeada! – ele contou-me.

— Berlim não é mais segura. O barulho daquela sirene é perturbador! Estou apavorada. Minha mãe está telefonando pro meu pai. Ela acha melhor irmos logo para um abrigo subterrâneo até embarcarmos para o Canadá. Faltam só três dias para partirmos. Há um bunker enorme construído para os oficiais do exército e suas famílias. Eu tinha certeza que isso aconteceria! A Alemanha inteira será destruída. Eu tenho tanto medo. – Permaneci abraçada a ele.

— Acalme-se. Vai ficar tudo bem. Me abrace. Eu estou aqui pra te proteger! – ele disse.

Minha mãe voltou para a sala após terminar o telefonema.

— Lindie, seu pai me disse que podemos ir para um abrigo subterrâneo até as coisas se acalmarem. Mas ressaltou que não haverá novos bombardeios – ela disse.

— Mãe, eu não acredito em nada disso. Estou com muito medo.

— Apenas líderes importantes estão ocupando os abrigos neste momento, as famílias não estão lá ainda.

— De maneira nenhuma conseguirei mais dormir nessa casa. Por favor, mãe, vamos para um abrigo. Eu só saio de lá quando chegar a hora de embarcar para o Canadá – insisti.

— Pessoas morreram nesta noite. Ouvi os gritos. Dois deles eram meus vizinhos. Casas foram destruídas aqui em Berlim – Steve contou.

— Podíamos ter sido nós a morrermos. Por que as pessoas pagam pela insanidade de seus líderes políticos? – eu estava aflita.

— Eu não entendo isso e nunca entenderei – minha mãe disse, ainda andando de um lado para o outro. — Steve, você pode nos acompanhar até o abrigo e fazer companhia para Lindie? Ela precisa se acalmar.

— Claro que sim. A senhora também precisa se acalmar, dona Evelyn. Durante o dia ficarei no jornal e de noite estarei com vocês no bunker, pelo menos até embarcarem para o Canadá. Já fui convidado para ter um lugar nesse abrigo.

— Então vamos pegar nossas bagagens que já estão prontas e seguir para o bunker. — Evelyn sentia-se mais aliviada.

— Steve, venha até meu quarto, tenho algo a dizer.

— Sim, vamos — ele concordou.

Subimos as escadas. Entramos no quarto.

— Então, aqui estamos. — Steve sorriu.

— Estou surpresa que você tenha vindo até aqui para ver se eu estou bem. Enfim conseguiu me perdoar?

— Sinceramente, eu ainda não sei se sou capaz de te perdoar. Sei apenas que depois dos bombardeios a sua imagem veio à minha mente, então não me contive, corri até aqui para saber se você estava bem. Não vou negar que ainda dói a lembrança da sua traição, no entanto doeria muito mais se alguma coisa ruim te acontecesse.

— Eu queria tanto que você me perdoasse e não sofresse, porque eu também estou sofrendo. Você não sabe como é triste amar duas pessoas ao mesmo tempo e não ser capaz de escolher apenas uma. Eu não sei mais o que faço, eu juro. Também me preocupei com você.

— Tudo bem, Lindie. Esse não é o momento para escolhas amorosas. Nosso país passa por um momento perigoso. Temos que nos preocupar agora em apenas nos manter vivos.

— Você tem razão. Sabe que agora eu me lembrei da nossa dança? Foi a mais linda da minha vida.

— Foi a mais linda da minha vida também.

— Tenho certeza de que você encontrará outra garota que te ame, alguém que você possa amar de verdade. Uma garota pura e sem máculas. Se não consegue me perdoar, é melhor que seja assim, e que permaneçam apenas as nossas boas lembranças. Logo estou indo embora.

— Estou triste pela sua partida, mas, se é para o seu bem, então que assim seja.

— Há dois abrigos em Berlim construídos para os civis importantes, funcionários do governo e militares. Talvez seja melhor você não ficar no mesmo bunker que eu. Há três soldados que vigiam a minha casa. Um deles pode nos acompanhar até o meu bunker; fica longe da sede do governo, afastado do centro.

— Se é dessa maneira que você prefere, não vou contrariá-la, mas não saio daqui sem antes te dar um último beijo. — Steve me segurou pela cintura e deu-

me o beijo mais doce de toda a minha vida.

— Adeus, Lindie, meu amor. — Ele se retirou, contendo sua emoção. Foi grande a dor da despedida.

Comecei a chorar e fui até o porão falar com minha amiga que, aflita, aguardava notícias.

— Anne Marie, pegue suas coisas, vamos para um abrigo antiaéreo agora mesmo. Aqui não é mais seguro.

— Está certo. Meus pertences já estão na bagagem. Por que está chorando, Lindie? Além dos bombardeios, há outra razão?

— O Steve esteve aqui, despediu-se. Ele me beijou.

— Eu ouvi tudo. Aliás, não só ouvi como também espiei toda a cena pela fresta da porta. Não resisti de curiosidade. Lamento que ele ainda não consiga te perdoar. Mas se te beijou com tanto amor e carinho, é porque te ama de verdade.

— Agora isso já não importa mais, estamos indo embora da Alemanha.

— Tem toda a razão. Temos que esquecer esses homens, vamos começar uma vida nova em outro país. E você, Lindie, conquistará novos amores. Mas, por favor, não continue se apaixonando por dois homens ao mesmo tempo.

— Sábias palavras, minha amiga. Eu vou tentar. Agora me acompanhe, vamos sair daqui imediatamente.

DESPEDIDA



Anne Marie, eu e Evelyn ficamos por três dias no abrigo antiaéreo, construído especialmente para os oficiais do exército e suas famílias. Publicamente, Evelyn assumiu Anne como sendo sua sobrinha, filha de uma irmã falecida, e ninguém duvidou de nada.

Steve passou a dormir em um dos abrigos no centro da cidade e, até aquele momento, Joseph ainda não havia voltado das trincheiras nas cercanias do país. As coisas ficavam cada vez mais difíceis.

Enfim chegara a hora de partir. Minha mãe, Anne e eu fomos acompanhadas pelo meu pai até o porto de Butjadingen. Era o momento de embarcar no navio rumo à América. Minha mãe e eu nos despedimos do general.

— Pai, sentirei muito a sua falta. Eu peço perdão por tudo o que fiz de errado. Não demore a nos encontrar no Canadá. Eu te amo. — Eu declarei, pedindo a remissão de meus delitos, e o abracei.

— Eu também te amo muito, Lindie. Logo estarei lá com vocês. E é claro que te perdoo. Você é minha filha. Tudo que fiz foi para seu próprio bem. Visitarei a América quando as coisas melhorarem por aqui — o general disse, retribuindo meu abraço.

— Meu amor, eu te amo tanto. Sentirei muito a sua falta. Minha vida não será a mesma longe de você — Evelyn declarou ao abraçar o marido com ternura.

— Evelyn, cuide bem de nossa filha, e não se esqueça de que eu também te amo — ele afirmou, beijando a esposa.

— General Brückner, muito obrigada por me ajudar. Nunca esquecerei de sua bondade para comigo — Anne Marie agradeceu-lhe com um sorriso.

— Aproveite essa chance, Anne Marie. Faça companhia à minha filha e dê a ela bons conselhos. Sei que você é uma boa amiga — despediu-se da judia com um aperto de mão.

— Farei isso, general — Anne prometeu.

Depois das despedidas, meu pai Klaus retirou-se do cais e então minha mãe, eu e Anne seguimos direto para o embarque. Naquele instante ouvimos gritos. Era o Joseph, que chamava pelo meu nome.

— Joseph! – eu exclamei, surpresa.

Evelyn e Anne Marie observavam aquele momento com curiosidade.

— Joseph! O que faz aqui? Estamos embarcando – Evelyn disse.

— Estou aqui para me despedir de vocês. Principalmente de você, Lindie – Joseph respondeu com um brilho no olhar.

— Obrigada por ter vindo. Espero que você tenha sorte no campo de batalha e sobreviva. Escreva cartas pra mim. – Eu demonstrei meu desejo de manter contato. Minha alma quase pediu para que ele, meu amado soldado, fosse embora comigo.

— Escreverei com certeza. Dona Evelyn, desejo-lhe uma boa viagem à América – ele manifestou sua gentileza.

— Muito obrigada. Você realmente é um cavalheiro; um pouco ousado, mas ainda assim um bom rapaz. – Evelyn referiu-se ao ocorrido em Auschwitz.

— Obrigado, senhora Evelyn. Anne Marie, espero que você seja feliz nesse novo recomeço, e vê se cuida da Lindie pra mim. – Em seguida, Joseph sussurrou ao pé do ouvido dela: – Não deixe que ela namore nenhum outro rapaz.

— Pode deixar comigo, Joseph! Prometo tentar, embora ache meio difícil controlar a Lindie. Sabe como é, não é mesmo? Ela é livre demais, e tem o costume de se apaixonar por duas pessoas ao mesmo tempo. Muito obrigada por ter me ajudado a sair de Auschwitz. Você é o nazista mais legal que eu conheci. – Anne Marie agradeceu-lhe, o abraçando fortemente.

Depois do abraço de Anne, meu príncipe Joseph se aproximou mais de mim e sussurrou, com a cabeça reclinada próximo à minha nuca:

— Nunca se esqueça de que eu te amo. Tenho certeza de que quando toda essa guerra acabar, você estará de volta e seremos felizes, em paz. – Demonstrou os sinceros desejos de seu coração.

— Eu espero que esse dia chegue em breve. Entretanto, durante esse tempo de espera, caso você encontre outra garota que possa ser a esposa que você merece, fique à vontade para ser feliz com ela – eu respondi de modo realista, sincero e sem hesitação.

— Não diga isso, Lindie! Outra mulher como você eu nunca encontrarei. Uma mulher cheia de surpresas, tão misteriosa, ousada, com um olhar único e atraente. Onde existirá outra tão inteligente e fascinante? Me lembrarei de você

todos os dias e todas as noites, porque te amarei para sempre. – Ele me beijou de modo carinhoso, mas nesse beijo eu pude sentir a dor da despedida.

Durante o beijo senti ainda um forte arrepio por todo o corpo. Era a chama de um sentimento que não podia ser apagado.

— Adeus, Joseph. – Abracei-o mais uma vez e depois, aos poucos, fui dando meus passos de volta ao meu trajeto para dentro do navio.

Ao subir as escadas, no último segundo, eu olhei para trás e pude avistar de longe Steve, que me observava com o rosto cheio de angústia. Eu não sorri, apenas nos despedimos com olhares de adeus.

Embarcamos.

— Minha amiga, você é que tem sorte. Tem dois namorados maravilhosos e românticos! Tem dois homens lindos que te amam e eu não tenho ninguém! – Anne Marie exclamou empolgada, após presenciar as manifestações de amor recebidas por mim.

— Ilusão sua, Anne! De que adianta ter dois homens que me amam se eu não posso ficar com nenhum deles? – fiz a pergunta certa já dentro do navio.

— Não pode só porque não quer!

— Claro que eu quero. O único problema é que se eu não sou capaz de escolher entre um deles, prefiro ficar sozinha, sem ninguém.

— Sabe de uma coisa? Acho que você precisa mesmo é de um terceiro amor pra desempatar – Anne sugeriu.

— Você ficou louca? Se já é difícil escolher entre dois, imagine três!

Nós rimos.

MUNDO NOVO



O Canadá parecia pertencer a outro mundo, muito diferente daquele de outrora, onde vivi por tantos anos. A sensação de estar na América canadense era a de que não existia nenhuma guerra acontecendo, nenhum massacre ao redor do mundo, nenhum horror nazista.

A fazenda de lavanda de meus avós maternos, Gaultier Lavoie e Apolline Lavoie, era um lugar maravilhoso, com rios de águas claras e cristalinas, cachoeiras grandes, lagoas azuis, animais de todo o tipo, natureza bela e infinita. Diante de tanta beleza, livre das ameaças de bombardeios, o meu coração pôde enfim sentir um pouco de paz e alívio.

O sol brilhava intensamente no céu de Toronto naquela manhã de verão. Eu, jovem, dona de um coração dividido, estava sentada à beira do lago. Acabara de ler mais uma carta que havia recebido de Joseph. Todo mês chegava uma. Eu sempre respondia. Ao mesmo tempo sentia que estava perdendo-o aos poucos. Meu avô Gaultier se aproximou e iniciou comigo uma tenra conversa.

— Lindie, minha filha, você parece preocupada. Está tão quieta, com o pensamento longe. Por acaso deixou para trás algo muito importante, um amor em Berlim? – ele me perguntou como se já soubesse a resposta.

— Vovô, não consigo esconder nada de você – respondi.

— E nem precisa. Estou aqui para ajudá-la sempre.

— Acertou. Mas um amor não, são dois amores! – confessei.

— Tem dois amores? Conte-me com mais detalhes sobre como é isso.

— Como sabe, namorei por um tempo Joseph Kaiser, o soldado que me envia sempre essas cartas.

— Sim, eu sei.

— Depois que entrei para a Universidade de Berlim conheci o Steve, meu professor de Filosofia. Na verdade, eu já o conheci anos antes; ele dançou comigo a valsa mais linda de todas em minha festa de dezesesseis anos.

— E então?

— Depois que iniciaram as aulas na faculdade, ficamos muito amigos, e então me apaixonei por ele também. Comecei a ficar tão confusa que praticamente namorei os dois ao mesmo tempo. Mas agora estou sozinha. Já faz um ano que estou aqui e não tive mais notícias do Steve.

— Eu entendo você. Sua confusão é comum em sua idade, mas tende a passar conforme você amadurece. Está triste porque não foi capaz de escolher entre um deles, não é mesmo?

— Sim, vovô, e principalmente porque eu não pude ser sincera e nem fiel.

— Escute seu avô, Lindie. É certo que você não ama os dois ao mesmo tempo. Talvez até não ame nenhum dos dois.

— É isso que já me disseram. Ninguém acredita que possa amar os dois.

— Eu não duvido que você sinta um afeto verdadeiro e até paixão por esses dois homens. Consegue entender? O que você sente por eles é atração, paixão e afeto sincero. Esses sentimentos fazem parte do amor, mas somente eles não podem sustentar o amor.

— Por que não?

— Porque o amor entre um homem e uma mulher, pra ser completo, precisa de dedicação exclusiva. Não digo que é impossível, mas é muito difícil se dedicar completamente a mais de uma pessoa. E isso em todos os aspectos. Torna-se impraticável dedicar-se integralmente, e de igual maneira, a duas pessoas.

— Seja como for, eu não fui capaz de escolher.

— Não foi capaz de escolher porque você era dependente do afeto daqueles dois homens.

— Tive certeza desse sentimento em Auschwitz.

— O que aconteceu em Auschwitz?

— Eu servi lá, só por uns dias, para resgatar minha amiga Anne Marie. Na época eu estava namorando o Steve. Mas lá acabei encontrando o Joseph, que me ajudou a resgatá-la. Em uma noite, fiquei horrorizada por ter visto os corpos das vítimas empilhados nos valões. Eu mal conseguia dormir de desespero. Sem que eu esperasse, o Joseph entrou no meu quarto, me consolou, me deu carinho e ficamos juntos. Até dançamos.

— E depois Joseph voltou a te procurar?

— Sim, ele foi até a minha casa e me pediu em casamento, mas eu não aceitei.

— E o Steve sentiu-se tão humilhado por ter sido traído que te deixou.

— Sim, foi o que aconteceu. Pra piorar, eu ainda ganhei uma surra do meu pai. Ele descobriu que eu lia Albert Einstein e escrevia textos antifascistas. Vovô, eu tenho tanta vergonha do que fiz. Mas infelizmente eu não posso voltar no tempo e mudar as coisas como foram.

— Eu aconselho você a se esquecer de tudo isso, principalmente desses amores que não deram certo. E esquecer-los não significa que não se lembrará mais de que eles existem, significa que você não ficará pensando neles, nem nos erros que cometeu. Passei por muitas experiências que me ensinaram como eu devo ser. A vida está se encarregando de colocar cada coisa em seu lugar. — O vovô Gaultier finalizou suas palavras me abraçando.

FIM DA GUERRA



Era dezembro de 1944 quando eu recebi a triste notícia. Desci as escadas e me deparei com minha mãe chorando sentada no sofá da sala, enquanto Gaultier e Apolline consolavam-na. Anne Marie estava ao lado de minha mãe; mantinha a mão no ombro dela em sinal de apoio.

- Mãe, o que aconteceu? Por que está chorando? – perguntei.
- Lindie, querida, você precisa ser forte – minha mãe respondeu.
- Forte? Por quê? – Me senti perdida.
- Seu pai faleceu na Polônia! – a vovó Apolline anunciou sem mais rodeios.
- O quê? Como assim? Meu pai morreu? – Eu quase não quis acreditar.
- O acampamento do seu pai sofreu um ataque de soldados russos. Ele foi atingido por tiros e morreu – vovó explicou a tragédia me abraçando.
- Isso não pode ser verdade. – Indignei-me com os olhos marejados.
- Infelizmente é verdade sim, minha querida. Mas eu sou seu avô, estou aqui pra cuidar de você e de sua mãe – o vovô disse, de modo carinhoso.
- Amiga, sei bem o que está sentindo. Eu tento não chorar toda vez que me lembro do dia em que eu e meus pais fomos presos e levados para campos diferentes. Eles devem estar mortos agora. A dor é tanta que eu não tenho forças pra chorar – Anne Marie disse com os olhos lacrimejando.
- Tudo é tão insano. Ver aquelas mortes e pessoas sendo torturadas, morrendo de fome em Auschwitz, foi horrível – eu disse, abraçando em seguida meus avós e minha mãe, que chorou comigo.

Em março de 1945 os bombardeios contra a Alemanha foram os mais intensos de todos os tempos. Durante os momentos de cessar fogo, o que todos podiam ver era uma Berlim completamente destruída.

Em 2 de maio de 1945 o exército russo, conhecido como Exército Vermelho,

invadiu a cidade de Berlim, que já estava completamente destruída pelos bombardeios ingleses e americanos. A guerra estava perdida e a Alemanha derrotada.

CARTA DO ADEUS



Chorando, subi as escadas e tranquei-me no quarto. Após ler a última carta que Joseph havia me enviado, senti que tudo havia acabado para sempre. Aquela foi a carta da despedida. Nela meu soldado deixou muito claro que me amou muito, mas que enfim havia encontrado um novo amor, pleno e completo.

“... Nunca esqueça que eu te amei de verdade, Lindie, mas enfim tomei a decisão de me casar com a Sophia, uma garota linda e companheira. Estou feliz e espero que você também esteja.”

Anne Marie apareceu. Me viu jogada na cama, inconsolável.

— O que aconteceu, Lindie? Por que está chorando tanto? – Ela sentou-se ao meu lado.

— Anne Marie, acabou! Acabou tudo! – respondi.

— O que acabou?

— O Joseph se casou. Ele se casou com uma tal Sophia, uma garota que conheceu em um bunker em Berlim. Eu acabo de ler a última carta que ele me enviou. Foi a carta de adeus – expliquei.

— É melhor assim, amiga. Já que você não foi capaz de fazer sua escolha, ele escolheu por você. Você não esperava que ele passasse o resto da vida te esperando, não é mesmo? Deixe-me ler a carta. – Anne Marie estendeu a mão para pegar a folha de papel.

— Aqui está. Leia! Ele casou-se em Frankfurt. – Entreguei-lhe a carta.

Anne leu tudo minuciosamente. Depois de um minuto manifestou-se favorável ao mais novo fato:

— Li tudo o que está escrito aqui. Não vou mentir dizendo que meu coração não sente uma ponta de inveja dessa Sophia, mas, enfim, acabou o cansativo jogo de indecisão. Tudo passa, e essa situação não poderia durar para sempre.

— Sim, é verdade. Eu sei disso, mas machuca.

— As pessoas amadurecem e finalmente fazem suas escolhas. Ao menos aquela noite em Auschwitz será a sua lembrança boa. Foi a noite da sua vida! Aconteça o que acontecer, nada mudará o fato de que o Joseph foi primeiro seu, e depois dessa tal Sophia. Sinta-se vitoriosa, esse é seu prêmio e é de você que

ele sempre vai se lembrar – Anne Marie tentou me consolar.

— Anne Marie, só você mesma pra achar que eu tenho que me sentir vitoriosa por ter sido eu o primeiro e único grande amor da vida do Joseph.

— Garanto que ele também se sente vitorioso, porque, por mais que no futuro você fique com outro homem, será do Joseph que você se lembrará. Foi o seu primeiro grande amor, antes mesmo do Steve.

— Amiga, você até está certa. Pensando assim, você tem um pouco de razão, afinal de contas, tudo que eu tinha pra perder eu já perdi.

— Então enxugue essas lágrimas! Vamos tomar um banho de cachoeira. Lá fora o dia está lindo! – ela tentou me animar, fazendo o convite.

Mas eu ainda não estava preparada para acompanhar minha amiga naquela pretensa comemoração, e passei o resto do dia deitada na cama, lembrando-me dos momentos que vivi com Joseph. Um desses momentos aconteceu no verão de 1936, quando Joseph e eu passamos férias nas praias do mar Báltico, juntamente com meus pais. Entramos juntos nas águas do mar, namoramos na areia, éramos apaixonados.

— Com você eu fui feliz, Joseph. Estou tão arrependida de não ter aceitado o seu pedido de casamento. Agora já é tarde demais. Você já se casou com outra mulher, com certeza mais digna do seu amor do que eu – afirmei a mim mesma enquanto olhava nostalgicamente para uma foto minha com Joseph nas areias da praia.

ENCONTRO EM PRINCETON



Depois que tudo isso aconteceu, minha mãe contou-me em detalhes os fatos ocorridos naquele dia. Ela estava sentada no sofá da sala, lia sua revista de moda favorita. Depois que meu pai faleceu, nunca mais voltamos à Alemanha. Nossa vida no Canadá estava tranquila, a fazenda onde vivíamos com meus avós representava nossa paz. De repente, a campainha tocou. Minha mãe pensou em levantar-se, mas a empregada abriu a porta antes que o tivesse feito.

— Senhora Evelyn, tem um homem na porta. Ele está pedindo para ver a Lindie – a criada anunciou.

— Um homem? – minha mãe se mostrou surpresa.

— Sim, o nome dele é Steve Heinrich, disse que veio da Alemanha.

— Steve? Que surpresa. Ah, sim. Diga a ele que entre – ela autorizou a entrada.

Ansioso, o jornalista adentrou a sala. Queria muito me ver.

— Senhora Evelyn – ele cumprimentou-a.

— Steve. Que surpresa vê-lo aqui no Canadá.

— Desculpe não ter avisado que eu viria, mas é que eu tinha apenas o seu endereço que deixou comigo antes de seguirmos para os bunkers naquela noite dos bombardeios. Como eu não tinha telefone, não podia avisar de imediato e uma carta não chegaria a tempo. Minha decisão de vir foi de última hora – ele explicou-se.

— Está tudo bem. Você é um homem de confiança. Mas acredito que não atravessou o oceano apenas para me fazer a visita.

— Não. Na verdade, estou aqui para ver a Lindie. Preciso dizer a ela o quanto eu a amo. Onde ela está?

— Primeiramente sente-se, professor.

— Não, obrigado – ele recusou, demonstrando ansiedade.

— Muito lindo de sua parte atravessar o oceano para demonstrar seu amor por minha filha. Saiba que a Lindie adoraria ouvir o que você tem a dizer, mas acontece que ela não mora mais aqui no Canadá.

— Não?

— Não no momento! Já faz uma semana que ela foi para os Estados Unidos.
— Para os Estados Unidos?
— Sim. A Lindie foi aceita na universidade de Princeton para estudar Física.
— Então eu cheguei tarde... Mas, enfim, ela poderá realizar o grande sonho dela.
— Tarde? Por que, Steve? Os Estados Unidos são logo aqui do lado! Não seja tolo, vá atrás dela. Você não atravessou o oceano por nada, não é mesmo?
Ele pensou por alguns instantes.
— A senhora tem razão. Irei aos Estados Unidos reencontrá-la! – garantiu, encorajado.
— Aqui está o endereço do apartamento onde ela está morando com sua amiga Anne Marie. Se você quiser, pode hospedar-se aqui até comprar sua passagem e conseguir a documentação necessária para entrar lá.
— Obrigado, senhora Evelyn! Pretendo reconquistar sua filha.
— Não será preciso, ela já te ama. E me diga uma coisa: é verdade que o Joseph já se casou na Alemanha?
— Sim, ele se casou com uma linda jovem chamada Sophia. Aliás, eles já têm um filho recém-nascido. Eu o encontrei com a esposa antes da minha viagem pra cá. Eles se conheceram durante os meses que passamos escondidos no bunker. Uma ex-aluna minha, a Alice, também estava, e foi quem me convenceu a vir à América procurar a Lindie.
— Então o que está esperando? Vá logo providenciar a passagem e seus documentos para entrar nos Estados Unidos! Tenha pressa, precisa chegar lá antes que a Lindie se apaixone por outro professor – minha mãe disse, sorrindo.
— Sim, tem toda a razão. Até logo, senhora.
— Até logo, rapaz.

O coração de Steve estava cheio de esperanças. Ele ansiava para me ter mais uma vez em seus braços.

Anne e eu estávamos animadas para o início das aulas em Princeton, no estado de Nova Jersey.

— Anne Marie, eu estou pronta para ir à universidade e começar a estudar o que eu realmente amo: Física! – exclamei aos risos, enquanto me arrumava em frente ao espelho.

— Amiga, você está linda! Não vai demorar muito para um jovem físico se interessar por você. – Anne se mostrou empolgada.

— Não quero saber de paixão tão cedo.

— Até parece que eu acredito no que você diz. Lindie, a garota mais desinibida que eu conheço, se é que você me entende.

— Nem precisa me dizer o porquê de você pensar assim. Sei que tem a ver com aquela noite em Auschwitz – respondi, entendendo muito bem o que ela queria me dizer.

A campainha tocou. Eu não podia imaginar quem era, ainda não tinha amigos na cidade de Princeton.

— Você pode abrir a porta e ver quem é, por favor? Preciso terminar de arrumar meu cabelo. Deve ser a funcionária da modista com a qual encomendei um vestido novo – pedi a Anne que me fizesse esse favor.

— Claro. Vou lá agora. Deve ser mesmo a funcionária da modista.

Ao abrir a porta, Anne Marie teve uma surpresa. Era Steve que estava ali.

— Steve, é você mesmo? – ela disse.

— Sim, Anne Marie! Sou eu mesmo! Estou aqui para reconquistar o coração da Lindie. – Ele cumprimentou-a com um abraço.

— Entre – convidou-o.

Ele entrou.

— Eu jurava que essa história já tinha terminado! Bom, pelo menos o Joseph já está fora da jogada. Você fez bem em ter vindo logo. As aulas da Lindie começam hoje. E se ela se apaixona por outro professor? Você correu sérios riscos.

— A mãe dela me deu esse mesmo conselho – ele disse com um sorriso.

Naquele instante eu entrei na sala. Meus olhos ficaram surpresos e alegres com a presença de Steve.

— Amiga, olha quem está aqui! O amor da sua vida! Steve – Anne Marie anunciou com um largo sorriso.

— Lindie! – ele chamou-me pelo nome.

— Steve. – Fiquei paralisada, sem saber como agir.

— Com licença. Eu vou deixá-los a sós. Tenho que sair agora. Até logo – Anne se despediu.

— Atravessei o oceano por você – Steve disse, aproximando-se de mim.

— Por três anos não tive notícias suas. Confesso que estou surpresa por vê-lo aqui. Como sabia onde me encontrar?

— Eu estive no Canadá e conversei com sua mãe. Ela me deu o endereço. Fico feliz que você tenha realizado seu sonho de ser aceita na Universidade de Princeton.

— Eu estou muito feliz também. Aliás, estou indo pra lá agora. Mas imagino que você não tenha vindo aqui apenas pra me fazer uma visita – eu cogitei, já sentindo meu coração bater mais forte.

— Sim, exatamente. Eu não atravesssei o oceano apenas pra lhe fazer uma visita. Estou aqui pra dizer que eu te amo e que quero me casar com você. Não parei de pensar em você em nenhum momento durante esses anos.

— E por acaso sabe se eu também quero me casar? Você sabe se eu ainda te amo?

— Eu não sei. Então me diga. Lindie, ainda me ama?

Meu coração disparou de um jeito que denunciava meus sentimentos naquele instante.

Devagar, eu aproximei meu rosto do rosto dele e disse:

— Isso responde a sua pergunta? – Eu o beijei como da primeira vez.

— Perfeitamente – ele respondeu, me beijando de modo apaixonado.

Nosso abraço foi longo, do tipo que dizia que jamais ficaríamos separados novamente.

Eu caminhei ansiosa pelos corredores da Universidade de Princeton. Até aquele momento ainda não havia visto lá o professor Albert Einstein. Olhei para todos os lados, freneticamente, na esperança de avistar o grande gênio da Física.

De repente, meus olhos brilharam de fascínio. Ao entrar no pátio principal, enfim pude vê-lo. Lá estava ele, o grande mito da Física Moderna a caminho da sala de aula, no imenso templo do saber. Rapidamente, com o coração acelerado, eu me aproximei dele.

— Professor Einstein – eu chamei-o pelo nome, com um olhar radiante e batimentos cardíacos cada vez mais fortes. Ele estava de costas.

Einstein virou-se em minha direção e olhou surpreso o meu semblante de jovem admirada.

— Boa tarde. Me chamo Lindie Brückner, sou a mais nova aluna do curso de Física aqui em Princeton. É um prazer conhecê-lo, professor. Eu admiro muito o seu trabalho – apresentei-me, sorrindo.

— Bem-vinda a Princeton, senhorita Brückner. – Einstein saudou-me sorrindo com um parto de mãos.

Finalmente eu havia realizado um dos meus maiores sonhos.

Table of Contents

[FOGUEIRA](#)

[ANIVERSÁRIO DE DEZESSEIS ANOS](#)

[CRISTAIS](#)

[FLORES](#)

[DESCOBERTAS](#)

[NOVO SENTIMENTO](#)

[MEDOS](#)

[GUERRA](#)

[O PROFESSOR](#)

[CORAÇÃO DIVIDIDO](#)

[PRISIONEIRO](#)

[A CHEGADA](#)

[LÁGRIMAS DE UMA GAROTA EM AUSCHWITZ](#)

[NOTÍCIA](#)

[A FUGA](#)

[A VERDADE](#)

[CASTIGO](#)

[DESPREZO](#)

[DOIS AMORES](#)

[DESPEDIDA](#)

[MUNDO NOVO](#)

[FIM DA GUERRA](#)

[CARTA DO ADEUS](#)

[ENCONTRO EM PRINCETON](#)